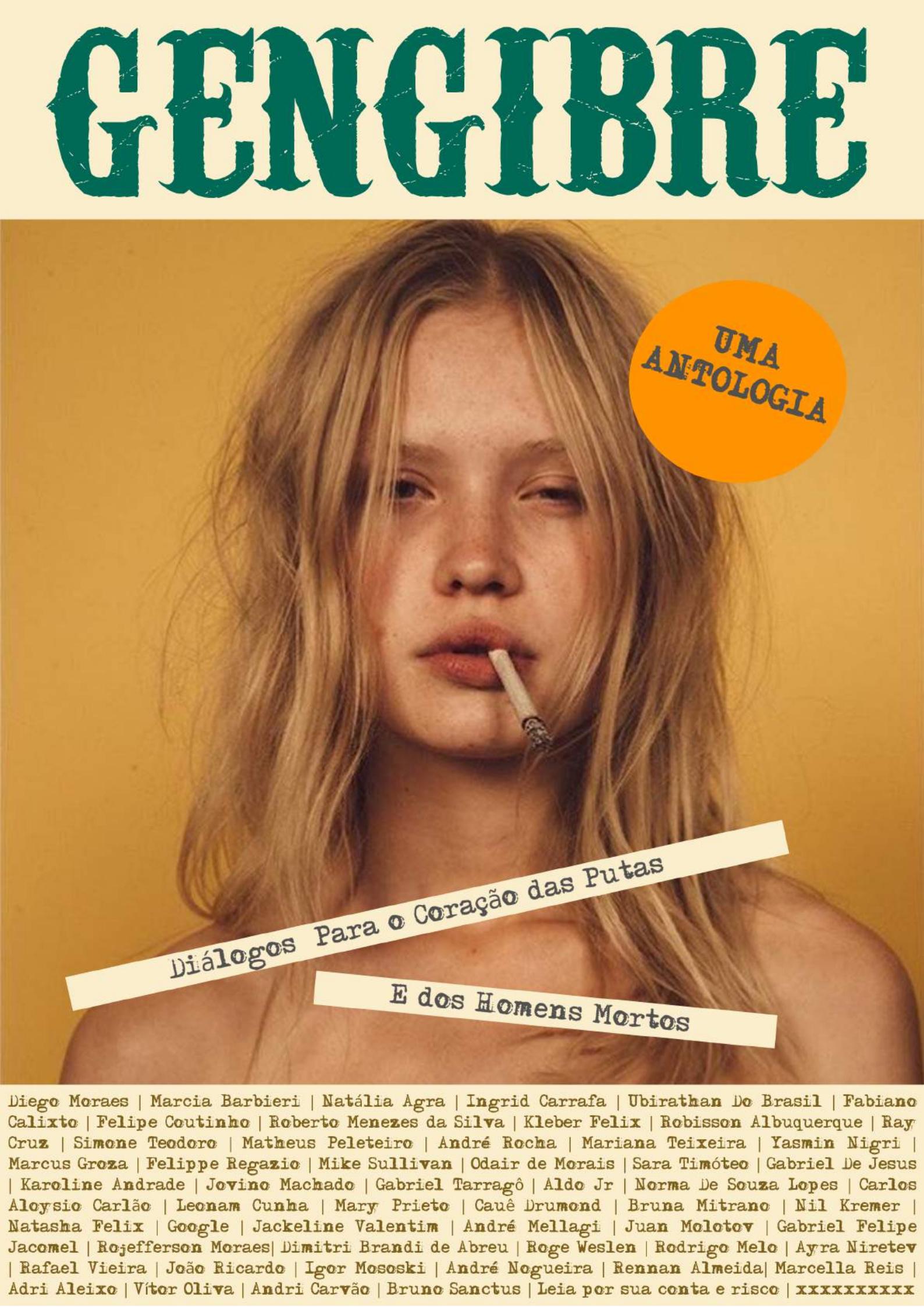


GENGIBRE



UMA
ANTOLOGIA

Diálogos Para o Coração das Putas

E dos Homens Mortos

Diego Moraes | Marcia Barbieri | Natália Agra | Ingrid Carrafa | Ubirathan Do Brasil | Fabiano Calixto | Felipe Coutinho | Roberto Menezes da Silva | Kleber Felix | Robisson Albuquerque | Ray Cruz | Simone Teodoro | Matheus Peleteiro | André Rocha | Mariana Teixeira | Yasmin Nigri | Marcus Groza | Felippe Regazio | Mike Sullivan | Odair de Moraes | Sara Timóteo | Gabriel De Jesus | Karoline Andrade | Jovino Machado | Gabriel Tarragô | Aldo Jr | Norma De Souza Lopes | Carlos Aloysio Carlão | Leonam Cunha | Mary Prieto | Cauê Drumond | Bruna Mitrano | Nil Kremer | Natasha Felix | Google | Jackeline Valentim | André Mellagi | Juan Molotov | Gabriel Felipe Jacomel | Rojefferson Moraes | Dimitri Brandi de Abreu | Roge Weslen | Rodrigo Melo | Ayra Niretev | Rafael Vieira | João Ricardo | Igor Mososki | André Nogueira | Rennan Almeida | Marcella Reis | Adri Aleixo | Vítor Oliva | Andri Carvão | Bruno Sanctus | Leia por sua conta e risco | xxxxxxxxx

Tá tudo aqui. Ladrões, justiceiros, caçadores de recompensa, assassinos de aluguel, xerifes, ripadores de carteiras, curandeiras, donzelas, bruxas, mocinhos e mocinhas, lobos solitários, putas barbadas circenses e toda a laia da mais duvidosa corja existente em todas as quebradas e fronteiras literárias, frente a frente pra uma conversa. E o crime? Escrever.

Juntamos toda essa malta e fizemos essa digníssima Antologia. A única coisa em comum é que todo texto contém um diálogo ou a sombra de um, uma frase que reviveria o amor na vida daquela puta desacreditada, que levantaria da vala um homem morto. De resto, isso aqui é uma constelação distante se esbarrando a cada segundo. Boa leitura.



curadoria, organização e produção
Felippe Regazio

Diego Moraes 05 Marcia Barbieri 06 Natália Agra 09 Ingrid Carrafa II Ubirathan Do Brasil I2 Fabiano Calixto I3 Felipe Coutinho 22 Roberto Menezes 23 Kleber Felix 25 Robisson Albuquerque 27 Ray Cruz 29 Simone Teodoro 30 Matheus Peleteiro 32 André Rocha 35 Mariana Teixeira 36 Yasmin Nigri 37 Marcus Groza 38 Felippe Regazio 40 Mike Sullivan 42 Odair de Moraes 43 Sara Timóteo 44 Gabriel De Jesus 46 Karoline Andrade 49 Jovino Machado 50 Gabriel Tarragô 51 Aldo Jr 55 Norma De Souza Lopes 56 Carlos Aloysio Carlão 58 Leonam Cunha 61 Mary Prieto 62 Cauê Drumond 63 Bruna Mitrano 66 Nil Kremer 67 Natasha Felix 70 Google 71 Jackeline Valentim 72 André Mellagi 73 Juan Molotov 78 Gabriel Felipe Jacomel 81 Rojefferson Moraes 83 Dimitri Brandi 84 Roge Weslen 89 Rodrigo Melo 92 Ayra Niretev 95 Rafael Vieira 98 João Ricardo 100 Igor Moroski 103 André Nogueira 105 Rennan Almeida 106 Marcella Reis 109 Adri Aleixo 112 Vítor Oliva 113 Andri Carvão 121 Bruno Sanctus 128 | xxxxxx

Pág 05 ~ I35 Textos
Pág I35 ~ I49 Pequena Biografia dos Autores
Pág I50 ~ Considerações Finais

5

WALTER SMITH. 15 12 24
1357 IT 11 22

D3
Y3

GENIBRE



Tom Jobim

Um Conto de Diego Moraes

Tocou baden powell, tom jobim, cartola, paulinho da viola e a garçonete roçando os peitos na minha cara toda vez que abria garrafas de antártica. "me espera até 4 da manhã?" e a peteca de pó brilhante e amarga no bolso. Saravá. Tranca rua anda comigo. Tranca rua me protege contra as artimanhas da vingança e os embaçamentos do amor. Fomos para outro bar onde o silêncio umedecia seus lábios de pomba gira cheia de cicatrizes de humilhações e abusos do pai sargento da PM. "papai me tocava na infância. mamãe via tudo pela brecha da porta". e cheiramos uma, duas, três, quatro e vinte cinco carreiras no assento da privada do banheiro e uma hora a dona do recinto enjoou da nossa pegação e malícia e disse "tá bom. vou fechar. brigadinho pela presença. sexta-feira que vem vou fazer churrasco e x-salada. apareçam". Aí entramos num táxi e descemos numa favela sinistra da zona leste. continuamos trepando, bebendo, cheirando e quando acabou o dinheiro vendi o tênis, o relógio, o celular, o cordão de ouro que ganhei de herança do meu avô e uma camiseta original do palmeiras. Zé pilintra rindo e querendo mais. "abortei um filho de papai. Ele pagou clínica e tratamento. Meu útero ficando desse tamanhinho assim (e fez uma bola com as mãos como se fosse uma fruta doce que apanhamos na fruteira da cozinha). Fugi. Ninguém sabe que estou em Manaus. Aqui é melhor que Cuiabá." e uma hora eu disse que não queria nada da vida. Que poderia ser qualquer coisa, mas escolhi ser poeta. que poeta tem peito de chumbo quando bota o lirismo na frente dos bois. Ela chorando. Esquentando meu peito com lágrimas quentes de cachoeira das almas. "fica comigo. casa comigo?" e eu entrando em paranoia. a cabeça em parafuso "preciso cair fora daqui. Essa mina é uma cilada braba. Vou me foder. Quero meu computador com a pasta do meu romance. Estou com saudade do meu cachorro." e levantei feito Golias abatido por uma pedrada de Davi e sai só de bermuda com mil Exus amarrados na serpente tatuada nas minhas costas. O nariz sangrando de tanto cheirar o precipício do amor. Ela gritando. "Diego! Diego! Fica!" enquanto descia a ladeira da avenida com nome de ditador. Montei num moto-taxi. A brisa gélida enxugando meu choro. Nunca mais veria Vânia. Uns falam que o pai mandou matar. Outros falam que a mulher de um traficante deu quatro tiros na cabeça. A covardia de não ter abraçado o amor dói no rim até hoje. Ela morreu sem saber que meu próximo livro tem seu nome na primeira página junto com poema tão lindo quanto o sorriso de uma criança que ganha uma bicicleta nova. O amor é uma retroescavadeira acabando com o coração.

A Casa das Aranhas

Um texto de Márcia Barbieri

Eu não queria, entretanto, ela insistiu tanto que não vi outra solução a não ser concordar, ela me convencia das coisas mais abjetas. Em menos de duas semanas todos os nossos objetos estavam no porão e meus olhos já começavam a se acostumar com a escassez de luz e a ausência de ruídos. Um fio translúcido tomava parte do teto em ruínas, em um ângulo torto pulsava vidas em minúsculos novelos brancos. A arquitetura de dedos não-humanos me fascinava. Gostava de imaginar as falanges cadavéricas dos fantasmas e dos aracnídeos. Eu me contorcia, no entanto, a cólica se alastrava pelo meu rim esquerdo, uma duas três, da última vez a radiografia constatou três pedras descendo pela uretra. Fiquei imaginando-as percorrendo as veias do meu pau, senti um arrepio. Retomei o juízo e me pus de pé novamente. O velório íntimo tomava conta da escuridão da tarde. Tanto tempo depois e ela continuava tão estática quanto antes. Odiava quando ela se calava, eu podia ver atrás de suas têmporas os insetos ruminando tempestades dentro da sua frágil caixa craniana. Prestei atenção na sua maquiagem, parecia perfeita, ainda que eu não entenda nada sobre esse assunto, prefiro os rostos bem lavados, nos quais se pode contar as imperfeições e os vincos, não havia suor desmanchando a perfeição simulada pelo corretivo e pelo pó compacto, os cílios lhe davam um aspecto um tanto cômico, de mulher de boutique ou bruxa fabricada, achei que também exageraram na cor do blush. Cheguei mais perto e soprei com cuidado seus supercílios. Fiquei com o ar preso na traqueia, esperando uma reação desproporcional. Me lembro bem que ela tinha gestos largos e estrondosos, não me surpreenderia se ela me levantasse com brutalidade e estalasse uma por uma das minhas vértebras. Ela não se mexeu, não considerei sua atitude um ato esnobe, embora ela em vida tenha me parecido um ser suspenso[‡], como se tivesse vergonha de fazer parte da pobre condição humana. Ela admirava a plasticidade e passividade das bonecas, mas não tinha paciência para tanto. Não tenho o direito de julgá-la, eu nunca me senti em casa tendo que andar com a coluna ereta e com os joelhos semi-flexionados, caber na vida é tarefa para os idiotas, apenas os insossos se encaixam perfeitamente nesse sistema falido, armando planos mirabolantes de futuro e seguindo planilhas, nós, os outros, estamos constantemente à espreita, tecendo incoerências, vigiando o guinchado mórbido dos ratos, o voo caótico e ingênuo das baratas, do outro lado do muro ou quem sabe emparedados, outsiders. Não suspeito que seja algo lógico levantar todas as manhãs, embaralhar os ponteiros estéreis do relógio, assassinar a memória das madrugadas, arrumar as

[‡] Entretanto, ela fazia questão de alertar que toda a espécie humana era suspensa por um tipo de linha frágil e puída, podíamos fingir demência, porém, ao menor descuido, despencaríamos como frutos podres, ninguém era imune à lei de Newton

camas e desarrumá-las após noites de sono pesado e sexo parco [quem me dera dormir todas as noites com putas, as putas evitaram que uma nação inteira de homens psicopatas vingassem, as revoluções dos homens tolos acabam depois de uma foda bem dada, foi assim que descobri os campos minados na China e desarmei as bombas que trazia comigo]. Vejo mais sentido na inconsciência bruta dos animais, nos seus urros roucos, nas suas lutas por acasalamento e comida, no seu sono absoluto, nas suas covas fundas para enterrar ossos mortos. Vejo mais beleza na cópula mórbida das aranhas, nos ninhos vazios e nos fogos de artifícios para brindar um novo ano. Andei devagar pelos cômodos escuros, acompanhando a música fúnebre que saía das lajotas gastas.

Cheguei mais uma vez ao seu lado, olhei o seu peito, escutei um chiado, fiquei mais atento, imagino que ela estivesse pronta para o diálogo, foram anos e anos de espera, sabia que um dia ela sairia da inércia e me responderia, ainda que as respostas não me agradassem ou não suprissem a sua insuficiência, nada amenizaria a sua falta. *Foi você que nunca quis conversar, considerava que não podia haver relevância nas falas longas e circulares das mulheres, achava que um café cairia melhor e eu trazia o café, em silêncio.* Mentira! Como pode fingir tanto? Eu estava ao seu lado o tempo inteiro, você está sendo ingrata, como o habitual, isso nem me assusta mais. *Sim, é verdade, você estava lá, a matéria tem essa estranha magia de preencher falsamente os espaços, você estava lá como estava lá a estante, o rádio, o criado-mudo, a cama, o abajur apagado, os vermes desmaiados debaixo da terra. Os átomos têm formas diferentes de se agrupar, mas realmente não há grande diferença entre um homem e um pedaço de madeira maciça.* Eu fui o melhor homem que eu poderia ser. *Sim, e isso foi tão pouco, bem menos do que eu precisava.* Utilidades, sim, esse era o seu problema, você queria que eu te servisse, mas um homem não tem medidas, ele é ou não é. *Você não foi.* Mas, eu ainda estou aqui, fazendo o inventário das tralhas que deixou. *Você sabe que a disciplina e o preço dos objetos nunca me interessaram, pelo menos deveria saber depois de tantos anos juntos.* Sim, isso é verdade, você não gostava das burocracias, no entanto, elas existiam, alguém precisava arcar com as coisas práticas, com a aritmética das coisas inválidas. *Sim, tinha esquecido que a minha abstração te custava caro.* Eu não te cobrava nada. *Sabe, eu acho que poderíamos ter dado certo.* Tivemos momentos bons. *Faz tanto tempo... juro que não me lembro mais.* Sabe, foi você que deixou o desejo escapar. *O desejo não existe, nós o criamos para ter algo com que brincar, para não nos entediarmos com a estupidez da existência.* Não criamos o desejo, ele existe ou não existe, o resto são subterfúgios, conversa pra boi dormir. *Você já viu um gato caçando uma mosca?* Ele faz isso porque não tem outra distração, ou ele caça se desviando do tédio ou dorme para aplacar o tédio, ele não deseja verdadeiramente a mosca, apenas quer caçar, a mosca é uma desculpa. Ele caça porque deseja a mosca. *É óbvio que não, e é fácil provar isso, o gato não come a mosca, o seu pote de ração está cheio.* Não somos gatos e também é fácil provar isso, não caçamos moscas e não comemos rações em potes. E sim, embora finja não concordar,

desejamos, as pessoas comuns desejam, os homens ordinários fodem. *O desejo não passa de um cadáver gordo, um grande homem morto, inútil e pesado, nunca poderemos alcançá-lo.* O desejo é a única coisa que vale a pena, não existe utilidade ou inutilidade dentro do desejo, não precisamos transportar esse grande defunto, é ele que nos move e não o contrário. *Então, talvez o desejo tenha desistido de me mover, há anos não sinto nada.* Não sabia que me odiava tanto, pensei que restasse algo. *Eu não disse isso, eu não te odeio, como eu poderia ter um sentimento tão potente;* É bem pior que isso, eu não sinto nada, é como se todo o meu corpo estivesse adormecido. Preferia que me odiasse e fodesse comigo sem se preocupar com questões metafísicas. *Fode bem somente aqueles que não têm a mente depravada de questões transcendentais, talvez eu não goze nunca mais, nem com você nem com ninguém.* Eu sou isso que pode ver, um defunto inchado e anestesiado, bem antes dessa morte oficial, eu já era isso, um corpo pacificado. Morrer foi sem dúvida nenhuma a melhor coisa que me aconteceu em anos. Sabe, uma aranha só tece suas teias porque ela supõe a existência da presa, sem presa não haveria nem o pensamento da aranha, a ausência da presa aniquilaria a aranha.

No canto esquerdo da parede vejo pequenos ovos esbranquiçados, talvez explodam na próxima primavera, quando o alimento é farto.

O silêncio no varal

Um texto de Natália Agra

Era do quintal que eu enxergava a tempestade, e, logo após o vendaval, a temporada das flores. Estendia as roupas no varal, mirando o sol. Às vezes, em ziguezague fugia dos raios. “Raios não atravessam janelas”, você me dizia. Eu tinha até uma pequena mala pronta. Toalha limpa, uma muda de roupa, um biscoito, sabonete, escova, creme dental e o fone de ouvido, que em loop me perguntava com as palavras mais pontuais: “are you ready?”. Mercury Rev é uma banda que tiro da memória toda vez que os cristais de tão sujos já não me iluminam. Respondi com um silêncio de coruja fechando os olhos. O pessegueiro já não fazia sombra e até o suor já não caía pela testa; grudava tanto nos cabelos que preferi soltá-los. Tive uma força que nem desconfiava possuir. Saí, com a pequena embarcação nas costas. Sem vistas para os lados. Adiantando o distanciamento das pernas. Mas colhendo flores, os patuás da estação. A cada estação, desacelerava.

Mais cedo, pude jurar que havia presenciado um assassinato. Mas não, era só um desejo grande o suficiente de ver desgraça maior que a minha, de me sentir menos miserável. Tive sorte, a mulher estava viva. Muito machucada, mas viva.

Aproximei meu corpo daqueles machucados e perguntei:

– Você está bem?, você está bem?

A resposta veio com a mesma pergunta:

– Sim. Machucada, mas sim.

– Então, também sim.

Reconheci, então, que eu só ouvia o que eu queria ouvir. Aquela resposta era o meu reflexo, na frente do vidro sujo de um prédio velho próximo à estação Santa Cecília. Sanguínea num coração em desfiladeiro.

Da esquina previ um esquecimento. O gato preto dá sorte. Vi uma fila deles saindo do teto da estação Paraíso. Fiz um poema de amor e lembrei da última vez que você me chamou de amor. Amoras caem sempre na primavera. “Você está pronta pra se levantar?”. Previ que não e arrastei os passos que colados à luz do metrô caíram nos trilhos, atrapalhando o tráfego.



Um Poema de Ingrid Carrafa

Encontrei Aline sozinha no bar que eu frequentemente me mato.

Ela tem aquela expressão dura de pessoas que flertam com vazios.

Sentei

Pedi um drink e acendi um cigarro

Ela já está bêbada e arrasta uma conversa meio que em tom confidencial

Aline está chorando

Ela me diz:

- Ei, tem uma pequena diferença entre você e eu e o resto.

Pergunto qual é. Ela diz:

- Nós estamos sozinhos no mundo e caímos num abismo.

Somos ilha agora.

Ela percebe que esta de copo vazio e procura o garçom

Quando ele chega eu percebo que não existe porra de diferença alguma.

O cara também caiu no abismo e enquanto enche o copo com o olhar perdido
vai se esvaindo mais

Gargalho e Aline me pergunta o motivo da graça.

- Fodidos, Aline, estamos todos fodidos.

O garçom, eu, você, o taxista que te leva bêbada para casa, a merda daquele
urologista que enfiou a mão no meu rabo para não encontrar nada.

Vivemos uma grande orgia e gozar ou não já não faz tanta diferença

Depois de certa idade a sinceridade deixa de parecer obscena.

E você fica sendo de buracos. Sobrevivendo em buracos.

Deixo Aline quando Joni Mitchell começa a cantar.

Ela vomita a melodia, os acordes, as valsas e os tambores de amor.

Era pura bile de amor.

Volto e afasto o cabelo do seu rosto enquanto ela continua vomitando.

Um sorriso nasce do seu rosto cansado e ela sussurra:

- Vamos para o deserto. Meu pai mora sozinho no deserto. Diz que não se adapta as
pessoas.

“As pessoas aqui

se tornaram

as pessoas

que estão fingindo ser”

Recesso

Um texto de Ubirathan do Brasil

Ela disse:

- Você cheira a churrasco, cigarros e cervejas!

[eu apenas observo
seus lábios bordados e úmidos soletrarem]

- Você tem vestígios de erva, bicho acuado e vodka velha!

[a duras penas
analiso sua cavidade no queixo]

- Cheira a pinga do alambique, catuaba e jurubeba

[boca rica
beiços de picanha nobre]

- Exala aroma de livro antigo, poeira de sofá e palheiro caipira

[há cavidades nas maçãs,
nas arredondadas bochechas]

- Fede a panceta, cachaça com limão e cidade pequena

[arcada dentária simpática
dentes de véu]

- Expele boteco barato, bar de esquina e botequins de periferia

[assunto sereno,
ela boqueja nua]

- Fragrância de remédios, naftalinas e uísque nacional

[foi criada em castelos finlandeses
um anjo azul santificado na terra

[... dizem que ela vive reclamando, insultando e se queixando

eu apenas a observo,

pois os meus ouvidos, pra ela, estão sempre de férias.

CONCERTO PARA DUAS VOZES

UM POEMA DE FABIANO CALIXTO

Voz UM:

*chove muito e intensamente nesta noite
imagino uma casa abandonada, uma missa negra
iluminada por relâmpagos violentos
que velam o sono do velho Mago
e atrás do muro do sono
sob
o espetáculo trôpego da palavra crepúsculo
ouve-se o pesado rumor
de dois sóis
se apagando*

*Nebulosa de Jatos Duplos ou Nebulosa da Borboleta
- intensas -
bruxas bacantes bêbadas beijam-se*

*o corvo come a carne
da mulher diaba
e nós todos a adoramos
e também nos servimos*

*desde os antigos
papiros
toda carne se trai*

estrano planeta e nele essa gente estranha

*Bernini esculpiu O rapto de Proserpina
quando tinha 23 anos*

*conhaque de gengibre e peixe cru com wasabi
(o rádio ligado)*

*atenção
para o refrão*

só que não

*porque meu treponema não é pálido nem viscoso
os meus gametas se agrupam no meu som*

atenção

Voz DOIS:

todo paranoico tem muita chance de ter razão
sabemos dos *gazolinazos*, dos porcos de guerra
a época é política

não é tempo para silêncios
fascinantes, deveras faiscantes são os frutos proibidos
a dança, a flor proibida
a vida proibida, a fumaça verde

(o kaiser é ovacionado
enquanto o desempregado e faminto ermitão da Áustria
prepara o gatilho)

a violência
atrai
os fanáticos,
que se regozijam

o planeta, em caravana,
ruma para o abismo
a sociedade apodrecida

torçamos
pelo funeral elétrico
pela Revolução Caraíba
pela liberdade

a Terra é minha mãe
o Sol é meu pai
minha irmã: a onça

a mão do destino é falácia
é salada de ratos

eu moro é na rua
bebo água quando chove

perigosa travessia
perigoso a-caminho
perigoso olhar para trás
perigoso arrepiar-se e parar

pregando o desvario
as fadas
usam
botas
fodas

Voz UM:

*hoje eu não acordei, eu ressuscitei
o calor tá maçarico bico 9*

*hierbabuena
erva doce
depois do pra sempre
qual a geometria da dor
refletida
nas íris
dos olhos
de Heitor?*

*o mundo é outro
os tempos estão mudando
só não se sabe para onde
as crianças
das sepulturas
estão paralisadas
com as estrias de azul intenso
da orquídea cósmica*

*(a juventude hitlerista
saúda a barbárie
em frente à Escola Alemã da Vila Mariana, SP*

*-
era 00:02 no relógio
do quarto dois da velha casa em Amityville)*

when hell freezes over

*ela observa Varsóvia
que a observa de volta
assim, ciclicamente,
até desconfigurar
totalmente as linhas
geométricas e geográficas*

*o Senhor deste mundo
babando de bêbado
sem saber o que fazer
da merda que fez
:
solitude*

*não é só ver
nem imaginar*

*é penetrar
o oco*

Voz DOIS:

sou a quarta pessoa do singular
as trupes as tripas
as tropas os trapos
as rodas demenciais
do progresso
o desenvolvimento: célula
em alucinada multiplicação
o crescimento o câncer

deus salve os loucos os sujos e os malditos
é tudo que temos
contra essa gente de alma pequena
esses fascistas acéfalos
que nos querem
governar
(cabana e vinha)
vigiar
bloquear
(espreita e esquadrinha)
domesticar
enquadrar
(esses vis)
matar
(deste ex-país)

a ação direta:
o que escapa
o que a tradução não dá conta

a corda quebrada da guitarra
o grande FODA-SE para a plateia

tem que matar o sonho de amanhã pra viver hoje

a utopia é transtemporal
o amanhã que se foda

as mudanças
de vaidades, mudas mudas, flores murchas

F

X

s u p e r n a u t

m á g i c a

Mestre Therion

não suporto mais alexandrinos com referência mitológica
zumbis apodrecidos fedendo por toda parte

se não gostam da indústria pornográfica,
matem a indústria pornográfica
mas não sejam burros o bastante para querer matar a pornografia
ou colocá-la sob a tutela do Estado

a neve cegando
derretendo nos olhos
sal e areia
a paisagem é o medo

à parte isso:
lutamos
e fodemos gostoso
lemos poesia
e vagabundeamos por aí

eu: fatia de limão na tacinha de Steinhäger,
abraçado ao gelo e ao verão

tu: cornucopia
as frutas mais vermelhas e sanguinolentas
as de sabor amargo e esquisito
derivam de seu fígado

o pôr do sol da Laguna
dança como um São Vito
bêbado do vinho da Sicília

sob um resto de sol
o dia vai (desdia, vadia, se atravessa de avesso,
sanguíneo, jorra, goza)
os dias vêm
e vão

a fé nada pode
contra a fera
você parou pra pensar

e já era

Voz UM:

The (klikkaklakkaklaskaklopatzklatschabattacreppyrotty-graddaghsemmihsammihnoithappluddyappladdypkonpkot!).

James Joyce

*trovão e sangue!
sangue e feridas!*

*um sabá
sangrento
sabá
carniçaria, violência*

*vísceras ainda vibrantes,
a barbárie*

*uma borboleta vermelha
sobrevoando a zona da Falha de Nova Madrid*

*como um acrobata nacional
melhor, como um homem-bala
que quer escrever suas memórias
com a tinta de aurora
da poça de sangue e leite*

fluff

fluff

fluff

fluff

SSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSS

abracadabra
abracadabr
abracadab
abracada
abracad
abracadabra

abrac
abra
abr
ab
a

*um amuleto sonâmbulo: nós
e as estrelas*

*feixes fixos de luz
persianas: um estilo de elipse*

*matando-se dia a dia para viver
quem é você
olhando para o agora
deslizante
da espiral do arquiteto?*

Voz DOIS:

um
buraco no céu
- não comece,
(tarde demais) - um arco-íris
liquefeito
sobre a imensa praça esquecida

Mike era um frango branco
foi decapitado em 1945
viveu assim durante um ano e meio

faca, machado, espada, facão, guilhotina, foice
: morte cerebral em segundos
as cabeças arrancadas
com seus olhos esbugalhados
ao lado da pilha de corpos
e membros esquartejados

(sintoma do universo)

o terror agora é legal
jura-se ao boneco de cera

o glamour do ódio
a gourmetização da mediocridade

os rios de pedra:
megalomania

(barbárie)

sideramos, lutamos
onde a Nebulosa da Lagoa M8
existe

a estrela azul
tudo azul, azulado

a emoção de tudo isso

para eu saciar a sede até chegar ao nada
e contigo fugir para a floresta escura
no exato momento
quando os dois Grandes Gêmeos
deixarem seus postos nos polos

suspiro

o manto amendoado de São Francisco
num grande retângulo de cacos multicoloridos
no belíssimo vitral
da capela selvagem

(mel e sangue
a sufocar
o superczar)

antigos sarcófagos para novos cadáveres
descomunal adoecimento das vontades

(*Atlas, rise!*,
rádio)

deus não morreu
virou dinheiro

: a sentença



A Cabeça

Um texto de Felipe Coutinho

Acabo de acordar. São cinco e cinquenta da manhã e o sol entrou pela fresta da persiana quebrada na última briga aqui em casa. Me levanto. O calor já está tão grande que os olhos doem. Olho para a esquerda e consigo ver a sujeira que fiz ontem no chão. Onde eu estava com a cabeça? Não sei. Só sei que preciso parar com a putaria.

Vou até a cozinha e tudo fede a chorume. Um cheiro insuportável da merda. Parece até que o caminhão de lixo despejou um corpo na minha cozinha. - Puta merda! Com meu estômago embrulhado eu vou cheirando pelos cantos para achar o fedor. Não está na fruteira, nem na pia, não é da geladeira, nem do fogão e nem do tanque. Só resta ver na máquina de lavar e... caralho! Tem uma cabeça na minha máquina de lavar!

Caralho, eu tô fodido! Tem uma porra de uma cabeça na minha máquina de lavar! Como? Puta que me pariu, como? Tô suando dos pés a cabeça, meu intestino ficou frouxo como só fica depois que eu bebo Itaipava a noite toda, minhas mãos estão tremendo mais que o Marty Mcfly, mas eu preciso ver. Eu preciso puxar da máquina para ver de quem é a porra da cabeça. Pego pelos cabelos pretos e longos daquela cabeça que já teve pele morena, mas agora está roxa como a cabeça de um pau. A cabeça pesa. Eu estou tremendo mais do que tudo. Sinto que estou me mijando. Agora escorre merda por toda a minha perna até o pé. A cabeça é de um homem. Tem barba falha parecida com a minh... Que porra é essa? A cabeça é minha? Caralho! A cabeça é minha! Cadê a minha cabeça de verdade? Puta que pariu!

Não consigo acreditar nisso. A minha cabeça está no meu colo. Como é possível? E por que fede? O que é que eu vou fazer com isso? E os vizinhos? Cara, como eu vou fazer com essa merda? Nenhuma resposta vem. Agora eu olho para a minha própria cabeça. Sou bonito. Minha boca é carnuda. Tenho pele bonita também. Um desejo de criança vem à minha mente. Então abro a minha calça. Desço a cueca. Estou duro. Agora estou me conectando comigo mesmo em transcendência. E aí: engulo ou cuspo? Não sei. só sei que preciso parar com a putaria, mas não hoje...

As Mil e Uma Tardes

Um Conto de Roberto Menezes

“te vi com tua mulher um dia desses”, “oxi, quando?”, “semana passada no shopping”, “foi mesmo?”, “foi, ia mentir pra quê?”, “nem te vi”, “tava lindo tu e tua mulher”, “nem lembro a roupa que tava vestido”, “não é disso que tou falando. vocês são casados faz tempo?”, “dois anos”, “só?”, “mas a gente vive junto faz mais de cinco”, “ah”, “a gente só casou pra conseguir financiar um apartamento”, “sei. ela é muito bonita, alta, corpão, nem sei como foi se juntar com um cara feio que nem tu”, “ah, vá te lascar, fique sabendo que sempre fui de fazer sucesso com as mulheres”, “só não sei por que”, “agorinha tu sabia”, “qual o nome dela?”, “oxi, agora quer a ficha toda?”, “vai diz, não me faz entrar no teu facebook pra ver”, “e tu sabe o meu facebook?”, “ah, menino, deixa de ser inocente”, “então, dizer pra quê?, tu já sabe o nome dela”, “sei, mas queria ouvir da tua boca.”, “tu tá ficando doida é, renata?”, “quero que você diga o nome dela, não o meu, o meu já sei como tu fala”, “mas pra quê?”, “quando um homem fala o nome da mulher, eu sei o quanto ele gosta dela”, “tu tá é pirada hoje, mais pirada do que tu já é”, “tou não, aldo”, “quanto tempo a gente tem?”, “relaxe, esquece o relógio, larga esse celular.”, “já que você diz, quero mais uma”, “eu não disse isso, mas vai, dou duas se tu dizer o nome da tua excelentíssima primeira dama”, “raíssa, satisfeita”, “oxi, muito baixo, diz direito”, “raíssa, porra, raíssa. quer que eu abra a janela e grite desse quarto”, “não é pra tanto”, “e então?”, “nada, só confirmou o que eu já sabia, tu tá fudido, tu tá amarradinho nessa mulher, viu. essa raíssa botou o teu nome na boca do sapo”, “renata, renata”, “tu percebe a diferença como tu fala o meu nome e nome dela?”, “percebo nada, tu tá viajando. e é o quê? tá querendo se comparar com minha mulher?”, “deuslivre, quero homem apaixonado perto de mim não, já basta o último”, “tu deve tá morrendo de inveja de ver a gente lá fazendo coisa de família normal. faz quanto tempo que tu não faz isso?”, “aldo, tu tá achando que puta não tem vida não? passei quatro anos da minha vida sendo puta e com namorado sério.”, “conte outra”, “sério, ele sabia, a família dele não. final de semana eu tava lá, renatinha estudante universitária na casa da sogrinha”, “descobriram, foi?”, “nada, enjoei daquela vida”, “dessa tu não enjoia”, “ainda não, tem vez que bate um abuso mesmo, aí tiro o meu nome do site e tranquilo. pra isso serve a poupança. relaxo, aí bate a saudade e volto”, “mas me diz, e que negócio é de sacar pelo jeito de falar?”, “nem é pelo jeito de falar, é a cara que se faz na hora que tá falando”, “balela, já vi que é enrolação”, “enrolação?”, “sim, pra acabar o tempo e eu não comer o teu cu”, “que porra de cu. deixe de besteira que nem meu cu tu gosta de comer. só come pra parecer macho.”, “tu é que não gosta de dar, cheia de dificuldade”, “mas tu sempre volta pra minhas dificuldades, né?”, “raíssa diz que sou teimoso, que insisto, insisto até fazer a coisa dar certo. ela diz que é coisa de signo”, “insistir em comer cu direito e isso ter a ver com signo, essa é nova.”, “um dia acerto”, “se eu deixar”, “tá se achando”, “me diz qual a graça de comer um cu?”, “só quando tu me dizer quando aprendeu a ler as pessoas”, “ai ai, tu não perde essa pose de macho. teve uma vez que tava com um cara, ele tava comendo o meu cu. arnaldo o nome dele”, “sai entregando assim os nomes, é?”, “calma a boca e escuta”, “vai fala essa porra logo”, “esse tal arnaldo, que não é esse nome não, é um parente de um político bem famoso, o que não vem ao caso”, “vai acelera essa história, daqui a pouco dá três horas e tu me expulsa daqui”, “calma, meu bem, não vou atender outro agora de tarde não. fique o tempo que precisar, tu é vip”, “vá, renata, adiante”, “tu sabia que anoto quantas vezes eu atendo a mesma pessoa? tu é o recordista. mês passado bateu o recorde de arnaldo”, “por que ele não vem mais?”, “sei lá, deve ter enjoado da minha cara”, “ou do teu cu”, “do meu cu ninguém enjoia, benzinho”, “tá se achando”, “pois então, arnaldo tinha umas taras normal pra homem brocha, brochava mesmo quando tomava viagra”, “carai, tem como não”, “ah, se não tem. tinha vez que ele conseguia dar uma dentro, três minutos, pronto. mas quase sempre ficava naquela de chupa chupa buceta,

enfia um dedo, dois dedo, três dedo. tudo meia-boca”, “coitado”, “lá do meio pro fim, ele colocava aquela cinta ali e me pegava por trás com força. toda vez era a mesma coisa. ele já chegava aqui de olho já na cinta, vez ou outra olhava pra ela. era só colocar pra cara dele mudar, e o tom de voz também, me pegava de jeito, macho, o maior macho que já entrou por essa porta, acabava comigo, de jeito”, “puta mentirosa”, “acredite. mas o negócio só era quando ele tava com a cinta, era só tirar pra voltar com aquela cara de brocha. até me pedia desculpa por ter sido violento”, “piada, né?”, “não sério, ficava madalena arrependida, me pagava dobrado, até mais”, “e tu recebia”, “claro, baby, a poupança tem que crescer. ficava acabada e ganhava na bandeira dois. e o bom nisso é que ele me fudia de jeito, diferente de tu com esse pau de meio metro”, “na hora que o pau tá dentro tu não fala isso”, “não vou nem dizer por que não digo, né?”, “puta falsa e mentirosa”, “tu adora me chamar de puta, né? arnaldo também. ele me comia de quatro puxava meu cabelo e me fudia com a cinta, e gritava, puta, puta, puta, gêmea puta. eu gemia sem fingimento, era bom mesmo”, “para de me comparar com arnaldo, aquele brocha”, “sei analisar também cara de homens irritados e a tua cara”, “renata, nem sei como aguento essas coisas de tu”, “tá na tua cara quer que te explique?”, “porra, tu hoje tá que tá”, “não teve uma vez nessas vezes todas que arnaldo me comeu por trás que deu pra ver a cara dele. era a única coisa que me deixava puta, não ver a cara do desgraçado no único momento que tava sentido prazer pra valer, sendo macho pra valer, não bastava a voz, eu queria ver a cara”, “e esse espelho gigante?”, “não tinha, comprei por causa de arnaldo, gastei mil e quinhentos reais só pra ver a cara de arnaldo me enrabando”, “tá com a porra”, “deu quinze dias, arnaldo tava aqui, fez tudo igual, e na hora a cinta, fiquei de quatro e disse vem me come. nem sacou o espelho, botou a cinta, meteu cuspe no pau de plástico e tome, tome, tome, e começou a me chamar de puta”, “e aí?”, “e aí o quê?”, “porra, renata, o que tu viu na cara dele?”, “eu comprovei que consigo entender as pessoas pelo jeito que o rosto fica quando falam”, “mas como?”, “ei, faz cinco minutos que o celular não para de vibrar, será que é raíssa primeira-dama te ligando?”, “caralho, pior que é ela”, “vai atender não?”, “tem pra quê não”, “tu que sabe”, “porra, o tempo passou e nem vi a hora. fiquei de ligar pra ela”, “e eu fico só vendo a tua cara mudando quando tu fala dela”, “porra, vou ter que ir embora”, “já sabe onde é a saída”, “mas vou assim, sem ficar sabendo o porquê de”, “é, mas vem semana que vem, se quiser, na terça tou livre”, “marca aí na porra da tua agenda de puta”, “ô amor, não precisa ser grosso não. bebezinho chatiadinho porque não vai saber o final da historinha”, “tu fica rindo, né?, mas terça eu só venho pra saber sobre a porra desse negócio da cara de arnaldo”, “venha venha, e vou te contar na vez que outro cara veio aqui e trouxe, a mulher, a cunhada e a sogra pra eu fuder com essa mesma cinta”, “mentira”, “tou dizendo”, “terça

NORTE

Um Texto de Kleber Felix

Um prato mal tocado de arroz, feijão, bife ruim e um ovo frito de frente pra Damião melancólico no balcão ensebado do boteco da vila. Moisés senta ao seu lado. Um copo de pinga aparece em sua frente. Os dois seguem em silêncio por um longo tempo. Moisés bebe. Damião remexe a comida com o garfo de quando em quando.

DAMIÃO – Sabe, o que mais me faz falta? Essas coisas simples. O feijão da Cláudia, por exemplo. Acordar de manhã e sentir o cheiro do sabonete que ela usava, um azul, redondão. A Cláudia sempre gostou de trepar de manhã. Eu não funciono de manhã. De manhã eu só quero dormir. Mas eu trepava, né. Eu acordava e trepava. A Cláudia sabia como acordar um homem. E não teve um dia que não foi bom. Trepar sonado, sentindo o cheiro do sabonetão azul, terminar o serviço dentro dela e no segundo seguinte já tá dormindo de novo, feito um bezerrão amamentado. Daí eu acordava lá pelo meio-dia e o feijão tava no fogo... Cê sabe do que eu tô falando. Cê já comeu o feijão da Cláudia.

MOISÉS – Era bom mesmo... Eu sinto falta de esperar a Rita chegar em casa. Do trabalho, sabe? Eu sentia uma angustia filha da puta esperando ela chegar. Ficava criando umas histórias malucas onde ela era estuprada, atropelada, assaltada e consequentemente assassinada. A história que eu mais inventava tinha a ver com metrô. A gente morava em São Paulo. Eu via ela tropeçando e caindo nos trilhos, as pessoas tentando ajudar, mas daí... tarde demais. Pensava nos vagões se chocando, terroristas, bombas, essas coisas. Eu ficava me torturando com isso. Era horrível... Mas... Ela sempre chegava.

DAMIÃO – Outro dia eu li uma matéria numa revista sobre os “Corpos do Everest”. São esses tipos que escalam... alguns morrem por causa das nevascas, avalanches, essas coisas. Parece que mais de 200 já morreram e seus corpos ficaram lá. A maioria não dá pra ver. Mas tem um que eles apelidaram de “Botas Verdes” que fica no meio da trilha onde os novos alpinistas passam. Tinha uma foto dele na revista. E eu fiquei com essa imagem na cabeça. Ele tinha uma botona verde fluorescente, roupona de frio, parece que tá só dormindo ali. Ele tá ali há quase vinte anos. Fiquei pensando que a gente... quer dizer, eu, sou meio assim, como aquele corpo caído e esquecido pelo tempo.

MOISÉS – Quantos anos já faz?

DAMIÃO – Oito.

MOISÉS – A Rita se foi já faz doze. Quase treze.

DAMIÃO – Daí, eu pensei que... eu ainda tô vivo, né? E só tem uma coisa que ainda me mantém por aqui esse tempo todo. Pode passar mais oito, doze ou trinta anos e eu vou continuar por aqui. E eu não vou descansar até...

MOISÉS – Esses corpos no Everest... Eu conheço essa história. Eles foram abandonados porque ninguém pode resgatá-los. A gente...

DAMIÃO – Eu tô indo pro Norte.

MOISÉS – Você não vai achar nada lá no Norte. Do mesmo jeito que esses alpinistas não acharam

nada lá no Everest.

DAMIÃO – Eu gosto de pensar que eles precisavam ir. Que eles não iam se contentar escalando montanhas menores. Mesmo que pra isso precisassem morrer.

MOISÉS – O cara não tá lá. Cê deve ter ouvido falar que ele tá lá. Mas não tá.

DAMIÃO – Vou lá conferir.

Damião empurra o prato de lado. Uma dose de pinga aparece em sua frente.

MOISÉS – Tá decidido mesmo? Quando cê vai?

DAMIÃO – Amanhã de manhã.

MOISÉS – Eu vou com você.

DAMIÃO – Cê ainda tem aquela garrucha?

MOISÉS – Tá meio enferrujada, mas eu dou um trato.

DAMIÃO – Ouvi dizer que lá no Norte tem um feijão bom pra caramba.

MOISÉS – Tem muita coisa lá no Norte.

Novo Livro

Um Poema de Robisson Albuquerque

Que meu novo livro seja encontrado, num banco de praça
pela mais triste estudante do 9ºano
no dia em que terminou com seu namorado, Leozinho

Que seja largado em banheiros de rodoviárias, albergues e casas de abrigo
que tenha suas folhas rasgadas
pra alimentar o fogo de todo um povo numa noite fria

Que pedreiros o leiam enquanto esperam, sob andaimes e marquises
a chuva torrencial cessar para voltarem ao trabalho
erguendo mais um condomínio horizontal com vistas para o Dom Almir

Que as putas o folheim, com seus dedos angulosos
entre uma foda e outra, enquanto vasculham no espelho suas coxas
em busca de celulites ou imperfeições

Que inspire revoltas nos subjugados, e que o mais alto comando militar
instaure um alerta vermelho sobre sua periculosidade lírica
e institua um secreto Comando de Caça aos Poetas (CCP)

Que na Livraria Cultura o público comece lentamente a se levantar
ao ouvir os poemas,
durante uma leitura pública feita por mendigos crackeiros

Que seja arremessado, como bomba, coquetel ou pedra
contra as grades de ferro da prisão e contra todo um batalhão da cavalaria
numa avenida tomada pela indignação e pela fome

Que se torne moeda de troca nos presídios
como os cigarros, as bebidas, a pornografia ou as drogas
e que queime junto com colchões no dia da mais violenta rebelião

Que os luminosos da Broadway ou da Praça Roosevelt explodam
sobre as cabeças enevoadas dos ‘críticos do jardim de infância’ e que sintam antes de dormir,
calafrios ao ouvirem meu nome sendo esconjurado
várias vezes no programa ‘fala que eu te escuto’

Que nas bocas de fumo, os viciados atinjam seu alívio
trocando algumas páginas por petacas e pinos, e que os gerentes presenteiem seus filhos,
matriculados nas séries iniciais de alfabetização, com essas mesmas páginas arrancadas

E que lixeiros o encontrem, como um tesouro desconhecido
soterrado nos entulhos em frente ao parque municipal e gritem seus poemas
como árias de uma opera subterrânea e suja,
durante toda a noite, enquanto recolhem pelas ruas
nossas almas, circundadas por moscas varejeiras,
fechadas em brancas sacolas plásticas de supermercado

E que cada poema encontre um abrigo, um corpo,
uma boca, uma alma perdida
e que seus beijos
sejam longos e
turbulentos



Alforria

Um texto de Ray Cruz

gotas rubras escorrem pela pele arrepiada. vidro nenhum resiste, quando o coração quebra.
Raimundo sempre odiou assustar as pessoas. assustado demais para ousar assustar. o calor vermelho
desenha afluentes entre os pelos do seu antebraço.
a camisa embranquecida pelo sal e pelo sol parece cada vez menor. como uma segunda pele
imitando a primeira. os olhos nublados profetizam uma chuva ácida.
Luiz observa atrás de sua habitual cortina de fumaça. algumas cenas queimam mais que churrasco
de bêbado.

"obrigado por tornar a minha vida ainda mais difícil"

"me procure, quando quiser se decepcionar."

evitando pisar em cima de uma cueca suja aqui e outra acolá, Raimundo atravessa o quarto com a
mesma coragem do primeiro homem que atravessou o deserto do Saara.

Solidão é o nome da sombra que segue seus passos. desde o maldito dia que sua mãe ouviu seu
choro pela primeira vez.

Luiz conta alguns grãos de poeira no chão. os ratos em cima da pia disputam os restos com as
baratas e os tapurus. os gatos ensaiam uma orgia no telhado. a lua holofota dois mendigos trepando
sem KY.

Raimundo para ao lado de Luiz. unge seu rosto magro com o carmesim de seus dedos. o silêncio
tagarela os palavrões mais criativos que a lingua jamais imaginou.

ele avisou que aconteceria. sempre aconteceu. Raimundo fechou os olhos e rasgou o véu em duas
partes. não há armários que ofusquem o brilho de um sorriso enlutado.

Mulheres em trânsito

Um conto de Simone Teodoro

Fui à casa da mãe. O irmão me recebeu aos berros:

- Sua magrela, seu carango não era preto?

Dizendo isso, avançou feliz, como uma criança de quem nunca roubaram o doce, para meu carro, que estava coberto de poeira branca.

- É tudo culpa do inverno - Me justifiquei. - Sereno a noite toda e essa secura durante o dia. A sujeira gruda mesmo.

Eu falava para as paredes, pois o irmão já estava desenhando nos vidros do automóvel. Além de pequenas figuras indecentes, escreveu em caixa alta uma frase obscena, dessas que já são comuns, principalmente em partidas de futebol: "Vai tomar no cu fedaputa!"

Olhei para aquilo, achei engraçado e, por isso, não apaguei.

Então os dizeres ficaram lá. Por dois dias, creio. E esse tempo curto acabou sendo o suficiente para que eu chegassem a algumas conclusões sobre como as pessoas se comportam diante de uma "palavra feia" desenhada num carro de mulher.

No primeiro dia, eu dirigia pela Avenida Vilarinho, não muito longe de casa. Um homem vinha logo atrás de mim e percebi que ele buscava, com certa aflição, um espaço à minha esquerda. Parecia ansioso por me dizer algo.

Conseguiu. Me disse:

- Moça!

(Acho engraçado ouvir as pessoas me chamando de moça. Engraçado mesmo).

- Pois não? – Respondi de cara muito ruim.

- Você viu o que escreveram aí atrás, no seu vidro?

- Ah, no vidro... vi sim... Por quê?

Ele me olhou com uma cara estranha. Provavelmente estava esperando que eu perguntasse, espantada e empotecida: "Vi não! O que escreveram?".

Só que não o fiz.

- Você viu? MAS é um palavrão!

- Vi... Foi meu irmão que escreveu. Achei engraçado e resolvi não apagar.

- Você também, hein? - Ele disse, com um jeito meio brincalhão. - Tem irmão pequeno, né?

- Não... Meu irmão tem 37 anos.

Houve um breve silêncio.

O homem então concluiu sua fala: - Nossa, quando eu vi o palavrão, fiz de tudo pra te avisar, porque vi que você era mulher e não é legal, né? Mulher ficar andando por aí com uma palavra feia dessa escrita no vidro do carro...

Aí fui eu que olhei para ele com uma cara estranha. Fiquei pensando: "Puxa, será que a mulher

desse cara não tem cu?".

Mas apenas lhe disse: - Ah, moço, tem galho não... O senhor se divertiu, não foi? É bom para alegrar o povo, não é?

Naquele dia eu estava bem humorada. Sorte dele.

Então a luz verde do semáforo se acendeu para todos nós que estávamos transitando por aquela via, naquela mão de direção, naquela manhã de sol frio de inverno.

No dia seguinte, quase no mesmo horário, subindo a Rua da Bahia, mais uma vez num sinal vermelho, um rapaz todo musculoso, acompanhado por um exemplar fotocopiado de si mesmo, abriu o vidro do carro dele, buzinou para mim, o que me fez também abrir o vidro do meu carro, pois pensei se tratar de coisa séria.

Ele gritou de uma maneira meio mal educada, meio ofendida, sei lá:

- Pega mal!

Olhei para ele com cara de pessoa que escuta, mas não entende bem as palavras.

- Pega mal! -Ele repetiu, gritando mais alto e fazendo uma expressão ainda mais feroz.

- Tá falando do que, menino? –perguntei, nem me lembrando da obscenidade lá de trás.

- O que tá escrito, pega mal pra uma mulher.

Então entendi. Era a tal da palavra feia.

Me fingi de égua e perguntei o que estava escrito. Ele engrossou a voz para responder: - Está escrito "Vai tomar no cu fedaputa".

Eu ri. E disse pra ele, antes de arrancar:

- E por que você não foi até agora?

UMA PUTA CATIVANTE E UM CAFAJESTE ROMANTICO

Um conto de Matheus Peleteiro

Já tinha passado da meia-noite, e ela, ao avistar o homem barbudo com face despojada, triste e espirituosa, bebendo solitariamente na calçada de um puteiro, sentou-se ao seu lado.

Ela era uma bela moça. Se chamava July, e suas curvas lembravam alguma divindade esquecida que ainda ressoava na cabeça de alguns homens. O homem, que vestia uma camisa preta e usava algumas pulseiras, atendia pelo nome de “Dário”. Tinha estilo, Dário.

Vendo como Dário se punha, segurando uma garrafa de whisky quase vazia com a mão esquerda, e um cigarro com a mão direita, July resolvera se divertir.

“Ei, posso ajudar? – Perguntou a moça, curvando-se sob o balcão do lugar que serviam alguns drinques.”

“Claro que sim, na verdade já está ajudando! ”

“Ah, é? Como? ”

“Existindo. Simplesmente me fascina sua existência. Vocês, putas, sabe... São mulheres de classe! ” – Elogia o homem, cuspindo o que pensa sem papas na língua.

“Você tá me zoando! Classe? ”

“Sim, classe. O que é classe pra você? ”

“Hum, você parece ser um daqueles jogadores da vida. Classe é fazer o que fazemos para que nos respeitem. Se tivermos classe, podemos conquistar quem quisermos. Podemos fazer com que um magnata volte aqui toda semana. É tudo que sei sobre. ”

“Exato! E vocês sabem o que fazer, na hora que devem fazer, é por isso que me apaixono por vocês... a todo momento... ”

“Agora, me diz aí... para você, o que é classe? ”

“Depende, para um homem é muito difícil ter classe, está relacionada ao estilo, à roupa, à oratória. ”

“E para a mulher? ”

“É algo que está na calcinha. ”

“Na calcinha? ”

“Sim, tudo está lá. Uma mulher de classe nunca deixaria um homem ver sua calcinha se não quisesse. Ela sabe o momento certo para abrir as pernas, e ela tem no subconsciente o olhar e a

maneira que vai lhe conceder o charme. Seja na hora de se sentar ou no momento de tirar a roupa. Ela simplesmente sabe como fazer. Sabe, uma mulher que mostra tudo, sem pensar, ao meu ver, não tem classe, não tem equilíbrio e não conseguirá jamais conquistar o que quer. Isso se ela tiver ambições, é claro.”

“Você é engraçado. Me diz, é casado? ”

“Muitos casados passam por aqui? ”

“A maioria dos homens que passam por aqui são casados. Eles gostam da nossa discrição. ”

“Interessante. ”

“Então, vai se manter no escuro, senhor mistério?”

“Estou solteiro, mas fui casado por dez anos. ”

“Dez anos? E qual é o segredo? Não consigo me imaginar num casamento que dure cinco, quanto mais dez. ”

“Vivi com muitas mulheres, até que descobri o segredo. ”

“Ah, é? E qual é o segredo? ”

“O segredo está nas necessidades fisiológicas, na cagada. Está em nunca usar o banheiro junto. ”

“Você é louco! Como assim? ” – disse a moça, aos risos.

“É simples, nunca deixe que ela “faça” estando em sua companhia. Nem que ela veja você fazendo, pois, quando isso acontecer, logo irá se tornar habitual e isso significará que o amor acabou e o relacionamento se acomodou. A partir de então, será só companheirismo. E não há nada mais assustador que um relacionamento acomodado. Fora que companheirismo sem amor soa entediante. ”

“Ei, senhor mistério, qual seu nome? ”

“Prefiro que discrição continue sendo o meu forte. ”

“Boa esquiva. Faz tempo que se divorciou? ”

“Sim, alguns anos. Todas as mulheres do mundo não bastam para um homem, que dirá uma. Me divorciei assim que percebi isso. ”

“Faz sentido. ”

“E você, o que faz da vida? ”

“Amor, todos os dias. ”

“Soa mais bonito quando fala assim, mas digo, fora o emprego, que faz? ”

“Vou à praia, ouço músicas e às vezes vou à academia. Sabe como é, tenho que me manter desejável. E você, senhor mistério? Aliás, posso te chamar assim? ”

“Me chama como quiser. Eu? Eu me apaixono todos os dias. Amo amar mulheres, cada uma, um universo...”

“E já se apaixonou hoje? ”

“Um homem nunca diz isso. Sabe que, se disser, vai perder todo o charme de ser um escravo do amor. ”

“Está apaixonado por mim, senhor mistério? ”

“Não acha que está sendo indiscreta demais perguntando isso? ”

“E se eu abrir minhas pernas desse jeito...? Você vai se apaixonar por mim? Estarei sendo indiscreta demais para você? ”

“Não faz isso... Minha cueca está ficando apertada. ”

“Que achou de minha calcinha? - Ela insistiu, deixando-o desconcertado. ”

“Me diz, casaria comigo? ”



O Dia Que Meu Cachorro Comeu Cogumelos

Um poema de André Rocha

espero sua risada chegar
amassada e com cheiro de terra molhada
e toda vez que o seu celular vibra
eu morro calado de ciúmes
nas noites quentes de verão
reviro as minúcias da tua xota
pra prolongar as madrugadas com cerveja
teuento sobre os assaltos
sobre o coma e as coisas duras da vida
das drogas
dos preservativos furados
dos atabaques nas macumbas
do Exu na encruzilhada
porra garota
você é uma overdose de coca
uma latada numa manhã propícia pra se suicidar
mas eu gosto mesmo é de sexo, grana, funk e cachaça
e mijei na cama por acidente
o fato é que tem vida que só começa depois do expediente
simula a felicidade e enche o cu de tarja-preta
eu tentei te mostrar quando meu dedo tava na tua bunda
e o céu dançava vestido de preto lá fora
tenho alguns b.os pendentes
muitos vícios e problemas de montão
Clint Eastwood é brincadeira de criança
pra quem vive na beira do precipício
briga, chora, trafica e goza

Certeza

Um Poema de Mariana Teixeira

dentro
ou fora

tenho que escolher?

sim

não sei

escolha

dentro
ou fora

não quero
te machucar

a dor
é inevitável

escolha

fora dói menos?

fora
é paixão

então, dentro

se é
pra sangrar
que seja
amor

Primeiro Encontro

Um Poema de Yasmin Nigri

Qual é o gosto da tua língua na minha boca?

— Imagem de algo raro escorrendo.

Dada a chance de escolher qualquer pessoa no mundo, quem você socaria?

— Estamos mais hipócritas que festa hétero.

Kit Kat?

— Ninguém tá te pagando pra fazer merchan, Yasmin.

Toda vez que viajo lembro?

— O número de obesos já ultrapassa o de desnutridos.

Deempregados, mas diluindo nosso sangue em água?

— Era beber sem supor alguém após o drinque.

O limite da função histórica do sujeito?

— Planetas decidindo sobre vidas.

Chá de Pilha

Um poema de Marcus Groza

ahhhhhh
já é uma frase
e
o sim é mais pontiagudo que o não
ahhhhhhhhhhhhhhhhhhh
podia ser menos
não fosse a enfadonha travessia entre o sem gosto e o amargo

_ azedo!
_ não. sem gosto só faz conjunção com amargo.

entro no apartamento vazio
só cortinas o colchão inflável e você
ambos perdidos vivos e amaldiçoados como um licor acre
e ancoramos
o colchão de ar semi-inflado no antigo cais do meio da sala.

_ quer um gole?
_ o que é?
_ chá de pilha.

olho pro alto e repito
o sim é mais pontiagudo

_ é pra dormir ou acordar?
_ tanto faz, pirata!

no casco de uma tartaruga
li uma vez escrito:
para aqueles que cavam há um caminho equívoco entre jazidas e jazigos



124	544
463	485
415	126
101	569
670	333
026	345
146	821
322	326
214	475
530	603

Você Pode Fazer o que Quiser

Um Texto de Felippe Regazio

claro que sumi pras bandas do rio uma vez. e por algum motivo as pessoas costumam ser solidárias com mochileiros. comunicativas. por algum motivo as pessoas que costumam ser solidárias com mochileiros são as que menos têm a oferecer. não sempre, mas com muita frequência. quando eu tava pelas bandas do rio parei numa lanchonete na br 116, perto de um posto da polícia rodoviária, pedi dois dedos de café e um pedaço de linguiça. aquela linguiça devia estar lá há meses, mas era a única coisa que eu poderia pagar. aí um cara parou do lado, gigante, várias tattoo cabulosa e uma sacolinha na mão. ele fez um sinal e a balconista trouxe uma cerveja

e ae moleque

e ae, beleza? - estendi a mão e nos cumprimentamos

só viajando?

é, indo

podecre. na sua idade eu queria fazer o mesmo, mas o trampo não permitiu

com o que cê trabalhava?

eu sou ladrão

ah

tirei 7 anos e saí hoje

entendi. e como tá sendo?

não sei ainda, não colei no meu barraco, não vi ninguém da quebrada. mas já tirei outras cadeia já, isso não me surpreende mais não. parei aqui só pra tomar uma memo e já tô vazando

saquei

aí, acho mor barato isso que cê tá fazendo, sabia? vai memo, mano. não se liga nessa de ódio não, de treta tá ligado? vai suavão

com certeza

pô, parei do nada aqui tudo cabulosão, mal vestido, e tô sentindo que cê tá trocando ideia comigo de igual pra igual - ele me deu um tapa nas costas e sorriu - porra, isso não tem preço. não julgar é uma forma de ser livre, irmão

com certeza

sabe, cê pode fazer o que cê quiser - ele tirou um cigarro do bolso e acendeu dentro da lanchonete

mesmo - se você quiser me dar um soco agora, você pode. se quiser se levantar e matar um cara aqui agora, você pode. a questão é se você aguenta as consequências, tá ligado? se você vai segurar o b.o sem choromingar pra si mesmo

huhun

você vai aguentar que eu reaja? se matar alguém aqui, vai segurar o tranco depois? se sim, você pode fazer isso, cara. é uma questão de resistência. vão dizer que isso não tá certo, que é injusto. e realmente é. mas se você quiser você pode estar errado também. você pode ser injusto. é um filtro que você tem que desenvolver em algum momento da sua vida, saca? ser justo ou continuar vivo? depois cê acerta com o cara lá em cima

hun

e isso pode despertar o que há de pior em você, mano, e aí cê tem que aprender a escolher entre o seu melhor e ser respeitado. por isso que eu acho que você tá escolhendo o seu melhor, saca? então boa sorte, mano, seja lá o que for que você esteja lidando aí dentro de você no meio dessa estrada

podecre - fiquei meio tenso com a intuição daquele cara

sabe, ficar um tempo sozinho ensina umas coisas pra gente - ele continuou - todo mundo nessa porra quer um mundo melhor mas eu acho que ninguém respeita as pessoas boas de verdade, saca? se eu for bom, mano, eu morro. é por isso que eu acho que a gente precisa de algumas pessoas por perto. algumas pessoas têm o dom de afastar de você o que há de pior em você mesmo

é verdade - concordei e de repente era como se o papo tivesse acabado. tomei meu café, comi minha linguiça embolorada e o cara seguiu tomando a cerveja dele. depois de algum momento ele parecia com pressa, virou alguns copos e se despediu

aí, vou nessa

demoro, boa volta

valeu. aí, cê fuma?

às vezes – então ele tirou um cigarro do maço e colocou perto do meu copo de café

fica de recordação pelo papo, cê foi o primeiro cara que conversou comigo depois que cruzei o muro. valezão irmãozinho, fica na paz

valeu, mano. falou ae.

Só amei três mulheres na vida

Um texto de Mike Sullivan

Só amei três mulheres na vida.

Três putas que, de certa forma, forjaram meu caráter.

Minha mãe - a puta santa e louca;

a professora de filosofia - a puta intelectual;

e a puta velha da zona mais fudida do bairro - a puta puta mesmo.

Minha mãe dava o rabo para vários homens, além do meu pai,

e ainda posava de esposa fiel nos cultos dominicais.

“O segredo, meu filho, é ser maluco o suficiente para que ninguém tenha coragem de confrontá-lo. Será mais fácil para os outros compactuarem com a sua loucura. Aceitá-lo. Por medo. Ou falta de argumentos.”

A segunda putona dedicou-se a me fazer entender o poder do conhecimento, mas uma vez me disse sem pudor:

“Nenhum livro substitui o prazer de uma boa trepada. Saiba disso. Fuder com regularidade também alimenta a alma.”

Ela deu para quase todos os garotos do segundo ano.

A terceira puta até que tentou tirar minha virgindade.

“Nunca vi pau tão retraído diante de uma buceta, parece que quer se esconder dentro do saco.”

Essa última mulher me ensinou muitas lições, as mais importantes talvez.

“Não existe pecado para os espíritos livres. Em todo lugar pode haver felicidade. Na miséria, principalmente. Sujeitos desprezados pela sociedade encontram seus próprios caminhos para sobreviver a essa vida maldita.”

Um conto comprimido de Odair de Moraes

Lembro aquela vez que eu te dei carona. Foi a última vez que nos vimos. Você voltava da faculdade, entrou no meu carro rindo e, ao ver a Bíblia aberta no porta-luvas, atirou as Sagradas Escrituras pela janela tirando onda da minha cara de símio semialfabetizado. “Pra que que você queria isso, cara?”, você falou vendo eu parar o carro no acostamento. Mesmo sendo um ateu convicto, considerei que sua atitude era um puta de um desrespeito. Mais do que uma afronta: uma heresia. Aquela Bíblia velha, em couro, fechada por um zíper, eu recebi das mãos do meu pai, meses antes do coroa ser nocauteado por um câncer no cérebro que o fazia gemer e sair ganindo de dor como um cão apedrejado pelas ruas do bairro. Tinha muita estima por aquela Bíblia, embora pra mim ela não possuísse mais verdade do que qualquer livro do Pe. Fábio de Melo ou do hoje deputado e ex Big Brother Jean Willys. Ainda me lembro que avistei a Bíblia boiando sobre as águas pútridas do rio Cuiabá, antes de submergir rodopiando como bosta num sanitário sujo de um bar no Beco da Lama. Em cima da Sérgio Motta o pôr do sol era qualquer coisa desconcertante que fazia ranger as enferrujadas estruturas da ponte e, de longe, parecia querer sangrar o horizonte.



Ginger Honey

Um Texto de Sara Timóteo

Há algum tempo que me endireitara. Agora, trabalhava num hospital e conseguira ascender, por via do trabalho contínuo e diligente, a uma posição em que trabalhava de segunda a sexta em horário de expediente. A minha vida figurava-se-me como uma recta aborrecida e sem final à vista. Contudo, a minha intuição dizia-me que esta rotina seria sol de pouca dura.

Nunca me engano.

Gustavo era um homem bem-apessoado, de porte agradável e sorriso sempre pronto. Eu intuía que ele era cruel e, por esse motivo, afastava-me dele tanto quanto me era possível. Quando ele chegava à unidade de manhã, ia à minha pausa ou invocava inadiáveis compromissos noutro departamento do hospital. Assim imitámos o jogo entre o gato e o rato durante seis meses; e, como eu sabia desde sempre, nada de bom alguma vez nascera da imitação ou de jogos que se prolongam no tempo.

Olhares, toques e proximidade excessiva: a mercenária que havia em mim despertou de súbito e analisou este homem de maneira aturada e paciente.

Em caso extremo, considerei ficar com ele uns quinze dias e depois provocar uma qualquer situação para que ele me abandonasse (uma orgia com amigas e amigos poderia provocar o efeito pretendido). Tê-lo-ia feito, sem hesitar um segundo que fosse, mas os olhos negros, sorvedouros destituídos de brilho, alertavam-me sobre a existência de um abismo de onde jamais regressaria. Este homem jamais seria meu cliente, mesmo quando iniciara a vida aos 12 anos. Era um homem perigoso. Para mal de tudo o que me levara até ali, ele apercebeu-se de que eu o desmascarara e iniciou o ritual de caça que sempre antecipava o grande gozo que sustentava a sua existência: matar.foder.destruir, obedecendo a esta ordem ou a qualquer outra. Mas a puta em mim era velha e sabia como defender-se. Esta era uma luta pela sobrevivência.

- Olá, Diana. Tudo bem?

Enfaixada num vestido de tafetá que me enlanguescia e aprisionada por uns sapatos de salto agulha num tom de azul-claro, murmurei que sim, que estava bem, mas com muito calor. Ele deu instruções à filha para nos deixar a sós e começou a tocar-me nos ombros e nos cabelos com grande afã.

Apartei-me dele e do cheiro que me repugnava tanto quanto pude. Céus, quantos quilómetros calcorreei naquela festa para que ele não me visse!

A fuga teve fim no momento em que a menina me seguiu para a casa de banho e afirmou ter medo de estar sozinha dentro dos lavabos.

Infelizmente para a menina, irritei-me com a perseguição velada e comecei a praguejar na minha língua de rua, diversa da fluência polida em língua inglesa que toda a gente admirava e invejava no hospital.

- *Fucking wannabe hoe!*

Logo surgiram três ou quatro matronas com ar preocupado que levaram a menina para longe da minha influência perniciosa. Fui convidada a sair da festa por ofensas perpetradas à moral e aos bons costumes, não sem que antes ele viesse falar comigo.

- Nunca pensei que tratasses assim a minha filha. Parece que não te conheço de todo, e é pena, porque sempre achei que tínhamos uma certa química.

- *Não tenho de me justificar perante ti. Tu não me conheces, de facto. O melhor é ir-me embora.*
Até mais!

Neste momento, caros leitores, ouvintes e telespectadores, o tiquetaque do relógio *Richard Mille Caliber RM 019 Celtic Knot Tourbillon* que comprei quando logrei sair das ruas mede os passos que me separam do confronto final com o meu predador actual. Antecipo este *rendez-vous* com a paixão que coloco nas soluções elegantes para qualquer problema.

O meu nome de guerra é Ginger Honey. A vida de rua em Santa Fe onde a minha mãe me largou com 11 anos para que o meu pai não nos encontrasse trouxe-me uma afeição desmesurada a três coisas nesta vida: foder, matar e ter muito dinheiro. São necessidades legítimas que encontram abrigo na alma de qualquer rapariga honesta e, com recurso a alguns instrumentos que transporto comigo, em breve poderei satisfazê-las.

Sacrofício

Um conto de Gabriel de Jesus

A primeira vez que a vi, Cristina era puxada pelo braço como um cão arrastado pela guia. Sua mãe estava no terceiro filho. Cristina carregava um pacote de ‘Setebelo’, e aquilo parecia ser a melhor coisa que alguém poderia carregar. Aquilo e um par de sandálias da Minnie, surrado pelos cacos das garrafas de vidro quebradas no chão do Conic. A mãe se aproximou. Cristina veio atrás saltitando.

— Uma balinha, senhor?

Eu tinha acabado de acender o cigarro, e não estava nem um pouco a fim de patrocinar aquele protótipo de meretriz malsucedido.

— Não, obrigado — retruquei;

Ela tocou a barriga. A criança dentro do útero protestou contra minha recusa. Já era um pequeno marginal. Um feto subversivo. Insistia em desobedecer desde o ventre, mesmo depois de todos os ‘Cytotecs’ e dos litros de chá de Artemísia. Cristina veio e se pôs à minha frente. Era de um carisma típico daquelas crianças insuportáveis que passam nos programas sábado à tarde, dançava freneticamente enquanto chegou me oferecendo as malditas balas, duras como pedra.

— Tio, compra uma balinha pra gente comprar uma sandália do Mickey pro Enzo;

— Como é o nome dele?

— Mickey — ela respondeu;

— Não, do seu irmão, qual o nome dele?

— Ahhhh, Enzo, é italiano — ela me disse, enquanto a mãe já agarrava o braço para puxá-la até a próxima mesa;

— Mas como você sabe que Enzo é italiano?

— O Renato que me disse;

— Cristina, eu já falei que não é pra você falar do Renato — Disse a criança, com uma criança dentro, puxando outra criança pelo braço;

Renato eu conhecera, ele tinha o poder de fazer nevar por 30 conto, onde, hoje, em qualquer canto, é bem mais caro que isso. Mas Renato era um pequeno filho da puta. Usava a grana que eu pagava pra ele, alugando algum lote vazio, dentro de alguma garota que fora carregada pela mãe para vender balas ‘Setebelo’ a homens escrotos em botecos.

— Mas essa bala é boa mesmo, menina? — Perguntei à Cristina;

De pronto ela me respondeu:

— É sim, uma vez eu comi uma, foi a melhor que já provei.

— Me dá 2 pacotes então;

Aquilo deveria servir de tira-gosto na próxima hora entre o Conic e o bar do Silão, lá na 19.

— São 3 reais – a mãe falou;

— Porra, 3 conto?

— É pra gente comprar a sandália do Mickey. Pro Enzo. Ele vai adorar – disse a pequena Cristina, em tom otimista, no meio daquele bando de homens gordos, semi-carecas, que olhavam sua mãe como um abutre olha a carniça.

Num rompante de Filantropismo Cristão, resolvi ajudar. Bem, a gente sempre encara assim, né? Um drogado vende balinha no ônibus, a gente quer tirar o gosto de ferro da boca, compramos pelo prazer do paladar, mas sempre cochichamos pra deus que aquilo, na verdade, é um ato de compaixão, e imploramos, como Cristina implora por uma sandália do Mickey para o Enzo, para que ele seja mais compassivo com nossos próximos vacilos. Saquei 5 conto. Cristina, desenrolada, já me passou duas moedas de troco. Ofereci à ela um dos pacotes.

— Pra mim? – Ela, incrédula, questionou;

— Sim.

Ela foi logo abrindo o pacote e enfiando duas balas goela à dentro. Sua mãe, já incomodada pelos malacos que, ignorando o pequeno Enzo e a espoleta Cristina, falavam absurdidades, saiu puxando a pequena pelo braço em direção à rodoviária. Vi Cristina se distrair abrindo outro envelope de bala. Tropicou. A sandália se desprendeu do pé. Quando foi apanhar, a correia havia quebrado. Ela agora tinha um pacote de balas, mas não mais a sandália. Sua mãe a apanhou no colo. Uma criança, carregando outra no colo, e mais uma no meio das entradas. Cristina é sua mãe ontem. Eu continuo a fazer pequenas chantagens com deus.



Um poema de Karoline Andrade

Me escondi atrás das palavras pra você ouvir os meus gritos
Sonhei acordada mas não consegui sair disso
Arranhei as pedras com um pouco de ignorância
Amansei a agonia com uma flor
Surtei
E não decodifiquei as minhas fantasias
Bravo!
Mais um sarcasmo
Mais uma carícia
Mais uma saudade
Mais uma verdade para enxaguar os olhos
Escovar os dentes
Eu sinto muito
A dança da loucura chega bem perto da arte
Pelos, sombras, cheiro , gosto quente, unhas delicadas, mãos inesquecíveis
_ Eu vou tomar uma vodca por que isso está muito sensível
Pode fumar comigo?
Poemas e poemas
Hoje ganhei um abraço , não foi por causa deles
Enfim...
Musicas, músicas
Você gosta de ouvir
Eu gosto de te ver sorrir
Tudo bem
_ Ei! Pode me trazer uma água, por favor?
Aliviar o cheiro de cigarro e café
Diminuir o peso da minha consciência
Amassar o papel da idiotice
Respirar além da fumaça
Abraçar, beijar, rir, te olhar nos olhos...
Cachoeiras saudáveis vagam solitárias pelas paredes do universo.

A dama das trevas

Um poema de Jovino Machado

sabe dançar
a falsa valsa
seu voo é um presságio sombrio
no impulso lúdico caiu da torre
e perdeu a terceira perna
pode andar sem ela com muletas
mas vai sentir muito a sua falta
fala baixinho com uma fada
mas fere fundo como uma bruxa
sua saliva é venenosa e cruel
anda com passo de gazela
para não despertar os cães
deu um salto trapezista
quando o cupido se abaixou
para apanhar a flecha
sabe fingir em alemão
ou sabe-se lá qual idioma
demônio medieval
disfarçada de anjo barroco
pode ser vista ao lado de satã
na divina comédia de dante
ou rezando uma ave-maria
aos pés de nossa senhora do desterro
no altar da igreja do pilar
numa estranha alquimia
entre o sagrado e o profano
vai passar a eternidade
no nono círculo do inferno
ao lado de caim e judas
virgilio vai lhe virar a cara
sua beleza é uma cadela
que me envia em seus latidos
um ganido de socorro
que a vingança transformou
em cantiga de maldizer

Poema-Ópera

Um texto de Gabriel Tarragô

que porra é essa?, perguntou. eu tinha que responder. os outros geralmente esperam isso de mim. e eu não gosto de dever nada a ninguém. me ensinaram a ser assim, auto-insuficiente. e a pergunta tinha sido pra mim, oras. e quase ninguém pensa por mim. o diabo é que sempre me perguntam sobre as coisas. as porras das coisas. e eu lá vou saber!

vai responder ou não, caralho? continuei pensando, agora com uma cara mais agoniada. também odeio pressão. odeio gente chata, insistente. ah, vão todos se foder! tô cansado dessa merda! sempre essa joça. expectativa, suposição. o maldito achismo. o maldito e fodido apriorismo.

olha, é o seguinte: trate de pegar suas coisas e sumir! chega de te dar satisfação.

insatisfação, você quis dizer...

como queira. foda-se!

ok, pode deixar. me foderei.

saiu, fechou a porta e por alguns instantes pensei em cortar os pulsos. mas eu jamais faria isso. era só vontade de fazer alguma coisa radical, extrema – sei lá, qual a melhor palavra. aliás, eu nunca sabia direito o que falar. sempre ficava quieto a maior parte do tempo e quando abria a boca, estragava tudo. dizia coisas incompletas, ambíguas, vagas, às vezes até coisas sem sentido, totalmente incomprensíveis, ilógicas. ou talvez, lógicas apenas para mim. mas a vontade de tomar uma atitude pra valer existia. e, aliás, era essa a sensação eterna na vida: fazer algo digno de nota. quer dizer, digno de alguma manchete de jornal. algo que realmente fizesse as pessoas pensar “nossa... sério que ele fez isso?” “não acredito... caralho, que coragem!”

peguei o celular e liguei para a pizzaria. o número estava gravado na memória do aparelho.

dissabores

o coração
é uma pizza
com apenas
quatro pedaços
oito azeitonas
dois sabores
mas cada ingrediente
tem o seu próprio (sabor)
bom é jogar o azeite
e o sangue em tudo
e comer a vida
ao molho pardo

ligo a tv e fico olhando para a tela, como se ali estivesse o horizonte. ou o ponto de fuga

para onde a gente olha quando não quer ver nada. as vozes dos personagens da novela
atravessando a cabeça, sem nada fazer sentido. a linguagem humana também consegue ser
apenas um barulho no mundo.

maria
que amava josé
que amava outra maria
que amava outro josé
que amava outro josé
que amava outra maria
que amava outra maria
marias e josés
que um dia
sozinhos
se amariam

que romantismo cafona! plagiado, rimado, piegas. tenho certeza que alguém já deve ter
escrito isso. o mundo está cheio de poesia romântica cafona. o mundo é sempre muito
piegas.

e então?
não sei
mas eu quero
eu também
quando?
amanhã?
amanhã não dá.
sexta?
ok.
até lá!
até! mas não se esqueça de trazer o livro do dalton trevisan, pra gente começar a pensar na
peça.
tá. beijo.

**as vozes
às vezes
são algozes**

atendi o telefone. ninguém falou nada. desliguei. eu que não iria retornar a ligação

enfim

não há mais créditos
não há mais crenças
todos os méritos
todas as heranças
o inteiro espectro
entre a saúde
e a doença
entre o elogio
e a indiferença

a gente nunca sabe quanto vai durar uma vida inteira.

acendi a luz. fui para o banheiro. na parede, um espelho com minha imagem invertida. eu já estava acostumado a me ver assim, espelhado. o meu lado direito no meu lado direito, o meu lado esquerdo no meu lado esquerdo. e eu tinha certeza que não era assim que me viam. eu era o inverso. apenas o inverso.

tirei a roupa.



SHORPY

Rotina

Um texto de Aldo Jr.

os olhares se tocam quando ela abre a porta. silêncio. ele entra e ela arqueia a sobrancelha.

- tô tão triste que não tenho vontade de encher a cara.
- é sempre isso. toda semana, qualquer operação...
- eu faço o que tenho que fazer, só isso.
- e depois choraminga como um garotinho que apanhou dos colegas no recreio.
- algumas coisas tatuam a alma da gente.
- você deixa tatuar, grandão...
- eu o quê?
- você deixa tatuar.
- você não sabe o que tá falando.
- meu coração é uma eterna ocupação provisória.
- e?
- e daí que mesmo com todo esse entra e sai, ninguém fez dele morada permanente.
- porque ninguém quis?
- não. porque eu não quis. o que eu não quero que me marque, não ficará em mim.
- você sopra como fumaça de cigarro ou engole?
- você já foi melhor com essas piadas.

ele tira o casaco e pendura na cadeira. ela arruma o cabelo dando várias voltas atrás da nuca. seu pescoço moreno é um pilar dórico.

- há 7 anos, tudo o que eu ouço nesse quarto, quando não é lamentação é xingamento.
- e o que você esperava?
- praticidade. entrar, foder, gozar, sair.
- ...
- as dores de vocês são sempre as maiores dores. os problemas de vocês são sempre sem solução. a vida de vocês é sempre mais difícil.
- e não é?
- você acredita nas coisas que você diz?
- às vezes...
- então você sabe que acabou de mentir.
- sei.
- que tipo de fraqueza é essa?
- você já tirou a vida de alguém?
- várias.
- com um tiro ou vários? olhos te encarando, sangue gorgolejando pra fora da boca. já viveu isso?
- encaro olhos apaixonados que se dissolvem na lida do dia a dia e nem por isso me culpo. isso é o seu trabalho. esse é o meu.
- não te pedi conselho. você é minha puta, não minha terapeuta. abaixa e me chupa.
- tira essa aliança e guarda esse distintivo na gaveta do criado mudo. sou sua puta e fodo com você, não com o moralismo que você prega.

ele dá um tapa em seu rosto. ela morde os lábios. ainda é quarta-feira.

Terminal

Um conto de Norma de Souza Lopes

Ela, constrangida com o divã, senta - se no meio, ajeita para se deitar, desiste.

-É obrigatório deitar aqui?

- Não, aqui você não é obrigada a nada.

- Posso me sentar de frente pra você? Gosto olhar nos olhos quando converso.

- Claro que sim!

O móvel não apresenta apoio para as costas, não parece ter sido feito para sentar. Mas ela insiste. Apoia as costas na parede e fica com as pernas meio penduradas, os pés longe do chão. Cuida para que ele não veja sua calcinha.

- Agora a gente conversa sobre o câncer?

- Quer conversar sobre o câncer?

- Não sei. Podemos conversar sobre qualquer coisa? Eu queria perguntar algo.

- Pergunte então.

- Escuta, eu não queria passar meus últimos meses casada. Me parece um desperdício passar este tempo precioso com meu marido.

Ela desdobra a barra da saia e a alisa distraída.

/

- A gente casa, cria filhos, lida com os defeitos do companheiro, segue no automático, sem paixão, sabe? Daí vem esta notícia... Seis meses... A gente fica pensando se não valeria viver algo diferente. Você entende, doutor?

- Quer me explicar melhor?

Ela corre os olhos pela estante. Tenta descobrir nos títulos algo que a encoraje. Lá entre os títulos vê "O segundo sexo" da Simone de Beauvoir. Respira tão fundo que o consultório se enche com o som de um suspiro.

- Abel, posso te chamar pelo nome né? Então Abel, eu queria ser puta. Sempre quis.

Abel se acomoda melhor na cadeira. Ela é capaz de ler na sua expressão algum interesse e volta à carga.

- Uma vez liguei num desses telefones de acompanhantes de executivos me oferecendo. Mas a mulher que me atendeu me fez um escrutínio e depois disse que eu estava gorda. Sessenta e dois quilos e gorda, não é para rir? Nem pra ser puta eu servia. Imagine hoje? Não emplacava nem no sobe-desce da zona do baixo meretricio.

- É um desejo curioso. Qual prazer você acredita que teria sendo prostituta?

- Nunca me perguntei. Acho que as putas experimentam todo tipo de sexo, gozam mais, com liberdade. Me agrada a ideia de pelo menos uma vez viver um sexo selvagem, alguma perversidade sexual.

Encara o psicanalista, e o imagina se levantando e transando com ela ali mesmo, naquele divã. Para isso o móvel serviria muito bem. O pensamento dura só alguns segundos até ela conjecturar:

- Não, não é isso... Bom, acho que o que me atrai é a possibilidade de ser dona do meu corpo, de experimentar todas as possibilidades sexuais dele.

- Dona do corpo?
- Sim, tão livre e dona do corpo que poderia até vendê - lo a quem quisesse.
- Você acha realmente que elas são mais livres que qualquer trabalhador, que qualquer mulher em outra atividade?

Ela silencia e por um momento parece afastar - se do seu corpo, do consultório, da sua vida e de todas as coisas que a assustam naquele momento.

- Sabe, acho que somos um pouco o que não vivemos, mesmo na contradição. Este corpo de matrona que eu constituí, foi uma fuga, entende? Fui deixando a medida que mudava. Ia me afastando desse desejo maluco de ser puta.

- É provável que sim.

- Dizem que a maioria das putas nem sente prazer com os clientes.

- O que você deseja de verdade? O que te dá prazer?

- Pergunta difícil. Não sei ...

O pensamento leva-a a cavalgar sobre ele no tapete. As orelhas se arrepiam e ela fecha os olhos. Teme que ele possa ver em seus olhos o que se passa na sua imaginação.

- Acho que gostaria de ser desejada. Muito desejada. Se eu passar uma peneira em tudo que quero acabo esbarrando nisso: queria ser amada e desejada.

Mais silêncio. Quando finalmente fala, a voz é um sussurro inaudível:

- Abel, estou com medo. Não quero morrer...

- Ouça, o tempo acabou. Continuamos na próxima sessão?

Ela se levanta tropeça, confusa, ardendo e se perguntando como pode a eminência da morte ser tão erótica.

Para num bar a caminho de casa e pede uma dose de rum. No banheiro dobra a cintura da saia e abre dois botões da blusa de seda. Aspira com sensualidade o cheiro quente de seu perfume, em conflito com os odores do banheiro de botequim. Decide de chofre: esta noite não volta pra casa. Amanhã talvez. Esta noite não.

Não Foi Possível Completar a Sua Ligaçāo

Um conto de Carlos Aloysio

- Não foi possível completar a sua ligação. Tente mais tarde.

Deixo o aparelho sobre a cômoda encardida e pego mais um comprimido amarelo. A crise bateu. E fodeu tudo. Formigamento pelo corpo, sudorese, tremor, boca seca, o caos instalado. Pisco desordenadamente meu olho esquerdo, parece que estou em curto. Preciso de água, vai da torneira mesmo. Tomo dois comprimidos, uns três, sei lá, o resto da cartela. E nada da crise passar. Cecília está longe. Mas, mesmo se estivesse perto de mim as coisas não estariam assim tão melhores. Quando eu afundo, ela fica me olhando de esguilha e quase sempre culpa o pó pelo estrago mental. Eu também bebo, e Cecília (como fazia a minha mãe) fiscaliza minha geladeira, analisando meus vícios e minhas descargas mentais. Enfio a boca na torneira da cozinha e bebo uns goles barulhentos, como se eu criasse uns ruídos pra provar que estava vivo. As famigeradas crises de pânico e bipolaridade. Tenho dias ruins... e outros piores. Quando está somente uma bosta, quatro carreiras e meia garrafa resolvem. Fico trancado no apartamento, assistindo aos mesmos filmes de sempre. Sei lá, quando eu gosto de um filme é um desastre. Vejo as cenas milhões de vezes, diariamente. Cecília fala que sou esquizofrênico. Fala que o pó me fritou e que a bebida me bebeu. E, agora, a filhadaputa não está por perto e a crise não passa de jeito nenhum. Cadê a porra do telefone? Ele está na cômoda!, na beirada da sala. Pego o aparelho e aperto o redial.

- Não foi possível completar a sua ligação. Tente mais tarde.

Putamerda, não adianta. Cecília não vai me atender. Deve estar perto do marido ou das crianças. A gente tem meio que um caso, sei lá, um contato extraconjugal. Nem sempre a gente fode. Tem vez que ela vem, cheira todo o meu pó, bebe tudo o que vê pela frente e ainda deixa uma calcinha suja no bidê. Eu fico puto quando ela faz isso. Mas, é legal pra caralho, a tal da Cecília. A gente sabe se divertir. Aprendi a ouvir Paranoid com ela. E outras músicas do tipo, também. Cadê a Cecília, que não me atende?

Estou na sala e a cortina impede que o sol invada minha privacidade. Já tive crises assim, sei que elas vêm e vão, mas é terrível imaginar que os segundos não se dissolvem com os comprimidos, e tudo vai ficando ruim gradativamente, até que o desespero aperta minha garganta e me dá uma vontade incontrolável de vomitar a minha alma. O médico falou que eu precisava parar de beber por um tempo para os remédios surtirem algum efeito. E eu não consigo ficar sóbrio, nem por um mísero dia.

“Eu não posso ficar parado, o pânico vai me comer vivo”

Vou rastejando pela sala, rumo ao corredor que dá acesso aos quartos. Eu vivo sozinho num conforto desnecessário. Três quartos e três banheiros. Isso sem contar os outros cômodos. Gosto

daqui porque ninguém nunca notou a minha presença; ou os vizinhos fingem que eu não existo ou eu realmente não percebo ninguém nos outros andares.

Chego ao meu quarto. Num dos criados, uma garrafa pela metade e um pó branco esticado sobre uma revista evangélica. Geralmente, Cecília passa na recepção do prédio e pega todas as minhas correspondências; a maioria, cobradores de merda. Não sei de onde veio essa revista, só sei que o papel laminado é muito foda pra esticar o pó.

Minha cabeça parece que vai explodir. Eu sei que a crise vai passar. Eu sei que tudo passa, tudo.

Ainda rastejando, alcanço o criado. E a garrafa. E o pó. Aí, eu faço o que deve ser feito. Deito no chão do quarto; abro os braços numa crucificação invisível e algumas palavras sem sentido perturbam a minha cabeça:

- Não foi possível completar a sua ligação. Tente mais tarde.

“Putamerda!, será que eu consegui falar com a Cecília? Ela atendeu?”

Não me lembro dos últimos minutos, coisa boa não pode ser. Preciso da privada, quero vomitar. Dessa vez, vou rolando pelo chão, arrastando a garrafa com a mão esquerda e arranhando a tábua envernizada com a direita. E parece que a privada está num outro planeta. A primeira golfada lambuza o box, não consegui alcançar a porra da privada. Vomito outra vez. E mais uma outra. É muito ruim vomitar com o nariz cheio de pó. Sai merda pra todo lado. O telefone toca. Mas, ele está muito longe. Lentamente, ergo a cabeça e luto contra a gravidade do banheiro. Estou todo coberto por uma lama esverdeada, uma gosma fedorenta e cheia de bolhas coloridas. Que inferno!

Mais um pouco e consigo me apoiar na parede do banheiro. Preciso de mais pó. Arremato a garrafa, vomito de novo e vou na direção do pó.

Mais duas cheiradas consideráveis. Quando a gente cheira muito, o pó anestesia até a nuca.

Alguém bate à porta. E uma voz bem familiar surge do nada:

- Oi! Abre a porta pra mim!

“É Cecília!”, ela veio, ela sempre aparece. Porém, eu não consigo sair do lugar, a realidade física do quarto não me permite andar, nem rastejar. Abro a boca e tento me comunicar com ela:

- A porta está aberta!

Falo quase berrando, sem muita noção do que está acontecendo ao meu redor.

- A porta está aberta!, caralho!, abre aí!!!

O eco da minha voz se multiplica à minha frente e eu já não sei quem disse que a porta estaria fechada. Dificilmente eu tranco minhas portas.

- A porta está aberta!!!!!!

- Porra, não precisa gritar.

Cecília parou na porta do quarto e me interrogou com seus olhos escuros. Eu sabia que ela ficaria muito puta comigo quando visse o resto do pó.

- Você cheirou tudo isso sozinho? Está bêbado também? Que merda, hein?!

Essa garota sabe me entender. Ela conhece as minhas crises, comprehende minha esquizofrenia paranoica.

- Vamos tomar um banho, agora!

Ela quer que eu me levante. Ela abre o chuveiro. Posso ouvir a água gelada se espalhando no ladrilho cinza. Ela me estende a mão, e me arrasta pro chuveiro. Eu sei que ela me entende.

- Cecília, passei por uma crise fodida!

Ela cerra minha boca com o dedo indicador. Na verdade, eu não preciso falar nada. Ela já está comigo há um bom tempo, tempo suficiente pra entender uma crise de bipolaridade. Em vez de me censurar por causa do pó e das garrafas vazias, ela me abraça e se ensopa comigo.

- Vai passar, querido. – Ela me aperta contra seus seios, enquanto massageia meu pescoço. – Vai passar.

A água gelada vai me cegando aos poucos, e outras imagens invadem minha mente. Sobre o ombro dela eu ainda consigo ver o que sobrou do pó. Atrás da cama, mais uma garrafa nos espera.

Sobre um dos criados, creme de gabiroba e macadâmia.



Para Fins de dar Nome

Um Texto de Leonam Cunha

Há uma rebelião ocorrendo no maior presídio do estado e um senhor de flor na lapela pede uma dose de gin com tônica. Enquanto ele bebe, não há nenhum romance sendo escrito. Os detentos lançam pedras, barras de ferro, tudo sem maniqueísmo. Não há que se glamourizar o crime. Uns contra os outros; ao meio talvez figure o governador, não se reconhece seu rosto nem a cor dos lábios. A polícia já cumpre outro papel e fica responsável por grande parte das cinematografias. O vídeo hoje em dia é essencial para o movimento das plaquetas.

Estacionado a um canto da parede, o senhor de flor na lapela olha de esguelha para o barman. Não lhe nascem flores da boca:

– Estão se matando. Que seja. Para esse espécime de gente só um lugar: campo-santo.

O barman retruca que o cliente por gentileza não movimente a corda vocal de modo a vibrar mais, para que o moço do caixa não ouça nada.

– É que o filho da mulher com quem ele vive estava cativo, e foi um dos que findaram com a cabeça desanexada do corpo.

(*So sad story... That's how we honour Robespierre*).

– Ele saiu nos jornais mas não logrou ser reconhecido por todos. A mãe viu a tatuagem: Alzira. Mãe sabe. Quase ficou famoso e com aquela pele escura, uma pena. Todavia, no entanto, contudo, confesso concordar contigo. Se estava dando uns passos por lá, pediu.

O faxineiro, que ouvia a discussão muito de relance, imediatamente é o mais consciente:

- Não se sabe mais o que é a lei nestas terras brasiliis. E desde mil e quinhentos.

Enquanto isso, as ordens são para que não entrem no presídio. Não há em definitivo o que fazer nesta situação. O presidente assiste e assevera às mídias que se importa; disso não se duvide. Mortemente das mídias. Todo mundo aguarda deveras ansioso para que todos os detentos se massacrem e recebam os devidos e irrefutáveis cem anos de perdão. Os cristãos têm convicção de que descobriram a resolução para a criminalidade. Seria bom atentar para os nomes deles: Salazar, Adolf, Benito e Franco.

Especulações

Um texto de Mary Prieto

Vozes sem palavra e bocas sem ritmo flutuavam pelos dias. Corpos invisíveis se atravessavam e disputavam espaço sem jamais se notarem: egoísmo vestido de pressa. Na rua, uma cartomante tentava prover esperanças para além do peso do previsível. Repetia incansavelmente, lançava bombas com um som estruturado:

- A verdade é coisa que não é qualquer um que encara!

Uns riam. Outros desviavam o olhar. Havia aqueles que se encolhessem. Todas reações comuns de encontrar. Só ela fazia a frente. Mas, de repente, alguém a encarou de frente. De braços cruzados, uma moça simplesmente parou e esperou o restante. Entendido o sinal, dobrou o fôlego e prosseguiu:

- A verdade é contundente e só quem é sensível entende a pancada.

Era um elogio que não foi absorvido. Quem parou estava ali pelo desafio. Devolveu:

- A verdade é inerente e só quem é sensato entende a estada.

Foi uma porrada, teve que reconhecer. “Não adianta gritar verdades se a assimilação depende de perspectiva” pensava. Quem era aquela? Tinha que continuar, ainda mais agora:

- A verdade é consistente para quem a desafia.

Com a confiança interna de quem já havia desafiado e sido desafiada por muita coisa e muita gente, quase riu. Entre o deboche, o desprezo e a firmeza, triplicou:

- A verdade é indiferente em ser noite ou dia no eu que se descobre outro. E outro. E outro....

Nesse instante, ambas se viram e enxergaram. A escuridão é rever-se e, a luz, um mover-se. Todo diálogo, uma dança de esclarecimentos. E como uma não se dobrava, resolveu a outra apresentar-se. Cortesia que embala o embate:

- Meu nome é Rute. E tu?

- Ora! Descubra, vidente!

Rute não tinha cartas na mesa. Rute jogava de coringa. Era com outras pessoas que, atenta, ela (re)via o futuro.

Dois Caminhos

Um texto de Cauê Drumond

Domingo. Cinco e quarenta e quatro da manhã. Um homem de meia idade, calvício jovem, estatura média e olhar cansado. Um garoto em sua segunda década, acneico e que claramente deixou de ser atleta há um ano - dentro de suas meias vermelhas. A rua à sorte do gato sem rumo, balançando seu rabo vagabundo, o carro passa comendo as faixas em seus faróis exorbitantemente altos. Andares vagarosos e risos sincronizados. Qualquer piada funciona essas horas. Caminham sobre a orla do rio que cruza a cidade. Cai do céu um naco de papel, e o vento contrário freia-o no sexo do menino:

"METROS

*O sono que toma o corpo,
não é o mesmo que toma a alma.
Luta. Permanece.
Mirantes desabados e pernas sem calma.
D'onde some o rosto,
surge uma fuga.
Muda. Crua.
Enterra mil santos e o tempo se enxuga.
Valei-me! Um dado corpo desloca-se no espaço.
Braço. Laço.
Emana velas, naus, piratas e barcos.
A paralisia dos objetos lhe assusta.
Morte injusta!
Brilha. Ilustra.
Amor pouco frustra?
Lhe ajusta.
Busca. Dê-me de presente um Fusca.
Ofusca.
Nunca morri de saudade,
embora sentimento lá pela metade
é, de todas,
a maior maldade."*

O púbere rapaz dá um sorriso de pureza covarde que lhe invade sem consentimento, fingindo entender, com aquela testa gritando "sinto falta do que nunca tive". Toca o celular do Cinquentão assim que puxa para ler aquele troço que vira de cima. Apesar de abafada, ouve-se a voz do outro lado da linha. Enfia a mão no bolso guardando as palavras:

_ E se eu fosse?
Sutilmente ri.
_ Iria.
_ De certo então que vou.
_ Não deve.
A mão larga o bolso e cobre a calvície.
_ Vou, e pronto.
_ Não volta. Faz esse favor e não volta.
_ Vou, e pronto!

- _ Não me leva. Pois não hei de hesitar.
 - _ Não te levo nem de graça.
 - _ Não te pagaria! De jeito nenhum te pagaria.
 - _ Te levo. Te levo e não precisa vir.
 - _ Fico.
 - _ Fica.
 - _ Carrego tudo que é meu.
 - _ Não deixa nada.
 - _ E por qual motivo deixaria?
 - _ Tortura.
- Perde o olhar em cima da ponte. Conclui:
- _ Perduro em tua mente e basta.
 - _ Basta uma piroca maior e pronto. Era.
- Volta a mão ao bolso.
- _ Duvido muito. Bastante.
 - _ Paga pra ver?
- Dois toques. O crédito vai acabar.
- _ Não lhe pagaria.
 - _ Eu sei.

Ligaçāo finalizada. A ponte. A escada, os canos e uma aposta. O Mérito corre para a escadaria, enquanto a Juventude para a canalização. Uma moçoila. Trajes curtos. Cabelo preso sustentado por um *hashi* de algum daqueles karaokês onde só dá japonês. Uma bolsa pálida. Desbotada. Branca. Ali, em meio ao rio. As madeiras estalavam sob uma proteção fajuta feita especialmente para suicidas. Ela cumprimenta o garoto que volta de uma tontura pós chegada. Estático agora, a-golpeia com uma rasteira. Ela cai e empurra-o com suas enormes tamancas. Duas quedas. Cabelos dourados na água que, com a luz da lua, mais parecia vagalumes em voos ligeiros. Ele cai sobre a encosta e é lançado de volta a avenida. Cabeças decepadas rolam pela superfície do asfalto, cheios de cabelos e pelos no rosto. Cascatas de sangue. Puxa um pela barba, e deste surge uma gargalhada desfigurada. O Cinquentão e seus lumes perdidos à ponte. Um amigo desconhecido, sem dente algum, chora um fim de mundo no final da avenida. Há uma tarja sobre seu sexo.



Vem

Um Poema de Bruna Mitrano

esperei uma resposta

oi

até perder o sono e as estribeiras

tudo bem

mas ela não veio

e você?

eu sei onde você não está.

Mulher em Combate é Guerrilha

Um Poema de Nil Kremer

sina desde menina de flertar com a imprecisão

perder o chão, estrangular a equilibrista

ler dedos em riste como a bamba corda

esticada ao extremo

cair puta em terreno sem rede de proteção

vender o grelo, ceder a apelos

oferecer colo, poros, temperos

com Graça curam- se feridas

fodidas crianças emocionais choram suas dores

hino pra Graça é ter horário preenchido

sinal de contas pagas, comida na geladeira

e quando sem eira nem beira

haja Graça para gozar sorrindo

cavalgar como Nefertite

pra ruir areia em missão cumprida

o Luis da funerária não esconde o maremoto no peito

ama o leito, leite, cheiro, cada pentelho

ama todo o canteiro de Graça

(porque Graça é o jardim inteiro)

– Graça, casa comigo, sai desta vida

você é o band- aid pra minha desgraça

pira pra minha tocha

pluma do meu travesseiro

vem Graça

vem ser a gira do meu terreiro!

só que, mais que qualquer pesadelo

aflição pra Graça é ideia de cativeiro

– me erra Luís, me erra

minha vida é no puteiro

eu sou território de mim

busca tua graça em outra praça

que esta Graça é festa

pra cortejo inteiro

o precipício de Graça é deleite

porto pra mastro que paga bem

e quando farsante aporta rasantes de punho fechado

a torcida rebate e põe pra correr

quando a vida sorri cariada

não basta meter os peitos

lótus no lodo emputecida

só nasce em ferida aberta

de alma sa(n)grada



UMA TARDE COMO AS OUTRAS

Um Poema de Natasha Felix

saiba do meu ventre não sai
do meu ventre não sai carícia saiba
eu também sei atirar
aqui dentro a guerra chegou
não são apenas as cidades sitiadas
levaram algumas de nós
outras ficaram esperando o próximo trem
com a voz engalfinhada na arma branca
um punhado de filhos que não vingaram
em nenhuma tarde de março.
outras permaneceram esperando
chupando o caroço da seriguela
como se eles não insistissem
ainda assim depois de tanto tempo
eles insistem em lamber os beiços
de longe eles lambem os beiços
outras vezes nem tão longe
para a infelicidade das que ficaram.





eu disse que não voltaria



eu disse que **não voltaria**
eu disse que **ia clarear clareou**
eu disse que **era inocente baby**
eu disse **quebra quebra**
eu disse que **te amava**
eu disse **quero mas não agora**
eu **nunca** disse que prestava
eu disse **eis** que **venho senhor**
eu **Ihe** disse que **não bulisse**

Google Instant is unavailable. Press Enter to search. [Learn more](#)

Segredo

Um poema de Jackeline Valentim

Tanta coisa pra falar
Tanta covardia em meu peito
Por isso deixo a imaginação passear
Te despindo por inteiro.

Quando a fantasia não satisfaz
Busco em meu próprio corpo
A hipótese longínqua de te encontrar
E me sirvo de um pueril gozo.

Porém, desconhecendo verdades
Me mordo em desespero
Traio o desejo pedindo perdão

E recito baixinho novo apelo:
Imagino as ondas do mar
Que são suas mãos, lábios e pelos.

465 L.B.

465 L.B. 22 M 14
E. EGgers 16-12-19



LA PETITE MORT

Um texto de André Mellagi

Aqui era onde o endereço indicava: uma estreita porta de madeira sob uma lâmpada dependurada pelos fios soltos de uma gambiarra qualquer. Ele passou pela soleira um cartão com o desenho de um crânio com um lótus brotando de uma das órbitas oculares. Uma mulher com uma máscara de tatuagens e a bandoleira de um fuzil atravessando entre os seios cobertos por um tule transparente abre a porta. Ele sobe uma escada com cuidado de não pisar em um homem desacordado e esparramado sobre os degraus. Abriu outra porta no final da escada e encontrou um grande salão infestado de notívagos. Duas mulheres sentadas num sofá compartilhavam beijos e o fumo contido na extremidade de uma esguia piteira. Um androgino trapezista balançava do teto suspenso por correntes cravejadas na pele das costas. Divãs no fundo do salão acomodavam os corpos de mentes que temporariamente não estavam mais lá. Uma larga e comprida mesa dispunha de diversas iguarias e garrafas prismáticas que absorviam e refratavam as luzes de um grande lustre de cristais, única fonte de iluminação no centro do salão que deixava o contorno na penumbra riscada somente pelos vaga-lumes de brasas de cigarros. Uma música contínua mesmerizava os que dançavam: dervixes rodopiando, orixás montando seus cavalos em transe. Em outro canto do salão um amontoado de pessoas estendiam a pele uma nas outras numa mistura promíscua de braços, torsos e pernas. Vagueavam a esmo aqueles que empunham castiçais enquanto liam alfarrábios de antigas revelações apócrifas.

Ele procura uma mesa distante e senta na cadeira solitária. Uma atendente se aproxima.

“Boa noite, o que o senhor deseja?”

“Boa noite. Eu desejo esquecer.”

“Temos tudo o que você precisa. O torpor do vinho oriundo das melhores regiões temperadas das mais raras videiras. Absinto e outras beberagens que te transpõe para andares mais elevados da consciência ou o ópio que te submerge ao mais profundo sono. Caso aprecie o êxtase do paladar, temos todos tipos de carnes exóticas, frutas das regiões mais remotas, temperos secretos. Mas se sua sede for de conhecimento, temos manuscritos de línguas arcaicas jamais publicados antes, sobreviventes de todas as fogueiras que arderam durante milênios, pois ameaçavam derrubar religiões e impérios. Mas se procura o esquecimento no gozo ou na dor, oferecemos os serviços de especialistas nestas artes, da preferência do senhor, das mais variadas combinações de sexos e raças.”

“Não é a embriaguez que me satisfaz. Nem a busca da verdade. Eu quero me esquecer. Entende?”

“O senhor pode ficar à vontade no salão. Talvez possa encontrar o que procura.”

Ele se levanta, apanha uma fruta de um lilás enrugado sobre a mesa. Tenta alcançar uma taça com uma bebida verde e turva, mas uma mão de unhas negras e anéis de hena foi mais rápida.

“Você pode dividir essa taça comigo, querido”, sorri uma mulher de cabelos negros, duas arcadas de sobrancelhas riscadas no rosto que emoldurava olhos faiscantes e o sorriso vermelho do qual não conseguia se apartar.

“Claro... posso saber seu nome?”

“Por que? Quer me conhecer?”

“Sim... já que dividimos a mesma bebida e teremos este tempo para nós”

“Não são as palavras que me farão conhecida, querido. Não é um nome que te dará um pouco de mim. Nem o que eu faço ou que prato eu aprecio. Você ainda não está em mim.”

“E preciso estar dentro de você para te conhecer?”

“O que você vê de mim e tudo que está aqui em sua volta são apenas aparências, fantasmas fugazes que nada mais são do que camadas superficiais que escondem algo mais profundo. O que todos vêm buscar aqui é justamente atingir o essencial escondido de alguma maneira.”

Ele toma a taça das mãos dela e bebe um gole mantendo um olhar fixo no dela. Devolve a taça.

“Eu já experimentei quase tudo o que oferecem aqui. Já fiquei desacordado dois dias seguidos, já me entorpeci em casas de massagens, saunas, já beijei a morte ao ser atropelado bêbado que me rendeu esta cicatriz”, aponta um rasgo atravessando o abdômen. “Mas sempre volto a mim, aprisionado no tédio dos dias onde essas experiências só me deixaram o resquício de uma lembrança. Por isso espero esquecer de mim, deixar para trás o que fui e me entregar a algo totalmente inédito e permanente.”

“Seu beijo foi apenas um sopro, meu caro. Você não sabe o que é a morte.”

“É que não contei que já apartei briga de faca, já tive salto de paraquedas que precisei abrir o velame reserva.”

“E por quanto tempo você esteve morto? Quantos segundos até voltar a recordar de si mesmo?”

Ela engole todo o líquido e o desafia num outro sorriso vermelho.

“Eu quero uma transformação. Não o desaparecimento”, ele respondeu inquieto.

“Você não sabe o que quer. Não sabe o que é a morte. Não digo quando ela chega dolorida e devagar pela doença, quando você percebe que não há mais para onde fugir e sente somente o desespero até você apagar. Nem quando ela vem abrupta num acidente ou num tiro fatal em que você se precipita a um nada súbito e absoluto. Você nunca viveu a morte.”

“E como seria isso?”

“Você seria incapaz de ouvir o canto de uma sereia e continuar vivo. Assim como mariposas que se suicidam numa lâmpada incandescente, antes eram lagartas que precisavam morrer enquanto lagartas, para poderem voar até o que mais as fascinavam.”

“Parece arriscado.”

“Com certeza, como tudo que é intenso nessa vida.”

“E o que precisaria fazer para viver a morte?”

Ela chega ao pé do ouvido dele e na voz mais arrepiante cujo timbre eriçou todos os pêlos de seu corpo disse: “você teria que me conhecer”. Ela mantém o rosto próximo ao dele com um redemoinho nos olhos tragando sua respiração. Atônito, busca o ar no sopro de sua boca e suas línguas digladiam num longo beijo. As mãos cegas procuram ancorar freneticamente nos ombros, braços, costas, nádegas. Ele enfim descortina os cabelos dela revelando o olhar naufrago sob o batom borrado.

“Aqui não. Vamos a outro lugar.”

Antes de descerem as escadas um dos que liam sob a vela de um castiçal o detém segurando seu braço. Uma expressão negativa e medrosa sai de um jovem de óculos que se protege com um velho livro como um escudo carcomido. Ela intervém e o encara num tom ameaçador, fazendo com que o jovem largasse o braço dele como tivesse sido eletrificado. Ele a acompanha trôpego pela bebida e pela excitação.

Saíram do recinto e tomaram um táxi até o quarto de motel mais próximo que encontraram, com letras de neon intermitente e um L queimado. Arrastavam-se pelo estreito corredor numa correnteza de lascívia que lhes despojava peças de roupas. Entraram no quarto como uma dupla siamesa unida por bocas e ventres. Caem sobre a cama e despem-se com fúria.

“Venha... saiba meu nome.”

Ele percorre com a boca o périplo do corpo dela atravessando vales, escalando montes, desbravando fendas. Num abraço procuravam anular qualquer divisória que separava suas peles num atrito que buscava fundir a carne. Sedento, lambe desesperado sua saliva, seu suor, seu néctar como a ambrosia que garante a imortalidade dos deuses. Abre suas pernas e encontra a entrada por onde deveria mergulhar. Penetra ela com a

língua, atracando suas mãos na coxa e no seio enquanto ela marulhava uma respiração ofegante e progressiva. Ela o traz pelos cabelos até sua boca e ele a preenche, enfiando o pau até ser engolido por inteiro. Soca repetidamente a buceta que acolhe suas investidas afoitas. Enfim ela o joga de costas e monta sobre ele. Os cabelos encobrem a metade de seu rosto com uma boca de sangue. De cócoras ordenha seu pau até extrair o gozo. Ela apoia as mãos sobre os joelhos e levanta o rosto num grito estridente. Ao jorrar, ele se esvai até perder a si mesmo. Antes de apagar, vislumbra uma mulher com asas montada e copulando sobre ele; semelhante a uma das ilustrações de um catálogo de súcubos que o jovem de óculos do recinto estava lendo.

No dia seguinte, a perícia isola o quarto e fotografa o quarto. As roupas dele são recolhidas como evidências de um crime em sacos plásticos e procuram por pistas na janela quebrada. Nenhum sinal de outra pessoa no quarto ou na calçada estirada do terceiro andar. Antes de ensacar o corpo, o que mais intrigava os peritos era como ele estava seco. E com o pau ainda ereto.



Life Goes On ...

Um conto de Juan Molotov

João nasceu na periferia de São Paulo, sobreviveu as custas, tinha uma mãe que morreu de overdose de cocaína, era uma vez um irmão que levou três tiros no rosto porque não pagou o Carioca.

Com dezesseis estava espatifado e jogado no mundo igual uma porra espichada na barriga. Começou a fazer alguns corres com a bandidagem da periferia, levava marmita para traficante, que pelo menos dava mais dinheiro que levar marmita para os torneiros mecânicos. Estava ali, epichado, seu único pensamento de futuro era evoluir de entregador de marmita para fogueteiro e assim por diante, até chegar em uma cova não cavada por ele e sim pela situação. Seu delírio de diversão era sentar em uma calçada e fumar maconha com outros entregadores, as vezes subia e dançava no baile funk, ele odiava o baile funk, ia só para olhar e trepar com as cocotas de treze anos que rebolavam grávidas feito uma mola flácida e rebitada no cio.

Sua visão do mundo era descer o morro, pegar as marmitas e subir. Seus melhores amigos eram a solidão e o sentimento de desespero constante. Naquela situação você não tem amigos, naquela situação os seus amigos te trocam por um punhado de pó e uma Glock roubada da polícia militar. Pensou em suicídio diversas vezes, tentou apenas uma, com uma lata pela metade de Detefon espirrava feito louco guela abaixo, só conseguiu um mal-estar de três dias. No alto do morro em um barraco não chega wifi para pesquisar novas maneiras de suicídio.

Estava cansado daquela vida de miserável 2.0, o que ganhava não dava para se alimentar direito e com os tempos tinha que comprar a própria maconha que subia de preço a cada dia. Escutava algumas histórias de pessoas que saíram da favela a procura de um pote de moedas na descida do morro e o acharam.

Desceu aquele morro com cinquenta reais que sobrou do seu último salário, cem que os traficantes lhe deram para comprar as marmitas e alguns trapos na mochila. Ao cruzar a rua que se encontra com a avenida não tem mais volta, se os traficantes vissem aquele rosto marcado pelo sofrimento novamente iriam encher ele de bala, bandido armado e com fome é um perigo.

Sem lugar para dormir acabou aderindo o viaduto como seu cobertor, teto e segurança. O dinheiro contado deu para passar algumas semanas passando fome, comendo as marmitas e de vez em quando entornando uma barrigudinha, a camiseta do Corinthians que sua mãe usava quando começou a tremer na cama até ela quebrar já estava toda escura e cheia de furo, assim como o resto de suas roupas.

— O que um jovem forte e com saúde como você está fazendo de baixo desse viaduto? Você devia estar trabalhando. Se eu tivesse essa estrutura sua eu estaria com minha família vivendo bem em perdizes... – dizia um velho esclerosado com artrose nos dedos das mãos e dos pés.

— Porra nenhuma, não tem trabalho nem pa quem tem currículo, diploma e os caraio, imagina pra mim.

— Você pelo menos pode andar, mudar de “casa” se começar a chover, olha pra mim, só me resta uma barriguda e esses barulho constante de carro.

O velho rolava pra cima do seu skate todo decadente e com seus dedinhos entrevados começa a remar para o outro lado do viaduto.

João sabia que por um lado aquele velho estava certo, não tinha completado nem dezoito, estava saudável e podia arrumar um emprego de descarregador fácil, mas também sabia que estava se acostumando aquela vida e estava gostando. O velho se entrevou para o lado errado e caiu em uma espécie de ladeira, desceu igual um pigmeu encolhido e lá de cima ia vindo um carro a cem por hora, passou por cima do velho esclerosado como se fosse um rolo compressor de pigmeus. Olhando para João com os olhos esbugalhados e uma posição macabra o velho não vai precisar se preocupar mais com o barulho dos carros. Vida que segue.

João se masturba para a loira e suas amigas que voltam da balada bêbada com as suas bundas rebitadas e saias curtas, sentia falta das bucatas novinhas do morro, de ter o seu pinto esfregado e aconchegado dentro de uma vagina e as vezes com a ponta manchada de bosta quando ela deixava ele colocar no cu. Na rua podia transar com a maioria das mendigas que estavam na seca de uma pica jovial e da energia de um menino de dezessete, porém, não tinha achado nenhuma atraente o suficiente para fazer seu pau subir, diziam que as mendigas mais bonitas viviam em Florianópolis, se contentava na punheta.

Sem dinheiro e com fome nosso personagem caminha pelos fundos de restaurantes e bares atrás de alguma comida podre no lixo, as vezes no cardápio tinha um peixe coberto por fungo, as vezes uma fruta podre para balancear a dieta e praticamente ganhava na loteria quando achava uma marmita completa que fora jogado fora porque ali transavam baratas, ratos e vermes. João se sentia um verme, um inseto, um não desejável, então não teria problema fazer parte daquela orgia.

Enquanto via as opções do dia atrás de um restaurante aparece uma mulher com aparência jovial e com as mesmas marcas do rosto que João, metade do seu mamilo estava aparecendo, seus trapos não serviriam nem para alguém limpar o pau porque teria chance de se contaminar.

— Ei moleque, essa lixeira é minha – dizia a mulher.

— Porra nenhuma, cheguei aqui primeiro. Sai fora você.

— Não vai sair não?

A mulher empurra João que dá uns passos para trás, ela pega o saco de lixo e começa a procurar feito uma cadela louca e esfomeada atrás de comida, João também como vira lata sedento puxa o lixo dela e os dois ficam em uma disputa de força até que o lixo se rasga e os restos caem no chão. Ambos pulam no chão e devoram os restos como selvagens. Uma família passa e olha aquela cena, a filha retira o seu iPhone e tira uma foto e vão embora. Não tinha sobrado nada, no final, ninguém comeu nada mais que muco de qualquer coisa. A fome e o desespero transformam todos em pequenos abutres selvagens.

— Qual o seu nome? – perguntava João.

— Rafaela.

— Rafaela é um nome bonito.

— Obrigado. Eu nunca te vi por aqui.

- To caçando uns lugares novos para comer.
- Esse você sabe que já tem dona. Mas vou deixar passar porque é meio bonitinho.
- Olha Rafaela, você quer trepar?

João seguiu com Rafaela até um edifício invadido por bolivianos e alguns cracudos e também o que Rafaela chamava de lar doce lar. A cada degrau subido tinha-se a sensação de que aquilo iria cair a qualquer momento, mas para aqueles que estão ali aquilo seria uma espécie de alívio. O quarto de Rafaela era se um viaduto sujo e decadente trepasse com parte da cracolandia e saísse um bebe, aquele era o quarto, tudo isso com um colchonete no meio. Ambos deitaram no colchão alucinados, um na pressa e fúria por estar em uma seca desastrosa e a outra pela falta de uma transa por querer, uma chupada com prazer, não por alguns trocados atrás do bar ou dentro de um carro. Os dois fediam e não se importavam, aquele cheiro de urina, pica mal lavada e buceta azeda os deixavam mais excitados. Exaustos apagavam.

Em um andar a baixo começam uma cantoria de músicas bolivianas, com direito a flauta e tudo. Parado observando aquelas pessoas cantarem e parecerem tão alegres dava uma pequena esperança em sua vida, talvez iria começar a trabalhar, se juntar com Rafaela e comprar uma casa na favela, talvez ter filhos e depois morrer. Saia do edifício disposto a trabalhar e cheio de esperança, quando João vira a esquina escuta um estrondo gigantesco de fundo, de repente uma onda de poeira toma conta da sua visão, chega mais perto para averiguar e percebe que é o edifício que estava alguns segundos atrás. No meio de um dos escombros se vê uma viola, muito sangue e a cabeça que ainda expressava alegria daquele boliviano cantante. Vida que segue.

Enquanto procurava comida em frente um bar João foi chamado para uma roda de samba. Tocavam de clássicos até os atuais. João já tinha escutado algumas das canções e sabia até cantar. No meio tomou cerveja e comeu uma carne assada pela terceira vez em sua vida. Saudosa maloca, maloca querida... João estava se sentindo bem, por alguns minutos enquanto cantava parecia ter se esquecido de tudo, como os soldados que cantavam na guerra para esquecer que a qualquer momento pode levar um tiro e é aquilo, como os escravos na lavoura cantavam e agora cantam os negros de Mississippi, o perdedor, aquele que a vida bateu forte e a sua única forma de esquecer é com um trago e uma boa canção na garganta, assim se sentia nosso personagem.

Em meio a cantoria apareceu um conhecido de João, era um traficante, seu amigo tinha sido morto no dia em que João abandonou a favela, dizia que não estava conseguindo trocar tiro com a polícia por causa da tremedeira da fome e todos culparam o cara da marmita. Sacou um trinta e oito e descarregou o pente na cabeça e no torso de João no meio de todo mundo. João caia todo perfurado, sangrando até pelo cu.
Vida que segue...

Gimme shelter

Um texto de Gabriel Felipe Jacomel

O Sol é vermelho, só que é de noite. E ainda me sentindo como se não fizesse sentido, eu já estou correndo. Das piores sensações, pensar sobre o movimento em meio ao movimento, a ponto da parte que tá movimentando querer parar pra pensar. Aí que a perna enrola no balão da nuvenzinha.

Consigo manter. Hora do impulso, perna e pensamento como um só. Eu chego lá ao entardecer! O Sol Vermelho, na diagonal superior direita, hora de acelerar. A perna bate.

Síndrome das pernas inquietas. Nem fodendo que alivia no sono. Num desses chutes mais americanos, dei bica no Sol. Vingativo vai aumentando, aumentando, acho que perdi.

Com sorte não quebrei o mindinho do pé direito. Com sorte a gente perde esse dedo inútil em algumas gerações. Diz que tem gente que tem cortado pros sapatos terem mais cabimento, não é?! Com sorte perdi o meu agora, sapato algum. Na hora foi bom, agora tá latejando. E no dedão tem ferpa.

Apneia é tenso. Não costuma ser muito bonito as gurias falarem de ronco, falta de ar e desespero ao nanar. Temas taboo. Coisa séria. Pior bom dia é acordar com o teu próprio maxilar te sufocando, cercado por um naco de toijo que o pescoço de alguém de quase trinta anos herdou com smartphones abaixo e delivery avante! Clássico, me afoguei comigo mesma e ainda estou enleada em mil panos. E luz vermelha de zona no canto. Chega um momento que a ferpa começa a incomodar mais que o osso, vai entender...

- Alô?! Disque Pizza? Eu quero bacon & borda.
- Per se...
- Eu quero água, Disque Água.
- Persefony
- Adoro meu nome. Fala mais.
- Onde você tá? A gente tá fodido, meu amor. Me desculpa, por
- Oi? Oi, eu tô bem. Relaxa, o que não deu não deu. Eu tô tranquila com isso. Você tem água? Acordei com sede.
- Eu tô acordado há horas. É horrível!
- Vira pro lado e dorme.
- Não dá. Parece que estou acordado há dias.
- Logo você, que dorme até na mesa com meus pais - o cúmulo do entretenimento. Chamo isso de consciência pesada.
- Você não me escuta?
- Gritaria nunca ajudou. Vou deitar.
- Não!
- Me deixe. Estou sufocada. Desligue a televisão da tomada. Odeio esse ponto vermelho que lembra 2001.
- Você também?
- Sempre. Por mim é quarto total e minuciosamente escuro sempre.
- Eles também estão me filmando. Eu consigo tampar com o meu pé. Dá uma escurecida, mas em poucos minutos a perna dói muito. Como se desse muito de levantar.

- É sempre bom pra circulação, mas agora estou com preguiça. Pensamento lento, sabe?!
- Soninho...
- Não dorme!!!
- Eu vou cantar.
- Isso!
- Oh, a storm is threat'ning
- Me perdoa, por favor!
- My very life today
- Tavam querendo foder com a gente.
- If I don't get some shelter
- Eu perdi até as calça.
- Oh yeah, I'm gonna fade away
- Era pra dar certo.
- War, children
- Cê não devia tá aqui.
- It's just a shot away
- Estica a corda!
- It's just a shot away
- Estica a corda!!!
- Você se importa se eu virar?



Um Texto De

Rojefferson Moraes

Circulei, com contorno transparente de saliva, a tela do celular de ponta a ponta. Eu tentava escrever um conto para o próximo livro, mas era interrompido pela informação impertinente das mensagens do *WhatsApp*. Resolvi clicar. Era ela novamente. Acesa! Linda! Um corpo negro maranhense que surgia na tela do meu celular todos os dias às seis da manhã. Chegava junto com o barulho da parafusadeira pneumática da oficina que ficava sob meu pequeno quarto no Centro da cidade. Os seios pequenos, radiantes feito sol majestoso que atravessa a janela e põe fim a minha crise de renite alérgica. Cabelos fartos na cabeça e no púbis. Emaranhado de pêlos negros quase azuis. Já escreveu um poema pra mim, hoje? Ela me manda um áudio preguiçoso. Desisti da poesia, meu anjo negro de Moçambique. Respondo com letras minúsculas na tentativa de disfarçar o tesão. Não faz isso comigo seu índio safado...

Manda mais três fotos revelando todo o esplendor dos detalhes daquele escuro corpo feito uma noite sem estrelas no meio da floresta amazônica. Quando leio um poema seu, fico toda molhada, sabia? Será que você existe mesmo, minha rainha da Guiné, ou é um fake de algum amigo escritor que tem inveja das mulheres que dormem comigo? O que existe são só suas poesias, e uma buceta negra molhada descendo o Pelourinho sete horas da manhã. As fotos são mentiras...

Meu pacote de dados termina. Fico sem internet, sem fotos, e sem poesia. A mentira é a grande razão da nossa existência.



Juliana

Um texto de Dimitri Brandi

- Estou curioso. Como você me achou?
- Pelos olhos.
- Sério? São a única parte que não mudou.
- Não é verdade. O sorriso continua igual.
- Ainda se lembra dos meus olhos depois de tanto tempo? Faz tanto tempo que eu não te vejo.
- Reconheci numa foto. Vinte anos te procurando.
- Mentira!
- Você foi o meu maior amor... Não houve um único dia nestes vinte anos em que eu não pensei em você.
- Eu não podia imaginar.
- Que bom ouvir isso! Alivia... Tive muito medo, imaginando que você fugia de mim. Te procurei a cada relacionamento que fracassava porque não conseguia amar de novo, como tinha sido contigo. Era desesperador... Mesmo que jamais tivéssemos ficado juntos, sequer nos beijamos. Não sei como conseguia conviver com essa frustração. Liguei inúmeras vezes para nossos amigos em comum. Ninguém me contava do seu paradeiro. Alguns claramente desconversavam. Hoje eu sei por quê. Te procurei na lista telefônica, na internet, e nunca te achei. Tive certeza de que você estava fugindo de mim.
- Eu estava fugindo era de mim mesmo. Quando estudávamos juntos eu ainda não sabia. Mentira! Sabia sim! Mas não tinha coragem de assumir nem pra mim mesmo.
- Nunca desconfiei.
- Eu sei. Ninguém podia imaginar. Eu não dava nenhum indício. Era difícil.
- É muito estranho te ver assim. Sua barba, sua voz. Se agora não soubesse que é você, acharia que era um irmão. Não me lembro se você tem irmãos.
- Tenho um, mais velho. Usei as roupas dele.
- Nunca esqueci dos seus olhos, do seu sorriso, nem do dia do seu aniversário. Te mandava parabéns mentalmente. Uma vez comprei um presente. Um disco do Belchior, que você gostava. Um outro que sumiu no mundo.

- Obrigado. Quero.

- Eu era fascinado por você. Nunca esqueci o primeiro dia em que te vi. A primeira vez em que nos falamos. Aquele dia em que fiz uma piada com o perfume que eu usava e sua amiga nos olhou, como se soubesse de alguma vontade secreta que não poderia revelar. Lembra?

- Eu fiquei vermelha! Ela me constrangeu. Eu também gostava de você. Porque nunca se declarou?

- Medo? Insegurança? Coisa de adolescente. Você era demais pra mim! Era a mulher da minha vida. Não suportaria levar um fora, ouvir um não. Jamais de você.

- É muito estranho ver que a mulher da sua vida hoje é um homem?

- Sim! Muito estranho. Quando eu soube quase fiquei doido, ou achei que já estava. Olhava sua foto e tinha certeza. Não queria acreditar. Jamais imaginei.

- Ninguém. Nem minha mãe. Só eu, que sempre soube. Demorei a assumir. Até para mim. Sabia mas não assumia.

- Na hora achei engraçado. Lembrei que às vezes eu te imaginava gorda, cheia de filhos, com um marido insuportável que te tratava mal, que não te merecia. Em outras imaginava que tinha fugido do país, virado uma atleta renomada ou uma pesquisadora bem-sucedida numa universidade estrangeira. Mudado de nome porque tinha testemunhado algum crime, sofrido alguma violência... Sei lá. Virado muçulmana... Fantasias e devaneios, contigo e sobre o seu sumiço...

- A realidade foi pior e não teve nada de engraçado.

- Hoje entendo porque nunca achei uma dentista com o seu nome, apesar de ter procurado tanto.

- Mudei de nome ainda na faculdade. Me matriculei Juliana, me formei José Luiz.

- Lindo nome! José Luiz. Combina. Você continua bonita... Uma pessoa bonita.

- Não precisa ser gentil. Eu odiava ser uma mulher bonita. Aquilo me parecia outro fracasso, mais um drama que eu era obrigado a carregar. Não suportava ser mulher. E ainda era atraente e feminina. Nunca consegui ser masculina, só depois que decidi.

- Não imagino o tanto que você sofreu. O preconceito.

- O preconceito não machuca. Eu já sabia o que esperar. Sabia que perderia amigos e família... O que mais assusta é a incerteza! A vontade de estar louco. O medo de aquilo ser só uma insanidade passageira. Mas, ao mesmo tempo em que temia ser um devaneio ou uma ilusão, queria muito que fosse só isso. Desejava ser homem, mas desejava, ainda mais, deixar de desejar. Não queria... Meu sonho era: acordar um dia, aceitando que era mulher, sem a vontade de mudar, feliz com o meu corpo. Sem aquela maldita certeza de ser homem... Meu maior medo era minha própria cabeça. O segundo era o espelho.

- Você era uma mulher tão linda! Nunca mais encontrei quem me encantasse. Seus cabelos, seus seios, seu jeito de andar. Sua voz. Me apaixonei na primeira vez em que te vi. Você era muito bonita! Eu era apaixonado por você.

- Isso me machuca! Não fale assim! Nunca me senti mulher, não tenho orgulho nenhum de ter sido bonita... Suas palavras me ofendem, não são elogios. Não do jeito que você pensa.

- Desculpe... Eu estou tentando te entender. Também é difícil pra mim. Sonhei a vida inteira em te encontrar, em me declarar para você... Nunca imaginei que você tinha virado um homem! É difícil, parece absurdo, como num sonho maluco. Num pesadelo, em que não consigo acordar.

- Pode ser. Acho que entendo... Poucos sabem lidar com isso. Não tenho mais amigos que me conheciam antes, todo mundo se afastou. Meu irmão não fala comigo. Minha mãe demorou anos para parar de me chamar de filha.

- E seu pai?

- Morreu Ainda bem! Quando comecei a transformação ele já estava doente. Nunca me aceitou. Ninguém entendia o que eu passava... Por isso é uma tremenda bobagem esse seu amor por mim. Você nunca me conheceu de verdade.

- Não fale assim!

- Não seja criança! Você sabe que isso é uma ilusão. Você se apaixonou por uma ideia de alguém que não existe... Já não existia naquela época, imagine hoje.

- Pode ser, mas eu nunca consegui ser feliz com ninguém! Todas me lembravam de você, do amor que eu sentia e sinto, de como teria sido contigo... Nunca consegui te esquecer. Você pode achar tolo, pode achar que é uma idealização, pode achar o que quiser. Mas eu te amei! Ainda amo... E você diz que também gostava de mim?

- Sim, eu era apaixonada por você. Você foi o único homem que amei na vida... O único que me amou, também.

- Eu quero ficar contigo. Não me importo com seu nome, se Juliana ou José Luiz! Eu te amo. Te amei a vida toda. Pode me chamar de criança; tenho o direito de resgatar o que houve de mais belo na minha adolescência. A frustração de nunca ter sido seu foi o motor da minha vida. Preciso tentar. Sempre sonhei com o momento em que iria finalmente te beijar. Só não imaginei que haveria uma barba.

- Você é gay?

- Não, sempre me relacionei com mulheres.

- Eu também. Se ficarmos juntos, seremos dois homens gays.

- Foda-se.

- Gostei!

- É muito estranho, depois de tudo isso o que você passou?

- Não. Não é nada.

- É mais estranho entrar num relacionamento homossexual para ficar com a mulher da sua vida. Que agora é um homem.

- Acho que estamos na mesma situação. Vamos descobrir juntos?

- Vamos.



Um Velho Atendente de Bar

Um conto de Roge Weslen

“Você se já sentiu como se, todo o tempo do mundo, todas as horas e momentos não fossem o bastante? como se a pressa nunca acabasse mesmo com a vida passando tão rápido com todos os seus erros e acertos e coisas sem importância e coisas importantes que são apenas extensões das coisas inúteis?”

“Alguma vezes. Você pode ver, sou velho, tenho quase 65 e trabalho nesse bar todo santo dia. Você ainda é jovem, ainda se sentirá assim e, por muitas vezes, pior.”

Ela riu.

“Obrigado pelo consolo, mas eu sei de tudo isso. Por que você acha que bebo tanto? A maioria das pessoas da minha idade não fazem a mínima ideia do que vai dar errado na vida delas, não fazem ideia de que por um pequeno erro TUDO pode dar errado na vida delas. Bom, eu bebo. E essa consciência é amenizada aos poucos.”

“Você é jovem demais garota, você não sabe de nada, só acha que sabe. Você lê? Já leu Rubem Fonseca?”

“Não, não leio. E não faço a mínima ideia de quem seja esse cara, tudo isso me aborrece demais, prefiro música, os escritores são todos uns fodidos.”

“E os músicos não são? Todo artista em potencial é um merda.”

“Você está certo. Mesmo assim, prefiro os músicos, eles tem classe, escritores não tem classe.”

“Tudo bem, garota. Tudo bem.”

Ela abaixou a cabeça e ficou encarando o balcão empoeirado.

Seu nome é Liah, deve ser abreviação de Liahnne, ou algo assim, ela nunca fala sobre essas coisas. Ela nunca fala muito sobre nada, é a jovem mais estranha que já vi. Sim, eu era assim também, mas sou homem, e acho que nenhuma garota devia se sentir assim, acho que nenhuma garota devia frequentar lugares tão porcos como este. Entretanto, ela vem aqui todo dia, sempre no mesmo horário mas sempre sem um horário definido para ir embora. Sou velho, ela é uma jovem bonita, mesmo que beba demais e esteja começando a sofrer os efeitos desses excessos tão comuns entre todos nós, seres perdidos de si mesmos e de todos ao redor. Ela tem o típico olhar dessas pessoas que caminham pelas ruas, você sabe das pessoas que estou falando?

Não. Não são essas pessoas com sorrisos bobos e felicidades passageiras, porém aquelas que caminham encarando o asfalto e carregam a expressão de quem passa muito tempo sozinho, a solidão é escancarada na cara dessas pessoas. Sempre achei a solidão uma puta arrogante, porém calada e com classe, esse pensamento só foi amadurecendo com o tempo. Liah, se fala, o que dificilmente acontece, só faz essas perguntas em tom desesperado e bêbedo que são difíceis de responder, ela sabe disso. Mas pergunta, porque minha face também diz coisas terríveis, ela sabe que vi muita coisa e que aprendi algo com tudo isso, por isso pergunta, mesmo sabendo que minha resposta não mudará ou ajudará em nada. Na verdade, não sei nada sobre ela ou sua vida fora desse bar, ela apenas senta no balcão e eu a sirvo, assim mesmo, automaticamente, como se tivéssemos um trato de silêncio abstrato. Acho isso tudo tão absurdo, daqui a 2 meses completo 65 anos, 65 anos de pura bebedeira e experimentações com drogas, que felizmente consegui largar, pois se continuasse provavelmente não estaria vivo agora. Porra, mesmo com sua aparência devastada ela aparenta ter menos de 25 anos, e olhar em seus olhos me faz sentir uma coisa ruim demais, indefinida. Essa garota, ela tem cara de quem pode se suicidar a qualquer momento. Eu odiaria que isso acontecesse. Mas não sei, ela parece tão triste e solitária, os caras que vem aqui nunca abordam ela, sentem receio ou algo assim, e isso é sorte dela. São todos uns bêbados brutos sem chance de redenção, ela não merece isso, ninguém merece isso.

“Velho, vem cá, deixa eu te falar... não, bem pertinho mesmo, no ouvido, pra ninguém escutar.”

“O que foi, garota?”

Ela riu silenciosamente.

“Me serve mais uma dose.”

Ela já estava mesmo muito bêbada, mas negar uma dose a alguém é algo que estou desabilitado a fazer, os anos me incapacitaram de fazer isso. O chão sujo, o ar que respiramos nesse lugar é nojento, as pessoas que vem aqui não são muito melhores. Ela não vai embora, olho o meu relógio antigo e os ponteiros marcam 2 pras 5 da manhã. Eu acho que deveria dormir mais, tenho praticamente apenas cochilado diariamente, durmo apenas 4 ou 5 horas por dia. Tenho que tocar as coisas neste maldito bar, e sinto que se não vejo ela algum dia, não valeu a pena. Veja bem, tenho 64 anos, algo tem que nos manter em pé quando chegamos nesta idade. É tudo realmente idiota quando somos velhos, os jogos, as conversas, tudo perde o interesse. Mas não pense que estou apaixonado por ela, não, sou muito velho pra essas coisas. Mas apenas saber que ela virá aqui e que continua bombeando ar, já ajuda bastante. Não sei, é algo realmente estranho, as pessoas silenciosas e distantes são, geralmente, as mais interessantes. Se aproximar delas é que é o problema, você não tem que tentar, é algo que apenas acontece. E se não acontecer, siga o conselho daquele poeta americano que morreu faz um pouco mais de duas décadas: don't try.

Já são quase 5 da tarde, ela ainda não apareceu. Hoje me lembrei das histórias que minha mãe me contava quando ia na sua casa fazer visitas, anos antes de sua morte. Tem uma, em especial, que ficou gravada na minha mente. Ela me dizia, que antes de nos mudarmos pro outro lado da cidade, pra um bairro muito diferente desse em que vivíamos antes, éramos vizinhos de um casal de viciados, era complicado, ela dizia. Eles fumavam pedras de crack e cheiravam cola, viviam gritando um com o outro, mas, mesmo assim, toda noite dava para ouvir os gemidos da mulher pelas paredes finas de ambas as nossas casas. Minha mãe sempre foi muito sincera e aberta, acho que ela era assim também pois bebia muito, mas nunca tive certeza. Continuando, chegou um dia em que essas brigas chegaram ao extremo, e ele empurrou a mulher para a sarjeta em frente a sua casa, com muita violência, e ela caiu ao lado de uma pedra, uma pedra bem grande, do tamanho de um punho de um homem adulto. A mulher, sem pensar, na fúria da briga, arremessou a pedra contra ele, que por sua vez foi atingido bem próximo aos olhos. Aí que a coisa ficou séria, o homem enlouqueceu e entrou na casa, furioso. A mulher não conseguia se levantar estava tentando processar tudo aquilo, o que o efeito das drogas impedia-a de fazer. Em certo ponto, o homem saiu da casa deles com um terçado em mãos e, calado, disferiu golpes irados contra ela, depois de um tempo a mulher parou de gritar e seu corpo era todo cortes e embaixo dela, uma poça de sangue se formava. Quando a fúria passou, ele se deu conta do que tinha feito, ficou travado ao longo de um bom tempo, então simplesmente ajoelhou do lado do corpo inerte de sua mulher morta e se pôs a chorar, chorar desesperadamente. As pessoas ao redor não falavam nada, não moveram uma palha pra tentar ajudar a mulher ou parar o homem, essas pessoas apenas observavam, já tinham problemas demais para cuidar do dos outros. Minha mãe me contava essa história repetidas vezes, e toda vez que eu a ouvia sentia algo diferente. Ela me disse que depois de um tempo a perícia chegou e recolheu o corpo, e a polícia levou o homem que nunca mais foi visto pelos arredores. Enfim, os gritos de amor da noite travada pelas drogas cessaram. E minha mãe me dizia antes de eu ir embora: “meu filho, não acredite no amor, e se ele te pegar, sempre desconfie dele, o amor é traíra, meu filho, o amor te trairá quando você menos esperar”, e eu respondia com uma afirmativa calada e triste.

Toda essa loucura ocasionada pela peste de nossas vidas devastadas, os homicídios, os suicídios, os vícios que adquirimos ao longo do tempo e que levamos para a vida toda nos vão matar, e nós sabemos disso. Mas não nos importamos. É que quando ouvimos coisas como essa e nos sentimos sós observando o néon dos bares só pensamos em beber ou em outra grama de coca. Não entenda. Isso não é algo para se entender. Esperem. Tem um bebum que acabou de chegar, me pedindo uma dose de conhaque. Não servi-lo seria cruel.

Ela não veio. Faz três dias que não aparece, tudo está seco e vazio. Não consigo encontrar outro modo de dizer, algo deve ter acontecido. Mas não tenho como me comunicar com ela, ela é uma incógnita, aliás, todos nesse lugar são uma incógnita, suas vidas são nulas, isso não é de se assustar.

Um rapaz veio aqui mais cedo me perguntando se esse era o bar que uma tal Liah frequentava. Eu disse que sim. Ele me entregou um daqueles bilhetinhos que os evangélicos entregam pelas ruas com a palavra de Deus. O jovem me disse que Liah tinha entregado sua vida ao único e suficiente salvador. Bom, pensei, bom pra ela. E que tinha mandado lembranças pra mim, e desejado sorte e que iria orar pela minha alma. Liah se salvou de alguma forma, mesmo que eu não acredite nisso, bem, pelo menos ela está tentando. Aquele vazio de que falei está cessando pois sinto que ela está seguindo um caminho não tão tortuoso, disse para o jovem rapaz avisar para ela aparecer, mesmo que com uma palavra, no dia de meus 65 anos. E mandei lembranças, foi a coisa mais comunicativa e sincera que já fiz.

Duas semanas depois, fiz um desenho de seu rosto em traços finos e rotos, para colar na porta do bar.

Ela sempre estará por aqui de alguma forma.

Amanhã é o dia de meu aniversário, espero que ela apareça.



O Reflexo das Luzes Lá Fora

Um texto de Rodrigo Melo

era uma noite quente em um apartamento do outro lado da cidade e eu estava deitado sobre o sofá que ela havia comprado uma semana antes, o sofá macio de vinil preto dividido em doze vezes no cartão. pensava no prefácio que uma pessoa me pediu pro seu livro e que até aquele instante não havia vingado: um prefácio para uma grande escritora, que entendia das coisas muito mais do que eu. na tv passava um faroeste. dois sujeitos, um de frente para o outro, no meio de uma rua empoeirada, com as mãos sobre seus coldres, à espera do primeiro sinal. talvez se eu fumasse o baseadinho que tinha no bolso as ideias começassem a vir. talvez o prefácio ganhasse forma e eu deixasse de me angustiar. o problema era que ela não gostava do cheiro, e por conta disso eu teria que ir até a praça lá embaixo, escolher um dos bancos que ficavam meio escondidos pela sombra de alguma árvore e fazer tudo muito rápido, na esperança de que nenhuma viatura aparecesse.

um dos sujeitos na tv era louro, alto e tinha uma estrela no peito. o outro era só um mexicano com o seu chapéu redondo e as suas roupas sujas e o seu sorriso era o sorriso de quem não tinha muito a perder. parecia estar bêbado ou cansado. mas então de repente ele puxou a sua arma e a apontou para o cara com a estrela no peito. antes que conseguisse atirar, recebeu dois tirambaços e caiu estatelado no chão. aos poucos, do saloom e das casas ao redor, uma multidão começou a aparecer.

- que é isso, fófis? - ela perguntou quando chegou da cozinha trazendo uma vasilha com pipocas.

- é a vida - respondi, sem pensar demais.

- Não seria a morte? - ela sorriu.

- às vezes as duas se misturam e viram um troço só.

jogou um punhado de pipocas para dentro da boca e ficou a me olhar.

- o que ele fez pra ser morto?

- era mexicano.

- só?

- só. parece que do méxico os gringos só curtem tacos e burritos... o nome desse outro cara com a arma aí na mão é randolph scott. tenho um amigo que é fã dele.

- bonitão o randolph.

- dizem que era viado. mantinha um caso com outro famoso. não lembro o nome.

- não acho que esse homem seja gay, fófis. posso colocar a mão no fogo por ele.

- ele já morreu, querida. o outro cara também. escuta. não quero cortar a sua onda, mas não gostei muito desse apelido que me deu. prefiro o meu nome. ou outra coisa qualquer. fófis é foda, meio infantil. tudo bem?

- tudo. não chamo mais.... Tem certeza de que quer assistir isso? tá passando aquele programa, da mulher que fica uns dias na casa de uma família que não conhece.

- Pode mudar. vou beber uma água e depois dar uma descida.

- vê se não demora - ela resmungou, se ajeitando sobre o sofá.

ela era geóloga, mexia com pedras, matéria morta, tinha um gato que às vezes desaparecia e tempos antes, numa noite feito aquela, foi até o quarto e voltou com uma caixa enorme, de onde tirou duas facas, uma taça de metal e uma porrada de cartas com desenhos estranhos. jogou tudo sobre a mesa, acendeu uns incensos e disse que a minha alma era velha e teimosa e que eu precisava evoluir, e que isso poderia significar muitas coisas, e disse também que a minha vibração tinha uma tonalidade verde escuro ou azul.

achei uma latinha de malzebier escondida na parte dos tomates, me sentei num banquinho que havia do lado do fogão e acendi um cigarro. dei grandes goles e longuíssimos tragos. por um instante fechei os olhos e tentei me imaginar longe dali, nadando numa piscina aquecida, comendo profiterolis numa sacada em copacabana, andando de bicicleta em algum lugar sagrado e especial. por algum motivo, não consegui. abri novamente os olhos e o que enxerguei, através do basculante na cozinha, foi o reflexo das luzes lá fora, as luzes de ilhéus, um tico de terra no sul da bahia, a cidade em que eu morava. àquela hora, em algum outro lugar, a vida certamente gritava de verdade, chamando a todos para dançar. a vida sempre estava gritando em algum outro lugar.

ela havia mudado de canal quando voltei. os cabelos negros caíam sobre o sofá e suas pernas morenas espalhavam-se até a mesinha de centro.

- tô indo.

- precisa? fico num medo danado quando vai lá fumar seu cigarrinho...

- vou pra casa... preciso arrumar umas coisas.

- ficou chateado comigo?

- não.

na porta a gente se beijou pela última vez e eu senti a sua boca lambuzada de manteiga e de sal. ela sorriu e ficou apertando a minha mão. saí do prédio, caminhei até o fusca bege que tinha e que foi roubado algum tempo depois, dei a partida e coloquei uma música pra tocar. não lembro que música era, mas bem pode ter sido kingdons of rain, de mark lanegan, ou um chopp pra distrair, de paulo diniz. a cidade adormecia ao meu redor, uma e outra janela acesa, e me pus a imaginar as histórias que aquelas janelas guardavam e por um momento acreditei em belos e intermináveis amores e

pensei em como tudo pode ser bonito e intocável quando a gente realmente precisa ou quer. era cary grant o nome do outro ator, lembrei repentinamente, mas já não importava mais. eu era um sujeito que cruzava a cidade dentro de um fusca bege, acendendo um baseadinho e aumentando o som. talvez uma hora as coisas melhorassem. bastava não desistir. bastava vez por outra peitar a fera, com um tanto de indiferença e altivez. bastava, como dizia um conhecido, passar um tanto de verniz. e foi assim que segui: no meio de toda aquela névoa, a tossir e a calcular que a cada esquina que cruzava ia me transformando num homem um pouco melhor, um homem mais evoluído, um homem mais livre, um homem mais perto da verdade e mais sincero consigo mesmo. e aquilo me fez um enorme bem. e eu então comecei a sorrir.



Prelúdio

Um texto de Ayra Niretev

Num acesso de raiva, manda um sms: "Sabe o que vc quer, Peter Pan?". Dali a algum tempo, apita uma resposta. Frio na barriga. Tomara que venha atravessada, como da última vez. Cruzando a Libero Badaró, na Praça do Patriarca, lê "Te encontrar semana que vem, Sininho?". Ela ri. Ele não entendeu a referência. E fica triste. Semana que vem: porque nessa, nessa ele já tem com quem. Sabe que o hobby dele é colecionar bujetas. A dela é mais uma que ele prova e joga fora. Faz tempo que não se veem, uns 4-5 meses; é por isso que ele não lhe deu uma patada, como das outras vezes em que ela quis manter contato depois da noite que passaram juntos. Sabe que naquela resposta há um implícito desapego. Devia estar feliz por ele querer comê-la de novo? Anda anda. Segue pelo viaduto Prestes Maia; o sol está se pondo atrás dos edifícios. Lembra e sente as mãos dele percorrendo sua pele com desejo, o arrepio e o suspiro que escapa do beijo. Um choque no estômago, que caminha para o ventre, incendiando até pensamento. Quase tropeça. No *Shopping Light* entra pra escrever uma resposta desaforada, mas o celular não sai do bolso da blusa. Procura algo que preencha o buraco que se abre no peito. Logo na entrada, quiosque *fast food*. Casquinha barata. Casquinha cor de pele... A associação bagunça dentro dela. A garganta dói, e não é do gelado do sorvete que nem tomou. Aquele monte de vitrines reluzentes não combina com o que ela sente, algo ruim, talvez mágoa?, e vai buscar um sentimento que se pareça mais adequado em um dos botecos sujos ao lado do shopping.

Entra no primeiro. Gostaria de comprar dor física, talvez um corte fundo que a trouxesse de vez para a dimensão real. Será que tem? Inclina-se diante do freezer para procurar. Não tem. Ao virar-se para perguntar, percebe que ali só há homens. Segura a respiração. O funcionário novinho, de uns 18 anos, já estava virado pra ela, com um sorrisinho besta nos lábios; o homem do caixa, mais para o fundo, ri sem freios. Talvez tenha inclinado o bumbum ao procurar o preço da água; mas não tem certeza disso. Decote não tem. Não vê qual é a graça da sua bunda em sua velha calça jeans surrada.

- Quant'é?

- É 2 reais.

Mas já decidiu que não quer comprar nada ali. Arrisca algo difícil:

- Tem copinho d'água?

- É 1,50, moça. Quer gelada?, já retirando da geladeira e pondo sobre o balcão, ainda com aquele ar sonso.

Merda. Está sendo encurralada. Não gosta disso. Aí olha para a carteira e abre:

- Não, peraí, moço, que eu tenho que ver se tenho dinheiro...

- Se procurar bem acha, viu?, o caixa se mete.

Ela põe um misto de irritação e amargura na voz:

- Sabe? Não vou levar porque tá difícil de ganhar.

E sai, triunfante por não ter feito negócio. Mais adiante, entra em uma loja de guloseimas, onde as atendentes são todas mulheres. O preço da água está na prateleira do freezer: 1,50 a garrafa.

Fica orgulhosa: economia de 50 centavos. Oferece o dinheiro à atendente, que diz "pode pegar" sem desviar os olhos da calculadora no balcão. Mas essa é uma manobra arriscada. Da água não iria se esquecer; do dinheiro, sim. Solicita o troco antes, e dessa vez escapa de comprar água a 10 reais. Abre a garrafa, bebe um gole e sai.

Anda anda. Volta pelo viaduto Prestes Maia. Enquanto diminui o passo num camelô que vende echarpes, olha para a peruana vestida com panos multicores e diz "você é linda" com os olhos. Anda anda. Beberica mais água. Aperta o celular no bolso da blusa. Precisa responder. Ele é o tipo de cara que hipervaloriza a opinião alheia. Não pensa por si, apenas age conforme o inconsciente coletivo. Entre os camaradas dele, buceta é descartável e apego não é recomendável. Não agrega valor à vida social, e mossmidá...

- Åhn?
- ... um pouco d'água?

Ela estende a garrafa. Ele agradece com um aceno de cabeça. Ela retribui o aceno e, quando vê, ele já foi. Como nunca reparara que morador de rua poderia ter sede? Tem frio no inverno, mas no verão tem sede e quer beber água... Passa ao largo da fachada imponente da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, já iluminada. Devia ter dado dinheiro pro homem comprar uma garrafa só dele... agora já foi. Passa pelo busto de Álvares de Azevedo, que contente está com a noite chegando no meio breu. Anda anda. A lógica de mercado que impõe nos relacionamentos. Amor neoliberal. Será que já cunharam esse termo? Também nem sabe se seria o adequado. Essa lógica nefasta de mercado aplicada às pessoas e às coisas, a lógica do quebrou, joga fora. Deu defeito, liga o happen e pega outra, vitrine de gente cujos sentimentos têm data de validade: vencidos ou por vencer. "Te encontrar semana que vem". Sabe que não há sentimento algum naquela resposta. E que, se houver, é perigoso. Sabe que não deve criar esperanças. Sabe das condições dele: "Eu não namoro". É aceitar ou desistir. Será isso mesmo amor? Não estaria confundindo com alguma espécie de vício? Vício bom, e que machuca tanto. Atravessa a avenida da praça Dr. João Mendes; lembra de alguém por quem valia a pena se apaixonar, mas não aconteceu. "O amor é burro e caprichoso como o pedrês Sete de Ouros". Ri por dentro. Já em frente ao Sebo do Messias, engole o riso, receosa de que Guimarães Rosa possa ter escutado lá de dentro sua analogia piegas. "Perdão, mestre, não quis ofendê-lo". Já ofendeu. Guima revira-se nas páginas, desgostoso. Bom, já que não tem jeito... está feito.

Anda anda. Cheiro bom de flor do Mercado das Flores, que vai se confundindo com cheiro bom de cerveja de boteco ao virar a esquina. Cheiro de boteco é bom. Queria frequentar mais botecos. Mas mulher em boteco tá dando mole. Saco. Frequentar boteco sozinha é uma liberdade que ela não dispõe... repara numa moça indiscreta, parada como onça à espreita quando tem fome. Pintada demais. Desvia o olhar para o chão. Aperta o passo. Vai passar. E percebe em si um pudor estranho. Anda anda. Banca de revista, camelô de DVD pirata, loja de \$1,99, *fast food* brasileira de esfiha, compra-se ouro, por que havia de ter se inibido diante daquela mulher?, ótica, lotérica, farmácia, sim, o pudor a separava daquela mulher, roupa made in China, *pet shop*, moça pintada. Encostada ao muro, ao lado de uma entrada onde lê-se "Hotel" numa placa suspensa, há outra moça indiscreta vendendo seus serviços aos passantes. Pudor já não sente; mas um misto de espanto e identificação. Demora-se. Uma escada convidativa leva ao interior do casarão verde antigo, reformado e bem cuidado. "Eu também já fui puta de um homem só", diz a moça indiscreta, em pensamento. "Presta atenção: nesse caso, o sexo é grátil. O desapego, não".



Despedido

Um conto de Rafael Vieira

Eu entro e não falo nada. Fecho a porta devagar e ela pergunta:

- E aí, o que aconteceu?

Não respondo nada. Olho pra baixo e vou para o quarto. Tiro os sapatos com calma e até com um pouco de preguiça. Abro dois botões da camisa. Deito e olho pro teto. Vejo as tintas descascando e algumas marcas de infiltração. Eu sinto como se algo dentro de mim também estivesse descascando e mofando. Levanto. Vou de meias até a sala, e a sensação do chão de taco deslizando por baixo delas é linda. Pego dois copos na cozinha e a garrafa de vinho. Deixo na mesa da sala. Pego o resto de whisky, roubado da festa passada, debaixo da pia. Bebo um gole no gargalo e também o levo para a sala. Lembro e já me arrependo de ter acabado com todos os baseados no dia anterior. Sento e espero, arrependido. Não só pelo baseado. E aí, o que aconteceu?

- Aconteceu o que era pra acontecer.

- Mas o que aconteceu?

- O que já era esperado, o que já estava escrito desda minha certidão de nascimento. Aconteceu e ainda está acontecendo.

- Você tá parecendo um maluco ultimamente. Você tá falando como se fosse um personagem dos seus contos!

- Eu sou tudo aquilo e muito mais. Sou um universo inteiro.

- Um universo inteiro que nem sabe limpar o próprio rabo.

Ela se serve de whisky e fala:

- Você foi despedido, não foi?

Eu me sirvo. Bebo mais um pouco e acendo um cigarro.

- Eu estava esperando isso. Era esperado... mais que esperado. Não há motivos pra grandes comoções aqui. - falo, meio pra mim mesmo.

- Sim. Você até dizia que queria que acontecesse.

- É. Lembro dos meus discursos sobre ser um escravo pós-moderno.

- E o que você vai fazer?

- Não sabia o que fazer nem quando tinha um emprego, imagine agora.

Tiro a calça e fico de camisa e meias pretas. Coloco a fita amarela pra tocar. Uma voz feminina sopra e deixa Noel um pouco mais bonito.

Ela me beija e encosta no meu peito. Eu a abraço de olhos abertos enquanto trago um cigarro. Ela me fala que tudo vai ficar bem, que está tudo bem. Que o sol vai se levantar amanhã de qualquer forma e que nós ainda teremos o que comer, onde dormir. Que isso não significa a morte.

Eu digo:

- Eu te disse quase a mesma coisa quando você teve aquela crise uns 3 anos atrás. É estranho ouvir isso de outro. Parece groselha, ladainha, sei lá...

- E é uma puta ladainha mesmo. Mas me ajudou.

- Pois é. - suspiro - e agora?

- Sei lá. E agora?

- Você ficou melhor mesmo depois de ouvir aquelas coisas?

- Sim.

Então me diz de novo que tudo vai ficar bem. Me diz que o sol vai se levantar. Me diga que a comida continua na mesa. Diz que me ama e me beija a boca. Sirva o vinho e canta a música de olhos fechados. Dança comigo no meio da sala. Me deixa esquecer isso, só por hoje.

Olho pros olhos dela e falo com os olhos dela. Peço pra ela repetir tudo.

Ela se senta, abre o vinho e serve os dois copos. Depois me olha e me oferece o colo. Eu me aninho, coloco as minhas mãos entre as pernas. Fecho os olhos e dou um trago de cigarro. Só por hoje, só

por hoje, me deixa ser fraco, fraco, fraco, só hoje, só hoje, fico pensando.
Abro os olhos. Dou um trago no cigarro e solto a fumaça fazendo barulho.
Eu falo:

- E no dia que faltar comida na mesa?
- Não vai faltar.
- Sim, mas e se faltar?
- O sol vai se levantar novamente, de qualquer forma.



Noite Transfigurada

Um conto de João Ricardo

‘Ah! Vida traduzida no crepúsculo!

A tragédia eterna, eminente,

Ninguém mexe um músculo

Para tentar ajudar uma doente

Nem quando se declara ao vento

Nem quando se declara inocente

Sozinha grito e sozinha invento

Sozinha nos palcos da mente

Atuo sozinha, peças do infinito

Para um público pouco contente

Até amanhã, caminho sozinha

Na esperança de algo diferente’

Deixei cair o cigarro que fumava ao ouvir gritar aquela vagabunda maldita que apareceu do nada. Apanhei-o calmamente para não a assustar e fumei o resto, a ouvi-la calado e sem olhares diretos, não fosse ela despejar o resto da raiva que tinha do mundo em mim.

Foi escusado, ela viu que eramos os dois os únicos acordados, apesar do declamar poético que a mim me pareceu impossível ouvir e continuar a dormir.

‘Que fazes tu por aqui a estas horas?’ e sentou-se ao meu lado, como se fossemos velhos amigos, velhos conhecidos de outro dia qualquer.

O cheiro a erva e inocência que lhe vinha dos cabelos devia ter tantos anos como ela.

‘Procuro por um amigo, fugiu esta noite de minha casa. Está um pouco doente e preciso de cuidar dele por uns tempos.’

Pegou na mochila que trazia e pôs uns headphones na cabeça, como se ironicamente a estivesse a incomodar com a minha conversa. ‘Desculpa’ disse-lhe, ao que se seguiu um serão de alguns minutos de silêncio.

‘A única pessoa perdida que vi esta noite fui eu, ali na montra do balcão onde se compram bilhetes’ olhei para ela, mas nunca devolvia o olhar, como se com medo que eu visse alguma coisa que não podia ver.

‘Sabes, não devias fumar. O meu pai fumava e era um filho da puta. Tu és um filho da puta?’

‘Penso que não. Posso ser para alguém, mas nunca fiz por isso.’

‘Ainda bem. O meu pai tinha esse problema. Fumava e queria ver tudo. Tanto queria ver como queria que eu visse. Sabes o que me fez no meu décimo quarto aniversário? Cortou-me o mamilo com um canivete azul. Disse que era o presente dele. ‘Olhos nos mamilos’ dizia, e por isso cortou-me o mamilo esquerdo antes de me acordar, para me abrir os olhos e poder ver o mundo como ninguém vê. Gostarias de ver o mundo com os meus olhos?’

Aquela história cheirava a crime, mas não sabia bem ser verdade. Seria real? Antes que pudesse pensar em qualquer resposta, levou a mão ao bolso do casaco de lã e tirou um saco de plástico enrolado, com pequenos círculos meio encarnados.

‘Estes são todos os meus seguidores, aqueles com quem tive a honra de partilhar a minha visão. Gostarias de fazer parte da minha banda de visionários?’

Por sorte andava eu também com um canivete azul, pelo que pus a mão ao bolso e mantive a calma, ou a estupidez, de não desatar a correr dali antes que ganhasse um novo olho ou uma nova visão, não sei bem, mas que de certeza absoluta não valeria a pena ter pelo método revolucionário da minha nova amiga.

‘Que coisas estranhas se encontram pelas ruas mais desertas da cidade. Só é preciso deambular por aí de olhos abertos. A vida fervilha de monstros inocentes.’

Tudo o que raramente dizia eram divagações ou profecias, quando não me perguntava se era possível o meu amigo estar dentro de um café qualquer, ou numa rua transversal qualquer.

Para mim todas as ruas me pareciam iguais. Todas as ruas desertos aborrecidos. Caminhávamos os dois, ela sem destino aparente, eu na esperança de chegar a um largo com mais testemunhas para lhe poder dizer que ia para casa. Não tinha a certeza se a Ângela gostava de mim como companhia ou como potencial vítima.

Parou para conversar com uma mulher que fumava à porta de um café-discoteca. ‘És tu que andas à procura de um rapaz?’ perguntou a mulher de meia-idade avançada, toda ela num fato de cabedal brilhante e texanas até aos joelhos.

‘Sou sim! Viu-o por aqui algures?’ Encheu-me de esperanças. ‘Parecia-me um pouco perdido por isso convidei-o a entrar e descansar um bocado. Segue-me.’

Quando entrei pela porta de betão olhei para trás e a Ângela já lá não estava. Desvaneceu-se pela rua mal iluminada. Senti-me aliviado e culpado ao mesmo tempo por deixá-la assim sozinha.

A mulher, mãe já gasta de uma ninhada provavelmente de 3 ou 4 levou-me por uma escadaria escondida por trás do balcão do café, que ia dar a uma cave onde a única luz vinha das velas de um candelabro centenário, em porcelana trabalhada em azuis e brancos. Os meus olhos prescreviam todo aquele espaço à procura do Bruno, sem sucesso algum.

‘Tens algum dinheiro contigo?’ perguntou. Não tinha nada. Nem trocados no bolso nem na carteira. O que tinha deve ter ficado em casa quando saí à pressa.

Caiu-me dos ombros o peso da possibilidade de estar a ser assaltado por uma *Milf* demasiado rodada, apesar de toda a pureza com que falava. ‘Então onde está o meu amigo?’

‘Já te levo a ele, agora relaxa um pouco, pareces exausto.’ De facto estava. A razão que tinha o Bruno para estar por aqueles lados não cheguei a perceber. O que me apercebi foi que estava com as calças de ganga descida até aos pés e a boca dela na minha pila. Foi um acordar abrupto de qualquer pensamento.

Tentei puxar a anca para trás mas ela estava demasiado agarrada a mim, com boca de peixe e garganta obstruída, sem lhe ter sequer atirado isco.

‘Já disse que estou sem dinheiro, podes parar!’ inútil. Um broche depois de uma noite daquelas não era nada má ideia, e ela sabia-o.

‘Não te preocupes com o dinheiro, vais passar cá noutro dia qualquer. Vocês voltam sempre.’ Parecia um bocado estranho pensar no Bruno ao mesmo tempo que me extraiam a alma com uma boca desconhecida.

Acabei. Vi-me por completo na boca da mulher. Para quem sabe o que faz não é preciso muito, e aquele demónio camuflado de cabedal sabia o que fazia. Deu um gole numa cerveja em cima da comoda e saiu porta fora, tão rápido com se ajoelhou.

Puxei as calças e respirei fundo, a preparar-me para ir procurar o Bruno pelos outros quartos e levei com a porta em cheio no nariz. Entrou um *motard*, com a clássica barriga de cerveja e braços tatuados, colete de cabedal e olhar de raiva e fome.

‘Amanhã. Dinheiro. Aqui.’ Dizia, enquanto me encostava uma faca de cozinha na garganta. Sentia o meu ofegar pós-coito roçar a lâmina.

‘Ok! Ok! Tudo bem, amanhã!’ gritei, de braços no ar, garganta despida e colhões vazios. A mulher ria-se, escondida pelo barril de carne, encornado até aos bisnetos. Olhou-me uma última vez antes de sair dali ao ouvir os gritos dos clientes a pedir cerveja.

‘Então e o Bruno?’ perguntei à mulher, que me respondeu com um encolher de ombros.

Limpou com uma mão um resto de esporra que se agarrou no canto da boca e com a outra levou a cerveja à boca para outro refrescar. ‘Queres que te traga alguma coisa para beber?’

Oferenda

Um texto de Igor Mososki

Na correntinha de ouro, sob as tetas tristes, descansa a Nossa Senhora. Astolfo petisca o torresmo, na mesa tem meio trago de pinga. Não fumou no mês, a estação lhe estragou os pulmões.

- Éh, Astolfo! - o dono cumprimenta o freguês.

E ele gordo, de canto, achando graça nos causos de sempre, sozinho. No boteco vazio, rindo o porco com bronquite. Então Maneco entra na venda, o par de olhos minguados de luz, pedindo trago fiado.

- Não conceda nenhum fiado a esse aí, Seu Campos - interferiu Astolfo - faz três meses que me deve cem pila, pediu emprestado e até agora não pagou, é um veiaco.

Maneco replicou:

- Ora, Astolfo. Tu bem sabe que nesses tempos há rendido nada, porra. De vez em quando lá uns pingados. O mar anda chocho, não se pesca nem nos miúdos.

- Se vira

- Assim é fácil, não é tu que fica na labuta

- Que se foda, Maneco. Emprestei a verba, quero tua devolução.

- Capaz, nos conhecemos desde a época de piá. Não é agora que vou dar calote, não.

- Que seja. Seu Campos, bota o trago dele na minha conta, depois nos resolvemos.

Após a dose por compaixão, Maneco foi para casa, jantou. Toda a cozinha cheirando à bagre ensopado, o mesmo vinagre da salada usado para atar a queimadura de água-viva. O caso com Astolfo lembrou-lhe as contas e a esposa grávida - que havia voltado à morar com os pais. Ele sentia a casa sem ela. Se tornara oca, certos cantos inabitáveis, de natureza turva, despojada de qualquer sutileza. Maneco era assim: insustentável. Pescador que se nos prazeres da vida perdia o pouco que tinha. Pensava no filho que estava para nascer, não como um ser tácito, de semblante suave, adornado com a beleza da mãe. E sim em uma espécie de futuro homem voraz, que iria de frente a sua existência - desejava esse amparo emocional no filho - em algo que ele nunca foi.

Cedo se colocou de pé, o pão murcho mergulhado no café preto. Pôs a canoa n'água, o vanzeiro que se estendia estava a favor. Na embarcação, além das iscas, só o espinhel e a tarrafa. Rasgou as águas muito além da baía, até onde quisera ir. Estirou a linha. Depois de horas, no nino-balanço das ondas ficou a remoer-se de sí, um ser fodido, sem nada. Desejava mesmo pagar Astolfo, só que não pudera. Recordava os tempos de criança, quando pescava lambaris no vestido rendado da mãe, piá franzino desaguado em beira de rio. Mas já era tarde, não valia recordar, hoje já era triste, sempre triste. Não queria que o filho fosse assim, entregue nesse melodrama de homem taciturno, sendo triste, sempre triste - com sorriso falso bordado à ouro.

- Deus! - gritou, assustando os biguás ao longe.

Havia tempo que não pegava boa coisa. Na maioria das vezes só pescava para o próprio sustento - e esse, misturado na farinha. "Por qual diabos o céu se espelha no mar?" pensou. O mormaço judiava a cabeça. As águas sinuosas escorriam. Ele com as mãos dadas na linha - óh, São Pedrozinho, que viesse das suplicas a salvação. E veio. Forte, puxando a firme. Um badejo de quase metro, talvez. Não se soube. Ele ancorado em mágoas, duas voltas no pescoço com o espinhel. E à deriva de seus sonhos salobres, deixou-se levar, enforcado. O mar, agora, o fazendo de isca.



Volta pra SP

Um texto de André Nogueira

Saí de seu apartamento e entrei no taxi que me esperava na porta do prédio, nos despedimos com um beijo rápido. Beijo de casais que sabem que vão se encontrar novamente em breve.

Já no taxi, o motorista me pergunta se sou músico, deve ser por estar saindo de madrugada e cheio de malas. Respondi que não, estava apenas voltando para casa.

- E onde você mora? – questionou

- Moro em São Paulo, sou escritor. Aliás, uma das maiores frustrações da minha vida é não saber tocar nenhum instrumento.

- Mas você já tentou?

- Tentei. Já tentei violão, guitarra e gaita.

- Mas instrumento não é dom, como muitos dizem. Você precisa se dedicar, persistir e, principalmente, amar o que está fazendo.

- É, eu sei. Não tenho essa disciplina para música.

- Acontece – comentou o taxista encerrando o assunto.

A cidade estava vazia àquela hora da noite. O marco zero da cidade de Curitiba não tinha uma alma viva. Aquela cena me trouxe lembranças do interior, bons tempos em que se podia andar despreocupado pelas ruas da cidade.

- E como você consegue manter esse relacionamento à distância? – retoma a conversa.

- Estamos aprendendo a lidar. Você precisa se dedicar, persistir e principalmente, amar o que está fazendo.

A corrida foi 15 reais e em menos de dez minutos estava na minha poltrona ouvindo música e pensando nela.

Nunca mais nos vimos.

Alô?

Um texto de Rennan Almeida

Uma vez fiz um pacto com o diabo em troca de inspiração poética. Ele me deu cocaína, e ela me fez escrever como um louco psicótico. Ela me trouxe a coragem e a disposição capaz de suprir uma nação ou duas. Ela me fez percorrer montanhas sem sentir as canelas. Ela que ferveu meu bulbo na diluição escaldante de todas as fragilidades. Ela que colocou meus bolsos do avesso. Surgiu indefeza, da cor da paz, branca. Mas eu percebi logo que a estrada era quebranta. Seu efeito colateral me espantava. Meu estômago roncava mas havia uma pedra alojada no centro dele. Em minha garganta mal descia água. Meu focinho de cão do inferno queimava em cada tiro. E em cada tiro surgia um poema.

Eu preferiria não ter assinado tal contrato. Como fugir disso?

Se não é amor, se não é paixão... É um vício. Literalmente. E eu estive sozinho observando as estrelas. Eu não fui dormir quando prometi pra minha ex que iria. Eu não teria pego no sono de qualquer forma. Ela também arranca meu sono. Traiçoeira e cruel, nem descanso me oferecia. Ela me instigava cada vez mais na medida que eu me entregava. E tudo acabava no nascer do sol de um novo dia que nos surrava e reprimia. Meus olhos vidrados no nada enquanto meu corpo clamava por juízo e misericórdia. O sol seguia subindo até o alcance do meio dia e nesse ápice eu já estava morto há muito tempo de angústia através do vazio.

Já dominado pelo estado sóbrio, me sentia um tanto limpo. Era um domingo de setembro. Estava chovendo fraco mas estava ventando forte. Eu dirigia lentamente sem rumo por uma estrada qualquer, com os vidros abertos. Ser atingido pelas gotas das árvores agitadas me trazia a percepção de um universo gélido e vazio. Nessa pequena parte de tudo que existe, que ao mesmo tempo é tão maior do que tudo que somos, reside a obscuridade da existência. Todas as iluminações dos postes que acompanham e formam este cenário não estariam aqui se não fosse nossa interferência. Contribuímos com nossa presença inútil e inexistente em escala cósmica, e no entanto ainda somos a única voz a ecoar. A única verdadeira fonte de razão e luz. Os astros são apenas energia. Nós somos a capacidade. O algo a preencher. Somos os poemas no livro do infinito.
Eu parei meu carro na margem da pista, e saí em direção ao motel do outro lado da avenida.

As sirenes não paravam. Em algum lugar o caos predominava. Eu ainda sinto o frio daquela noite. Eu estava sóbrio e sem energia vital pra meditar. Peguei o dinheiro do meu último pagamento do emprego recém perdido e paguei doze horas. Um motel é como meu habitat natural. Eu não preciso de uma puta. É solitário e apertado e ainda tem ar-condicionado. Paguei um quarto com banheira de hidromassagem. As sirenes não paravam. E eu achava que estava ficando louco. Insistente como uma viatura e irritante como uma ambulância. Eu ouço atento e apesar de tudo meu humor está em belo estado. Entrei na banheira como quem se prepara pra ser batizado. Fiquei excitado e comecei a esfregar meu corpo com a espuma da água. Logo eu estava sonhando algo com uma morena que surgiu na imaginação. O telefone tocou em uníssono com as sirenes.

Atendi bem no meio da masturbação.

— Alô.

— Estou ligando pra avisar sobre o vencimento do contrato.

— Ok.

Desliguei. Era o Diabo.

Minha poesia agora é por mimha conta. Ele não vai mais me ajudar a escrever. Agora eu escrevo por ser escritor. Finalmemte, aliás. Tive de perder a alma para conseguir sê-lo, digo, de forma genuína.

Disquei o número de minha ex.

— Alô?

— Alô, ela disse.

— Agora é pra valer, — eu disse. Me tornei escritor. Não preciso mais de nenhuma droga ou pacto com nenhum diabo.

— Que se dane, — ela disse. Estou chupando aquele seu amigo Marcus. Escreva sobre isso, otário. Desliguei.

Eu era mesmo um escritor. Pude obter cada vez mais a certeza. Eu não senti nada além de um conforto interno.

Peguei o celular e disquei um número qualquer.

— Alô, — disseram

— Bem, sou escritor, — eu disse. E você vai ouvir agora um poema.

— Ok, mas eu não ligo, — disseram.

— Ninguém liga, mas isso faz parte, — eu disse. A vida era difícil sem casa, observando edifícios, cultivando prejuízos, tentando obter juízo. Sem amigos num destino inimigo, buscando salvação em livros. Aprendendo que viver é bem mais que tudo isso. O motel e a espuma e as putas e as drogas contaminando a conduta. Compreendendo que só escrever não basta, e que coragem e atitude é preciso! Olhos fixados no paraíso, e o paraíso fixado no impossível. Viver, é a única coisa que eu não consigo. Escrever, no entanto é possível. E o sentimento de tristeza e de amor reprimido, sempre tão indizível!

— Eu tenho que desligar, — disseram. Procure um hospício.

Desliguei.

Eu sabia que ela diria isso. Ninguém se importa, mas rimar é bonito.

Da mesma forma que as pessoas casam, não pela essência que traz a aliança, mas pelo alarde que traz o véu e grinalda. A magia ao longo do tempo se dispersa. Eu me lembro que antigamente eu era feliz assistindo desenhos enquanto saboreava um prato de mingau de farinha láctea. Hoje meu irmão de oito anos percorre os corredores com os olhos colados na telinha maldita de um aparelho celular. Os oftamologistas dizem que a luz do celular não cega ao longo dos anos. Mas eles esqueceram de dizer que meu irmão estava cego, não dos olhos do rosto, mas da visão de criança. Tudo que pude concluir foi que Schopenhauer tinha razão até o talo, quando disse que a limitação torna feliz.

A cocaína e eu, num quarto escuro e apertado me rendeu tantas oscilações mentais que agora eu sou mais triste do que antes. Há uma parte da vida de todo ser humano em que ele descobre que está fodido, e que estar fodido não significa estar fodido naquele momento, mas precisamente fodido num estagnado estado de espírito. O que resta senão escrever, ou cantar? Ou dançar e sorrir? E caminhar e caminhar para em fim morrer e sumir. E então? A vida é isso e mais nada.



O SEXO DAS SEREIAS

Um texto de Marcella Reis

Já faziam 2 meses que Walter, marinheiro-pescador estava no mar. Já estava cansado de tanto navegar e de estar tanto tempo longe de sua família e principalmente longe dos carinhos de sua esposa. Walter era um homem bastante activo no sexo e era capaz de o fazer todos os dias. E, agora assim, tanto tempo a desbravar o mar e sem ter o corpo da mulher, começava a dar-se em doido. Vezes sem conta apanhou-se a ter alucinações no meio de tanta maresia.

O comandante Nascimento contava aos seus marinheiros sobre as sereias que já encontrara em suas navegações. Mas é claro que aquela conversa era de pescador. Mas serviam para alimentar os pensamentos eróticos de Walter que todos os dias punha-se a masturbar-se no convés aninhado de ratazanas, pensando nas alucinantes sereias de seios à mostra, que o seu marujo lhe contava.

Cada dia imaginava uma sereia com uma calda de cor diferente. E logo depois vinha o seu gozo jorrante como se ele fosse as espumas do mar a escorrer-lhe pelas mãos.

- Vocês sabiam que não existem sereias gordas e nem tão pouco com colesterol? - dizia Nascimento
- Elas só comem peixe e peixe é a coisa mais saudável que há. E nadam tão velozmente que não precisam de fazerem exercícios. Muitas já me chuparam. Não há coisa mais fantástica do que ser chupado pela boca salgada de uma sereia. Um dia ainda como uma. Mas elas nunca me deixaram possuí-la e eu nunca consegui achar o sexo delas. Acho até que não têm sexo! - disse rindo

E lá ia novamente Walter saculejar o seu sexo no convés e logo de seguida as suas ondas espumosas saiam arrebatadoras.

Numa noite em que todos os marinheiros jogavam baralho e outros escutavam as histórias de Nascimento no convés, Walter recostou-se nas grades do barco e pôs-se a olhar para as águas imaginando como seriam a vida das lendárias sereias por debaixo das águas arredias do mar. Foi então que uma das redes preparadas pelos pescadores começou a se remexer muito, fazendo girar os cabos de aço eléctrico. Walter trouxe-a até para cima. A rede estava amontoada de peixes. E havia um peixe gigante no meio deles com a calda prateadamente vermelha. A calda deste curioso peixe reluzia na noite enluarada e calma. Walter terminou de abri-la com o seu facão. A rede já estava perdida e rasgada e para seu espanto estava ali ao meio dos variados cardumes, uma criatura bastante estranha: ela era metade peixe e a outra metade mulher. Walter se defrontara com uma sereia.

- Não posso acreditar no que os meus olhos vêem! As sereias existem!

A sereia olhava-o espantada e disse com voz fina e delicada:

- Eu é quem não posso acreditar que os marinheiros existam! Sempre pensei que fosse história das sereias mais velhas.

Os dois observaram-se minuciosamente. A sereia que estava à sua frente não era como o comandante Nascimento lhe havia descrevido. Não, não era. A sereia era mais bela ainda. A curvatura de sua cintura quase que se unia uma a outra e os seios dela era redondos e empinados. Nunca vira na vida seios com a ponta da cor metálica.

- Tu és espantosa. Tu és divinal! - dizia embasbacado engolindo-a com os seu olhos.

- Tu, tu também... Meu Deus! Tens pernas! Tu tens duas musculosas pernas! - dizia a sereia melodicamente.

Walter segurou a sereia em seus braços e posou-a num gigante alguidar de água.

- Obrigada marinheiro. Não posso ficar muito tempo fora de água. Fico muito fraca.

- Teu rabo vermelho é... é a coisa mais linda que já vi. Parece milhares de lantejoulas. E o teu cabelo? Que cor é esta que eu nunca vi em toda a minha vida? Não existe cores desta na face da terra!

- Nunca vistes esta cor? A maior parte das sereias jovens como eu, têm esta cor de cabelo, depois os fios vão caindo e tomado uma nova coloração.

- Que cor é esta?

- Nós chamamos de Boreal. Cor Boreal.

De repente os dois ficaram mudos por um instante a fitarem-se, a pensarem em mil coisas, em mil segredos...

- Posso te fazer um pedido, marinheiro?

Ele balançou a cabeça dizendo que sim.

- Posso ver o teu sexo?

O coração de Walter palpou. Mas a sereia tentou explicar-se:

- Muitas sereias dizem que vocês, lendários marinheiros, têm o sexo alçado para fora. Mas eu sei que isto é uma grande mentira.

Walter baixou as calças e mostrou-lhe o seu mastro grosso e levantado.

A sereia colocou as longas mãos na boca:

- Por Poseidon! Então é verdade! Que estranho! Que... que diferente! Os sereios têm o sexo para dentro.

- As mulheres de terra também têm. Mas os homens não. O sexo dos homens é assim, para fora. Queres ver uma coisa engraçada?

A sereia balançou a cabeça afirmativamente extasiada com as recentes descobertas.

Walter começou a balançar o seu pénis no gingado que ele tão bem sabia fazer. Ele olhou para os gostosos seios temperados de sal da sereia e logo ejaculou.

A sereia sorrindo disse-lhe:

- Sai espuma do teu sexo! Como as ondas do mar ao beirar das rochas.
- E é quente - completou Walter

E então, a sereia tocou e viu que era mesmo quente.

Walter lavou o seu pénis na água em que a sereia estava e pediu um favor a sereia:

- Eu gostaria que tu... Que tu...
- Que eu te chupasse? Claro!

Disse abocanhando o mastro do seu comandante. Walter sentiu que fora a lua e voltara. Os cabelos da sereia era macios e leves e pareciam ter a textura de água.

- Agora, senhor marinheiro, quero que me possuas - disse sorrindo sensualmente.

Walter indignara-se:

- Mas como? Onde está o seu sexo?
- Meu sexo chama-se gonopódio. Fica na barbatana anal de minha calda. Nós sereias temos um sexo só - disse levantando uma austera e pequenina barbatana em formato de leque que ficava por detrás onde deveriam ser as nádegas de uma mulher.

Com um grande desejo o marinheiro segurou as barbatanas da sereia e conduziu o seu pénis até o orifício por ela indicado. Era bastante apertado e mais quente do que todos os sexos que já sentira. E ao mesmo tempo ele comia o ânus e a vagina de uma belíssima sereia. Walter acariciava-lhe os seios com paixão. Eram macios. Eram metálicos. Eram novos...

- Quando nos encontraremos outra vez meu comandante? - perguntou a sereia ofegante
- Eu vivo mais no mar do que na terra. Amanhã aporto-me em terra firme e passo lá 3 semanas. Depois volto para o mar e fico nele durante 2 meses. O meu próximo destino serão os mares da Grécia.
- Então eu te seguirei, mas não contes a ninguém. Será um segredo somente nosso. Pois se os marinheiros sabem de nossa existência, vão acabar abusando das sereias.

Walter concordou. E deu um beijo demorado em sua mais nova amante. Lambeu-lhe os prateados seios por uma última vez e de seguida jogou-a no mar já com saudades do seu corpo salgado.

Walter desceu até o convés. Nascimento falava-lhes dos seios das sereias.

- Tão rosados são os seios das sereias. Algumas têm purpurina presa nos mamilos. Ah, eu ainda como uma! - disse rindo com os dentes da frente podres.

Walter sentiu vontade de dizer que já havia comido uma e que os seios da sua sereiazita eram metálicos. Mas ele não disse nada. Desejava pisar logo em terra e que as 3 semanas ao lado do sexo rotineiro com a esposa passassem logo para voltar para o mar das suas paixões alucinantes. O marinheiro por fim descobrira o quanto bom era o sexo das sereias.

Depois do Conto

Um Conto de Adri Aleixo

Tinha a estranha mania de estar entre meus casos como se estivesse entre minhas pernas.

Estávamos à beira mar e ele pediu para que lhe falasse do último carnaval. Gostava de ouvir detalhes; tamanhos, formas e de súbito e trágico seu rosto enrubesca. Pude tocá-lo sob a mesa: seu falo duro, em riste entre minhas mãos apertadas. Era assim e sempre depois dos fatos narrados, fodíamos.

“Conta mais”, quero saber tudo...

-As pessoas estão olhando, no princípio eu relutava, apresentava algumas desculpas e por algum motivo óbvio acabava dificultando a prosa.

À exceção deste dia: a brisa, o mar, alguns drinks e minhas células sobrelocura. Dei-lhe um beijo antes do mergulho sem saber que o mar com suas redes teceria a próxima trama.



A Vida é Um Cigarro na Janela

Um Texto de Vitor Oliva

Era um domingo frio quando Alberto abriu a janela. Num olhar distante, observou que as penumbras já não se formavam pela luz do sol, mas, sim, dos postes. Por volta das 20hrs do horário de verão, na pequena cidade interiorana de Minas Gerais, a noite se refastelava pelo céu. Com o cigarro já tragado pela metade, e as memórias vindo à tona, mirou um gato que caminhava pela fiação – de um negro que vinha a ser lúgubre, tal qual seus pensamentos naquele momento. Após o suspiro letal, carregado pela fumaça advinda dos seus fracassados pulmões, fez-se um breve silêncio de alguns segundos, entrecortado logo após por uma voz rouca e em baixo tom, que quase não se ouvia.

- Alberto.

Era a esposa, Jacira.

Taciturno, caminhou lentamente para o quarto.

Debruçada sobre a cama, estava a mulher a qual entregara sua vida.

- Sim, querida – respondeu, logo ao chegar à esquadria da porta, também em baixo tom.

- Feche a janela, por favor.

Começara a chover.

Alberto fechou a janela. Logo após, olhou de cima a baixo para a esposa, tentando afastar qualquer sentimento de comiseração que viesse a ter diante da imagem que se via. Deveras pálida, a mulher respirava com dificuldade, lentamente, e tossia uma tosse de despedida, apesar de relutar contra isso. O marido, exercendo sua função de cuidado, se aproximou e sentou-se na beirada da cama. Passou vagarosamente a mão sobre os finos fios de cabelo da esposa, objetando-se contra seus próprios olhos, que teimavam em marejar.

- Vai passar, minha querida. Tudo passa.

A esposa sorriu tristemente.

- Inclusive a vida, Alberto.

- Não a sua. Não enquanto eu estiver aqui.

A mulher fechou os olhos, segurando o choro.

- Durma, meu bem. Tente descansar um pouco – disse Alberto, beijando a testa de Jacira.

- Não quero descansar – respondeu a esposa já com uma voz sôfrega, entrecortada pelos tímidos soluços – quero viver, Alberto.

- Você irá viver. Creia no nosso Senhor bom Deus.

- Sabe, venho rezando renitentemente. Mas só tenho piorado. O que vem a explicar isto?

Alberto olhava para a esposa com um olhar de penúria, tentando somente ouvir naquele momento.

- Já rezei o terço duas vezes hoje, Alberto. E a cada oração, minha tosse se torna mais estridente – continuou Jacira, emitindo uma tosse seca e estrídula.

O terço, feito de pérolas, com um entremeio banhado em prata, fora dado pela avó, 30 anos antes de Jacira vir a se tornar enferma. Não se sabe de onde a avó arranjara a peça, tendo em vista que toda a família viera de uma pobre gente.

Tão grande quanto a pobreza era a fé daquele povo, que guardavam a míngua financeira e mental debaixo do amparo que encontravam em suas crenças divinas. Alberto também viera de uma família pobre, tendo o luxo de ainda poder comer o arroz com farinha num prato, a despeito da gamela que Jacira utilizara antes de conhecer aquele homem. A avó, que lhe dera o terço, morrera

de câncer pulmonar. Fumava muito. E vira a filha morrer ainda antes dela, tuberculosa. Do pai, Jacira conhecera somente sua história. Fora um bebum de exímia fama na cidade. Todas as prostitutas e mendigos delirantes de calçada contavam-na sucessivos causos sobre ele. A própria família o odiara, mas Jacira o tinha como uma estrela que brilhava a acompanhando do céu por toda sua vida. Este era seu verdadeiro amparo.

- Você me amou, Alberto? – perguntou a pobre mulher, ainda contendo seu pranto.
- Ainda te amo com todas as minhas forças, minha querida.
- Me prove.

Neste momento, a mulher retirou a coberta que lhe cobria até o pescoço, e mostrou-se nua frente ao marido.

- Me prove pela última vez.

Alberto, marejando os olhos mas se contendo, levantou-se e passou a olhar as curvas da esposa, que ainda estavam intactas.

- Não posso – respondeu, por fim – desculpe.
- Tudo bem, eu entendo. É difícil sentir tesão por uma mulher no meu estado.
- Não é isso.
- Sei que não.
- Apenas não consigo – finalizou Alberto.

A vida sexual dos dois era uma volúpia descomedida. Não obstante a religiosidade, sempre prezaram pelo prazer momentâneo. Não tiveram filhos, somente um gato, que fora atropelado pelo próprio Alberto, ao sair de casa com sua motocicleta para trabalhar. Depois deste fato, juraram nunca mais vir a criar qualquer criatura que fosse, para evitar a dor fervorosa da perda. Sabiam que um dia um viria a perder o outro, mas relutavam a medrar esta ideia na cabeça e somente aproveitavam, vigorosamente, o amor que cultivavam entre si, a cada minucioso momento.

Entre os olhares constrangidos, se entreolharam em silêncio por alguns segundos, até que Jacira tornou a falar.

- Queria poder te retribuir o amor que me deste.
- O amor não possui débitos, querida. Quando se ama de verdade, não se espera nada em troca.

- De que valeu nosso amor, Alberto? – perguntou a mulher, após uma breve tosse.
Silêncio. Alberto se inclinou para trás, num gesto de quem espera por um complemento.

- Quero dizer – continuou Jacira -, tudo que construímos se findará em breve. Eu morrerei. Você, daqui um tempo, também morrerá. E tudo terá sido em vão, nada irá mudar. O mundo continuará com seu ciclo, e tudo será uma apoteose. Lembra daquela peça a qual assistimos?

Alberto meneou a cabeça para cima e para baixo, em tom de concorde.

- Lembro que naquela peça o homem, em conflito com seus deuses e demônios, se mata para buscar a liberdade eterna. Você acha que ele encontrou?

- Acho que a morte não soluciona nossos problemas – respondeu o homem – somente bota um fim na tentativa de solucioná-los.

- Ou bota um fim neles próprios, de certa forma.
- Talvez. Deus há de saber para onde eles vão, junto à alma.
- Você realmente acredita em Deus?
- Rezo todos os dias para ele lhe salvar deste embrumo, minha querida.
- Pois não reze mais. Não perca seu tempo. É causa perdida.
- Oh, meu bem! Não fale assim.
- É sempre difícil ouvir a verdade, meu querido.

Alberto, neste momento, esmoreceu. Relembrou num feixe de luz os momentos recentes que passara ao lado da mulher. As idas e vindas do hospital; as novenas intermináveis de orações destinadas à cura da esposa; os medicamentos e efeitos colaterais agressivos; a piora. Tudo fora dado em sua mente como um compilado de horripilantes lembranças. E, ao mirar novamente a esposa, ao final das relembranças, esmoreceu mais ainda.

- Sabe, Alberto... ainda resguardo minha fé. Mas não da forma como resguardava antes. Tenho de lhe confessar: a vida me bateu forte. Nesses momentos, em que se sente as pancadas da vida, passa-se a crer menos nas coisas que se cria antes. Tento absorver todas essas coisas numa talagada, para que se sofra somente uma vez. Mas a cada amanhecer, é um novo martírio. Todos os dias temo em ver o sol novamente. Consegue me compreender?

- Mas o sol, minha querida, a cada nova aurora, é a verdade fatídica de que continuamos vivos. Está viva, apesar do sofrimento.

- E de que vale viver num derradeiro sofrimento? A morte não seria mais amena?

O marido não soube responder. A cada novo questionamento da mulher, seu esmorecimento aumentava, tal qual ficamos quando estamos diante de uma questão que nos faz refletir. A mulher poderia estar certa. Todas as ações e sofrimentos que temos em vida seriam em vão. De nada valem. Assim como as alegrias. A pia do banheiro pingava uniformemente, num tom melancólico. No olhar de Alberto, podia-se notar o mesmo tom. O homem já se mostrava deveras meditabundo, temendo as próximas palavras da esposa, e desejava que estivesse louco. Afinal, homem religioso e conservador que era, receava palavras tão céticas saírem da boca da própria mulher, tendo em vista que ela também se demonstrava bastante devota.

Alberto era um homem circunspecto. Sempre tratava com paciência e bastante zelo as coisas que lhe vinham. Não era necessariamente um ser de mente aberta a outras colocações, mas as escutava sem se bramir. Viera de uma família de carroceiros, onde ajudava o pai a recolher os entulhos e materiais recicláveis para vender. Sempre gostara muito de ler, passando a encontrar nos livros uma certa fuga à realidade mórbida a qual o circundava. Quando ingressou no ensino médio, teve a oportunidade de realizar um curso técnico, formando-se em técnico em enfermagem. Passara a trabalhar no hospital da pequena cidade e conseguiu construir sua vida em condições mais favoráveis ao lado de Jacira, que servia como dona de casa. Viveram assim por 12 anos, até que, acometida por uma doença misteriosa, Jacira passou a se demonstrar cada vez mais debilitada; enfim, ficando na cama. O marido largara o emprego e passara a cuidar da esposa devotamente desde que a mesma mal conseguia tomar um banho por si. A tratava com bastante zelo e afínco, lavando cada parte de seu corpo cautelosamente, depois vestindo-a em suas vestes de maior apreço, para que a esposa viesse a se sentir melhor. Tudo que Alberto fazia era em nome do bem estar da amada, se é que assim podemos dizer. Gostava de assistir futebol na televisão, então passara a televisão para o quarto. Assim como o pequeno santuário de reza que mantinham anteriormente na sala. Por fim, praticamente todas as coisas de que necessitavam primordialmente estavam colocadas dentro do quarto, para que Alberto tivesse de sair dali o mínimo possível. Somente saía para fumar e ir à padaria, que era logo virando a esquina.

Da doença misteriosa de Jacira, mal se conseguiam informações. Primeiramente tornou-se tuberculosa, assim como a mãe, e passara a ficar dentro de casa. Pouco tempo depois, apresentava sinais de feridas pelo corpo, onde fora rechaçada rapidamente a ideia de que o marido estaria a ferindo, visto que todos na cidade sabiam de como se dava a relação dos dois. O prefeito da cidade conseguira, certa vez, uma carona para leva-los à capital do estado, para que a mulher pudesse conseguir um diagnóstico e, quem sabe, se tratar. Da viagem, trouxeram somente o cansaço. Ninguém sabia o que Jacira realmente possuía. Então acabaram, enfim, voltando para a terra natal. A partir da sua volta, os grupos de orações mais estultos trataram de dizer que a mulher estaria possuída por alguma criatura demoníaca, então passaram a perturbar os dois numa tentativa de realizar um exorcismo ou alguma coisa do tipo. Fora a única vez em vida que Alberto se enfurecera de verdade. Quando vinham à sua porta, mandava todos para o raio que os partisse, até que, enfim, o casal passou a ser abandonado, sendo Alberto passando a ser visto também como um ser possuído. Na padaria, que era praticamente o único lugar ao qual ele caminhava para comprar o básico de sua sobrevivência, as pessoas o olhavam com um olhar misto de repudia e penúria, olhando-o de soslaio de forma nada amistosa. O homem, tratado com esdrúxulo, somente ignorava, olhando sempre para o chão ou para cima, jamais para a frente. Suspirava sempre que retornava à casa, onde estava livre daquela gente mal escrupulosa.

Tomado por um sobejo de pensamentos, Alberto passou a divagar sobre as mais remotas questões da própria vida, olhando para o teto diante da esposa. Durante determinado momento, onde passaram-se alguns minutos nesta condição, a esposa interveio.

- Querido.

Alberto abaixou a cabeça e mirou os olhos da esposa, sem dizer palavra.

- Ainda está aí?

- Sim – respondeu num sussurro.

- Por onde estava viajando?

- Nada, querida, nada. Vou fazer um café, sim?

- Ok.

Levantou-se e caminhou lentamente em direção à cozinha. Tomou em mãos os ingredientes e começou a preparar o café. Enquanto a água fervia, sentou-se e acendeu outro cigarro. Lembrou de sua infância. A primeira vez que seus lábios tocaram os lábios de outra pessoa. A dificuldade para ingressar no colégio público da cidade, onde teve de acampar com seu pai na porta para conseguir uma vaga. Os estudos. O curso técnico e as amizades feitas. O ambiente tremendamente pesado do hospital. O cheiro de carnificina. A mudança de Jacira para sua casa, para que pudessem viver juntos e construir uma família que nunca veio. Os bons momentos que passaram juntos, até a vinda da doença. Tudo fora sendo relembrado aleatoriamente, e de forma que seus olhos se arregalaram e passaram a mirar o vazio do chão. Alberto refletiu sobre suas crenças, sobre seus costumes e nuances da própria pessoa. Não se julgava um homem sábio, nem adepto a novos conhecimentos, mas, no mínimo, tinha senso e discernimento, pois sabia se julgar imbecil quando era necessário. Sabia quem era, e sabia também que isso era a coisa mais importante para um homem: se conhecer. Principalmente quando se é um parvo. Não importando quem fosse.

A água começou a borbulhar. Alberto desligou o fogo e passou-a no pó do café. A fumaça se misturava à do cigarro, e um véu mesclado de cheiro e odor fétido tomou conta do cômodo. Tampou cuidadosamente a garrafa, encheu uma xícara e levou para a esposa.

- Tome, querida. Vai se sentir melhor.

- Obrigada – disse Jacira, sorrindo.

- Estive lembrando de alguns momentos nossos – continuou a mulher – lembra da vez em que fomos na cachoeira semestre passado? Eu sentia a água gélida dando pancadas em minhas costas, e você sorria tanto... fizemos um churrasco com algumas cervejas na beira do rio.

- Claro que me lembro, querida. Foi ótimo.

- Nunca mais fomos lá.

- Teremos outras oportunidades.

Jacira sorriu. Mais um sorriso de descontentamento que de agrado. Lhe agradava lembrar essas coisas, mas sentia um peso imenso por não poder realizá-las mais diante. Sobrara-lhe somente as lembranças e o peso da vida, que agora tinha a morte como companheira alisando seu queixo carinhosamente, aguardando para dar o bote final. Pouco tempo antes, Jacira fora mais relutante à ideia da morte. Mesmo doente, teimava em ficar de pé. Buscava concluir todos os seus afazeres, na medida do possível. Era mulher de exímia força, contundente, perspicaz, mesmo diante da má instrução. No início da doença, quando começara a se sentir debilitada, teimava em crer que tudo não passava de travessura da mente, e, quando o marido saía para trabalhar, fazia todo o serviço de casa mesmo estando possessa em dores. Quando Alberto retornava, estava tudo limpo e a janta pronta. E a alegria da mulher ao vê-lo espantava qualquer resquício de estresse que tivera durante o dia.

Com o passar do tempo, o estresse mudara apenas de lado. Havemos de entender: mesmo diante de um amor doentio, quando se ocupa uma posição mais paterna que de companheiro, assim dizendo, o cansaço é inevitável. Mesmo não cultivando pensamentos negativos diante do cônjuge ou da exigência que a situação exige, sentimos no corpo a árdua tarefa de cuidar. A alma sente depois. Alberto já se encontrava no estágio do cansaço da alma, mas não dava o braço a torcer. Pensava sempre que valeria a pena os esforços que investia; a mulher haveria de retornar a uma

condição saudável, para que pudessem aproveitar o restante da vida juntos. “Ela vai voltar”, era sempre a sentença repetida inúmeras vezes durante o dia em sua mente.

- Querida, quer que eu chame sua irmã? – perguntou Alberto.

- Não quero minha irmã comigo.

O marido esboçou um gesto facial de indagação.

- Ela com certeza irá começar sua ladainha de orações ou falar algo de ruim do meu pai. E não quero escutar isto.

- Tudo bem. Entendo o lado do seu pai, mas qual o problema com as orações?

- Dizem que Deus sabe tudo, Alberto. E que tem poder para mudar qualquer coisa. Se isto é verdade, ele sabe do meu estado e pode mudar isto. Então, rezar é inútil, e se eu vier a morrer, foi porque Ele quis.

Alberto começou a sentir um ligeiro abatimento, fruto do seu esmorecer a cada nova investida cética que a esposa lhe dava.

- Além do mais – continuou Jacira – dizem também que ele é de todo bom. Então, minha doença pode significar um bom acontecimento para alguém neste mundo. Já pensou nisso? Já pensou nos diversos mundos e universos que tendem a existir, com diversos tipos diferentes de vida, onde um, sem tomarmos ciência, influí no andamento do outro? Talvez seja isto. Minha ida pode significar outra vinda em outro lugar. Estou divagando demais, querido?

Alberto posicionou a palma da mão na testa de Jacira.

- Não sei se está divagando demais, mas está ardendo em febre. Vou pegar uma toalha.

Levantou-se e foi ao banheiro. Chegando, viu seu reflexo no espelho. Passou a refletir sobre o que estaria acontecendo com a esposa. O porquê do ceticismo, dos questionamentos, a diferença do pensar; justamente no momento em que ela deveria estar mais devota do que nunca. Seriam todos os mortos descrentes? Quanto mais se perde em vida, mais se tem em mente. Nossa cabeça vira um alvoroço, um rebuliço desmedido. Talvez seria o que estivesse acontecendo à ela. Não seria algo a se temer, necessariamente. Talvez estivesse delirando, ou apresentando sinais de demência. Mas ela voltaria, de qualquer forma. Era apenas uma fase, trazida pelo desenvolvimento da doença. Essas eram as coisas que passavam em sua cabeça naquele momento.

Num sacolejo, voltou a si. Lavou o rosto, enxugou-se na toalha e em seguida molhou-a. Retornou para o quarto. A esposa estava de olhos fechados, com um singelo sorriso no canto da boca. A pia continuava pingando uniformemente, e o som contínuo da água no metal provocava um tipo de ansiedade atípica em Alberto, sem que ele notasse o porquê. Cuidadosamente, botou a toalha na testa de Jacira, e tornou a sentar na beirada da cama. Assim que sentou-se, a mulher abriu os olhos e olhou-lhe bem no fundo das retinas.

- Você tem olhos bonitos – disse a esposa, sussurrando.

Alberto sorriu.

- Parecem jaboticabas – complementou Jacira, também sorrindo.

- Você sempre diz isso.

- E nunca hei de parar de falar.

- Como se sente agora?

- Um certo formigamento. Não consigo sentir meus pés direito. Talvez seja porque estou há tanto tempo deitada.

- Quer que eu te levante?

- Não precisa, querido. Por que não vai comprar alguns pães? Você deve estar faminto.

- Não tenho fome.

- Eu te ajudo a comer. Façamos o seguinte: você vai à padaria, compra dois pães daquele acebolado e nós o comemos com o café. O que acha?

- Você parece gostar da ideia – disse Alberto, sorrindo – então vou-me. Me espere, sim?

- Até mais – despediu Jacira, com um sorriso de encanto nos lábios, tentando em vão erguer a mão para despedir-se num gesto.

- Até mais.

Alberto foi até a sala. Parou diante do cabideiro, vestiu seu velho casaco e alçou seu chapéu de coco na cabeça. Pegou a chave na mesa e tomou a rua afora.

A chuva caía com menos força, esboçando somente uma garoa que pendia no ar. Caminhando pela rua escura, observou um vulto de um gato passando por ele, indo em direção oposta. Virou a esquina. A luz da fachada da padaria ainda estava acesa. Não havia praticamente ninguém na rua. Alberto entrou. Dentro da padaria, seu vizinho se fazia presente, e o avistou logo quando entrara. Acometido pela presença de Alberto, tratou logo de finalizar suas compras e sair de perto. Os funcionários mandavam olhares desviados, como que de soslaio, evitando cruzar o olhar com o pobre homem. Alberto foi até a vitrine e retirou três pães acebolados, imaginando que mais tarde a esposa poderia sentir fome, então teria o que comer. Foi até o caixa, pagou suas compras e tomou a rua novamente.

Voltando para casa, chutando pedrinhas que se encostavam no meio-fio, ouviu uma voz o chamar. Parou e olhou para os lados. Não viu ninguém. Continuou a andar lentamente. Novamente fora chamado, desta vez com um assobio. Olhou para trás e viu um homem encostado ao muro de uma casa, sentado, com algo na mão direita, aparentemente uma garrafa. Chegou mais perto.

- Me dê de comer, por favor – disse o homem.

Era um homem de aparência senil, embora se notasse que não tinha tanta idade. Estava deveras acabado. Utilizava remendos que lhe serviam de roupas, e estava com os pés descalços. Segurava em mãos uma garrafa de conhaque pela metade e, estendendo a mão para Alberto, diante do seu silêncio, repetiu:

- Por favor.

Alberto chegou mais perto e retirou um pão da sacola. Era um homem conhecedor da miséria, e pensou que o velho estava em condições mais precárias que ele, portanto, poderia muito bem ficar uma noite sem comer para alimentar uma alma mais perdida. Alberto estendeu o braço e colocou o pão na mão do velho. Este comeu o pão imediatamente, de forma voraz, embrenhando a barba em farelos, sem se importar. Parecia não tomar um banho há dias e as unhas não serem cortadas há anos. Alberto, ao invés de ir embora, ficou a observar a forma como o velho se portava diante do alimento. Pensou em quanta história deveria ter ali naquele ser escornado na calçada. Assim que terminou de comer, o velho lhe disse:

- Eu sei quem você é.

Alberto permaneceu em silêncio, olhando com uma feição neutra para o rosto do homem à sua frente. Este continuou:

- Não vou lhe crucificar, fique calmo. Só quero que saiba que acabei de descobrir que todos aqueles que te olham torto são bastardos imbecis. Você é um bom cara. Já estou muito velho, precisava de um alimento há dias. Fui encontrar no sujeito que a vizinhança mais repudia. Agora sou eu que repudio a vizinhança.

- Você não precisa os repudiar. É ruim para a alma – disse Alberto.

- Sabe... eu vivi trinta anos na estrada. Trinta. Andei por muitas rodovias, curti muito o litoral vendendo miçanga. Viajei sozinho. Encontrei muitas ilusões, mas hoje só estou em busca da verdade. Mas o sistema não me deixa andar com meus próprios passos, me entende? Sofri muito preconceito, mas encontrei muita gente boa, assim como você. Agora estou na paz. Tenho coração de passarinho, cara. Estou sempre catando sementinha, voando no espaço. Passei muito tempo procurando meu ninho, até concluir que não existe terra de ninguém. Nossa ninho é o universo todo, meu amigo. Eu moro atrás do pôr do sol, onde ninguém gosta de passar. Não gosto de gente. Depois que inventaram o tal dinheiro, meu amigo, é cada um por si. Carnificina diária em nome dele. Por isso que eu procuro a natureza. Vou deixar esta cidade. Gosto de cachoeira, de ter um rio pra nadar, não pensar em nada. Não gosto de estar aqui. Mas você... você me trouxe um alento. Não como há 3 dias, estava para enlouquecer ou roubar. Tenho de lhe agradecer verdadeiramente. Sempre que precisar, estarei nesse mundão aí. Pode me procurar, que sempre te ajudarei.

- Obrigado, senhor – disse Alberto, sorrindo timidamente – até mais.

Alberto estendeu-lhe a mão num cumprimento e o velho acenou de volta. Quando aquele deu as costas, o velho tornou a chama-lo.

- Ei!

Alberto se virou.

- Mande um abraço para sua esposa. Dê um abraço nela por mim – finalizou o velho.

Alberto sorriu e tomou de volta seu caminho. Um par de dezenas de passos à frente, estava na porta de casa. Abriu o portão e entrou. Botou novamente seu casaco no cabideiro e o chapéu. Foi até a geladeira, passou manteiga num pão acebolado, encheu uma xícara de café e foi até o quarto levar para a esposa. Encontrou-a novamente de olhos fechados, desta vez sem o sorriso singelo que carregava nos lábios. Colocou o pão e a xícara no criado mudo ao lado da cama e sentou-se na beirada desta. Passou a mão pelos cabelos da esposa, até, enfim, acarinhá sua testa. Sentiu que estava fria. Chamou-a. Sem resposta. Sacolejou a esposa numa tentativa desesperada de se enganar ao que estava vendo. Jacira estava pálida e não respondia ao marido. Alberto tomou-lhe o pulso. Não sentiu nada. Num choro contido, olhou pela janela. O mesmo gato preto que se esgueirara pela fiação e passara por ele como um vulto, estava ali sentado. Quando Alberto levantou-se e se aproximou, ele fugiu. O homem, num sentimento misto de tristeza e revolta, abriu a janela e olhou para cima. De forma fria e dura, emitiu somente uma palavra.

- Canalha.

Fechou novamente a janela. Foi até a janela da sala e acendeu um cigarro. Ficou a olhar para a escuridão que parecia a mesma que assolava seu peito. Todos os questionamentos da mulher, neste momento, pareciam fazer mais sentido. A vida, agora, era passível de sentido nenhum. Perdera aquilo que se comprometera a se dedicar de corpo e alma. Só não imaginava que o fim seria tão trágico. Apagou o cigarro no próprio punho e fechou a janela. Pegou panos e roupas que achou jogados pela sala e tampou todas as frestas das portas da casa. Foi até a cozinha. Ligou o gás. Se dirigiu para o quarto, chorando um choro de misericórdia enraivecida. Retirou toda a roupa. Nu, deitou-se ao lado da esposa e a abraçou fortemente, como nunca havia a abraçado em vida. E, diante da imagem turva que cobria o quarto, se cobriu.



O Mundo é um Parque de Diversões

Um texto de Andri Carvão

- olá?! Tudo bem, meu anjo?
- arran!
- é seu?
- não. Só cuido dele.
- ah!...
- sou babá.
- mas é a sua cara.
- magina. Filho de rico. João Victor! Cuidado! Desce daí, menino, você vai cair! Ai, ele é fogo!
- [com um sorriso nos lábios] você leva jeito com criança. Você tem filhos?
- tenho uma menina.
- [silêncio]
- ah, que legal! E quantos anos ela tem? [ele é pai de 3 moleques]
- 4.
- tá na escolinha?
- ainda não. Fica com a avó enquanto eu trabalho.
- e o pai dela? Você... você é casada?
- Deus me livre! Não sei o que me deu na cabeça...
- ééé. Não é fácil. A vida é assim mesmo...
- arran!
- mas, mudando de assunto, você vem sempre com ele aqui no parquinho?

- de vez em quando. [pausa] quando minha patroa sai, ficar trancada naquele casarão com os outros empregados é o ó.

- sei...

- e você? Faz o quê da vida?

- [enchendo os pulmões] ajudo meu pai no escritório. [ele é motoboy] meu pai é empresário. [o pai dele está desempregado]

- hum. Então você é filhinho de papai! Oh! Tem gente que nasce com uma estrela na testa mesmo.

- não. Mas também não é assim, né. Dou um duro danado naquele escritório!

- e o que você tá fazendo aqui uma hora dessas então? [17:23]

- tô de folga... [pausa] quer saber a real?

- ?

- tava passando de *moto* e vi você aqui sentada no parquinho, sozinha, não resisti e vim tentar falar com você. Jurei que uma garota como você não me daria nem atenção.

- você é tarado?

- não! Longe de mim. É que eu achei você tão bonita... linda mesmo, sabe?! [pausa] linda não: você é MA-RA-VI-LHO-SA!

- magina! Você tá precisando de óculos.

- não. É sério! Fiquei de queixo caído com você! Você é um espetáculo!

- [levantando-se] João Victor! João Victor! Agora chega!

- AAAHHHHH! Só mais um pouquinho!...

- não! Vamos que a sua mãe tá pra chegar! Vambora! Vem cá preu calçar seu sapato!

- desculpe! Acho que assustei você, né?!

- não, tudo bem. É que você me pegou de surpresa. Tenho tantos problemas. Tava aqui perdida, coisas da minha cabeça, sabe??!

- arran! Posso te ver de novo?

- claro! [pausa] você não é o Maníaco do Parque não, né?!

- não. Mas trabalhei com ele.

[risos]

- atá!

[dia seguinte. Pouco depois das 17:00. No mesmo bat-local. Ele fez questão de estacionar a moto bem próxima *dela*]

- Oooii! Você veio mesmo né?!

- claro! Eu não falei que eu vinha? Se eu falei que eu vinha é porque eu vinha, certo?!

- ãrran!

- [colocando o capacete no banco, da outra vez tinha deixado no guidão da moto] posso te falar uma coisa?

- sim!

- [pausa estratégica] ah, não, você não vai gostar... não vai aceitar. Deixa pra lá!

- [curiosa] pode falar! Fala... João Victor!

- depois eu falo.

- tudo bem. [fazendo um muxoxo com os lábios] está de folga hoje também?

- folgo sábado e domingo.

- gente coisa é outra fina, viu!

- não seria “gente fin...”

- é que eu gosto de falar invertido.

- tá quente demais hoje, você não acha?!

- todo dia! Um inferno! Ainda bem que na casa da patroa tem ar-condicionado!

- humm, “gente coisa é outra fina”!

[risos]

- o tempo tá bom pra tomar um sorvete, né?!

- aii... nem me fale!

- que tal? Você aceita tomar um sorvete comigo?

- e o João Victor?

- tudo bem, ele vem com a gente também...

- na moto?

- [pensando] eu vou na padaria ali e trago os sorvetes. Você quer de quê?

- ah, é incomodar demais você...
- morango? Chocolate? Coco? Limão?
- [risos]
- milho verde!
- e o João Victor?
- ele gosta de chocolate.
- legal.

[alguns minutos depois]

- não tinha de chocolate. Trouxe de chocolate branco, tem problema? Será que ele...
- esse menino é uma traça. Ele parece um avestruz, come até parafuso se deixar. João Victor!
- ?
- quer sorvete, filho?
- ârran! [correndo, escorregou, mergulhou na terra e abriu o berreiro]
- não chora não, meu amor, vem cá com a titia. Oh, meu Deus, olha só essa roupa! Você se machucou, coração? Deixa a Nena ver, deixa eu ver!
- [fazendo bico e secando as lágrimas no ombro da babá] a culpa foi sua! Você que fez eu correr!
- ah, essa é boa agora! Você sai desembestado e a culpa é minha! Quantas vezes eu falo pra você não correr que você acaba caindo e se machucando?! Agora quero ver eu explicar pra sua mãe. [ela não vai nem ligar] quero ver a bronca que ela vai me dar!
- [chuparam o sorvete e blábláblá. Riram e blábláblá]
- você já viu aquele filme? Como é que é mesmo o nome...? [estalando os dedos] ai, caramba, sou péssimo pra nomes! [desistindo] você gosta de assistir filmes?
- gosto. Não tenho muito tempo, chego em casa acabada e desmorono. Mas gosto sim.
- gosta de pegar um cineminha então...?[levantando as sobrancelhas meio sacana]
- [pausa] eu nunca fui ao cinema...
- puts! Mentira! Cê tá brincando?!
- sério! Por que o espanto? Nunca fui ora!

[silêncio]

- a única oportunidade que tive, foi com as amigas da época da escola, mas meu pai não deixou.

- quer pegar um cineminha comigo?

- com o João Victor?

- ééé. Quer dizer... pode ser... tudo bem.

- não. [risos] Eu saio às 19:00. [atira longe o palito de sorvete enrolado na embalagem, do outro lado do lago entre as árvores]

- te encontro aonde então? Pode ser aqui ou é muito perigoso pra você?

- não. Pra mim sem problema. Mas...

- o quê?

- eu nem sei seu nome.

- Flávio! [seu nome é Wesley] e o seu?

- Graça!

[apertam as mãos e Flávio [Wesley] avança o sinal, roubando três beijinhos]

[18:45 Flávio [na verdade Wesley] estaciona a moto no mesmo lugar do dia anterior, na calçada, mais distante do parque. Graça chega às 19:27]

- Oooi! Demorei? Desculpa, é que eu estava me arrumando...

- nossa! Tudo isso pra mim?

- ah, pára! Senão eu fico sem graça...

- UAU! Que delícia! Desculpe! Escapou...

[risos]

[na moto, ele saiu cortando os carros ziguezagueando feito um louco e a cada curva e ultrapassagem perigosa ela se agarrava mais a ele]

- [gritando] vamos no shopping!

- [também gritando] tem certeza? Muito cheio! Sei lá, perdi a vontade de ir no cinema!

- você é quem manda, minha deusa!

[acelerou e entrou com tudo no primeiro motel que encontrou. Desceram, tiraram o capacete e como ela não fez objeção, ele procurou agir naturalmente. No quarto, Flávio

[Wesley] já foi tirando a camisa, ao mesmo tempo em que tirava os sapatos com os próprios pés. Graça ligou o ventilador e a tevê meio sem pressa. Ele deu um pulo no banheiro e quando voltou ela já estava deitada, nuinha, com uma perna esticada e a outra dobrada com o joelho pra cima, balançando]

“eu vou foder ela direitinho e vou sair fora” [Flávio [Wesley] pensou]

- vem, mas vem sem camisinha... [Graça sussurrou]



SHORPY

Quem Vigia Os Vigilantes?

Um conto de Bruno Sanctus

-- Hã, hãã, hãããã, hum, au, ai, ai!

Nhec, nhec, nhec...

A cama rangia feito um cão faminto e raivoso que se recusa a tomar vacina anti rábica; as pernas gastas como se há muito não fosse feito manutenção. Talvez Páris e Helena tivessem se conhecido em algum antro similar, que fosse manchado de esperma e de uma limpeza parca, pouco antes de Tróia ter sido reduzida a escombros e cinzas.

-- Sua puta, safada. Vou acabar com sua raça! – Gritou Ricardo um pouco antes de disparar um tapa no rosto de Débora.

Ela passou a mão onde estavam impressos os dedos de Ricardo, mordeu os lábios e gemeu:

-- Ain, ain, haan! Vai seu roludo, me fode todinha! – Depois foi descendo suas mãos e agarrou a bunda gorda de Ricardo.

-- Epa, epa, peraí! Não é assim que as coisas funcionam. – Parou o que estava fazendo para enfatizar bem o que não deveria ser esquecido. – Há dois cus aqui nesse quarto, apenas um será comido e tenho certeza que não será o meu.

Débora assentiu positivamente ficando de quatro e empinando bem a bunda e piscando três vezes.

-- Vem garanhão, acaba comigo!

Garanhão é uma maneira simpática para se referir a esse búfalo com IMC superior a 40. Ricardo cuspiu e um filete de saliva fazia a conexão dos seus lábios com o ânus de Débora, que logo foi rompido pelas costas de suas mãos ao tocar-lhe o buço de barba rala.

-- Vá devagar pra não me machucar. – Débora cerrou os olhos e comprimiu os lábios, deu um tranco para frente e o hipopótamo atrás dela acompanhou seu ritmo aproximando mais seu corpo, em seguida voltou a gemer: -- Hã, hããã, hããã! Vai, vai, vai não pára!

O quarto fedia a sexo e merda sovada e nesse ritmo não tardaria até que a cama do motel de quarenta conto viesse a quebrar. Até que algo sibila uma vez em cima da cômoda e depois mais outra. Então começa a rolar um pagode. É o celular de Ricardo tocando.

-- Não atende, não atende. – Disse Débora.

-- Pode ser que seja importante. – Respondeu Ricardo, ao levantar-se e pegar o celular. – É meu chefe! – Atendeu preocupado com a promessa de promoção e acreditava ser viável lamber as bolas de seu superior vez ou outra.

-- Tinha dito pra você deixar no modo avião.

-- Shiu! – Ele pressionou o indicador contra a cicatriz dos lábios num gesto de silêncio. Cicatriz esta que fora adquirida durante a infância quando caiu de bicicleta tentando desviar de um cachorro que atravessava a rua. – Oi, chefe! Qual a boa?

-- Tá ocupado? – perguntou a voz do outro lado da linha.

-- Não. Por quê?

-- É que você está meio ofegante.

-- Ah, não, eu só estava fazendo Cooper.

-- Tá usando capacete. Né?

-- Capacete? Pra quê?

-- Porque se não é capaz de você sair com os olhos roxos com essas peitcholas batendo na cara. – Depois desatou a rir. – É brincadeira Ricardo. Preciso de você hoje. O cara do outro plantão sofreu um acidente e não tem ninguém para cobri-lo, exceto você.

-- Mas, chefe, hoje é minha folga, não dá para eu ir.

-- Eu sei que é sua folga, Ricardo. Mas, está tendo auditoria essa semana na empresa e é fundamental que você compareça. Do contrário, terei que te mandar pra base e eles irão te remanejar para outro posto e isso será pior pra você que tem filho e só o vê aos finais de semana quando coincidem com sua escala de folga.

-- Tá bom, tá bom. Vou tomar um banho e mais tarde eu apareço aí. -- Desligou.

-- Caralho, esse filho da puta quer me foder de qualquer jeito. – disse Ricardo olhando para Débora.

-- Falei que não era pra você ter atendido.

-- Foda é que paguei por uma hora pra poder estar aqui com você, nem gozei e só gastamos quinze minutos. Tem como guardar os minutos restantes para outro dia?

-- Filho, você está pensando que eu sou lan house? – Débora aumentou o tom de voz num misto de deboche e cinismo. – Os termos são bem claros uma hora ou uma gozada.

Ricardo sentiu vontade de enterrar os dedos em seu pescoço, mas lembrou que há um tempo atrás sua ex esposa fez um b.o por causa de violência doméstica e isso deu uma dor de cabeça enorme e que o divórcio acabou sendo o caminho mais viável. Depois vieram as enxaquecas pós ressaca de ruptura, quando disse que ele só poderia ver o filho

assim que pagasse pensão.

Ele foi ao banheiro mijar, e ao voltar, vestiu suas roupas. Pegou a carteira, folheou um maço de notas e deixou duas de cem em cima da cômoda, saiu bufando de raiva sem se despedir.

É só mais uma noite de sábado e as pessoas mendigam prazer para descarregar todo o estresse da semana. O celta velho com a lateral amassada quase se inclina quando ele entra. Dá partida, olha o retrovisor e pega avenida Marechal Tito sentido rodovia Ayrton Senna. Pára no semáforo (mais para evitar uma multa do que por educação ou política de trânsito) e fica observando o movimento, enquanto aguarda o sinal ficar verde. Até que observa uma moto com dois rapazes se aproximando do HB-20, que uma mulher sozinha está dirigindo. O cara que está na garupa olha pra trás e Ricardo o reconhece. É o mesmo que roubou seu tablet semana passada. Ele engatou a primeira, saiu cantando pneu, jogou o carro 45º graus para a esquerda e bateu com a lateral amassada na moto que foi ciscando e levantando nuvens de faíscas até parar quando colidiu na guia da calçada. Uma pistola de plástico cai no chão e se abre em dois pedaços. O Rapaz que estava pilotando sai cambaleando assustado até ser engolido pela parte pouco iluminada da avenida. A mulher ao perceber o ocorrido fura o sinal vermelho.

-- Lembra de mim, amizade? – Ricardo segurou o rapaz que estava na garupa pela gola da camiseta. – Cadê meu tablet? – Seu punho caiu como um tijolo no rosto do rapaz que começou a cuspir sangue. – Quero meu tablet, filho da puta! – E deu mais um soco e outro e outro e outro. Ele já não sentia os ossos das costelas do indivíduo quando a viatura chegou.

Foram preciso três policiais para tirá-lo de cima do rapaz que estava respirando com uma certa dificuldade. Depois que explicou o que estava acontecendo foi liberado e um dos policiais disse que cuidaria do ocorrido sem que ele precisasse se preocupar.

Bater ponto, estresse, doze horas intermináveis de pé fazendo ronda e brincando de pique esconde com o tédio. Essa é uma rotina enlouquecedora. O colete balístico não te protege do ódio que explode dentro de si. Alguns bebem escondido no banheiro. Alberto era um deles. Certa vez, bebeu três latões de Skol em menos de cinco minutos. No dia em que o alfa descobriu, disse que queria ter uma reunião com o mesmo. Na saída, ele estava com um sorriso de orelha a orelha dizendo que seria promovido e ligou para sua esposa mandando-a se demitir, porque agora suas vidas iriam melhorar. Mal sabia o que de fato o esperava. O Alfa também não poderia ter feito de outra forma, afinal Alberto, bêbado e com uma arma poderia ter reagido de uma maneira negativa a esta situação.

-- QAP, Alfa! Gostaria de pedir permissão para ir ao QTO. – Ricardo lançou na rede a mensagem.

Depois de alguns instantes em meio a ruídos no rádio, ele recebe uma resposta positiva. Como já era de se esperar. Tudo acontece por intermédio de comunicação. O problema são aqueles idiotas que são novos no posto e se uma formiga carregou uma folha, eles já anunciam na rede. Esse é o que costumamos chamar de boca aberta. Eles falam tudo o tempo todo, exceto o que de fato é necessário. Há também os contraditórios, como no caso do Lucas, que uma vez jogou na rede a mensagem pra ficarmos de olho em um rapaz que acabou de entrar e estava trajando jaqueta de couro, bermuda e calças jeans. O Ernani era a exceção da exceção, era quase não se enquadrava a nenhum perfil, além de ser um enorme cagão, utilizava verbetes muito bem encaixados, que faria qualquer poeta em um sarau sentir inveja. Talvez as palavras em demasia fossem para suprir sua falta de coragem. Existem também aqueles que passam a maior parte do tempo no celular, este é meu caso. Só que estou sem rede móvel.

Passou em frente ao espelho manchado de gordura do lavatório e sentiu vontade de convocar a tia da limpeza, mas seus pensamentos foram dissipados pelo seu reflexo enquanto abria a torneira carcomida de ferrugem. Achou-se mais gordo que o normal, talvez fosse o colete. Esteticamente isto o incomodara mais que os erros de ortografia nas paredes pichadas do banheiro.

“Lá fora você é machão, mas aqui dentro não paça dum cagão.”

“Viado!”

“Bato chupo e dou o cu. Interessados mandar um zap para 952863166.”

“Se estiver interessado em comer minha esposa entre em contato”

“Soneca”

Decidiu sacanear o próprio chefe e anotando seu número próximo a maçaneta da porta acompanhado de um: “mande a foto do seu pau para análise, se deseja fazer parte do elenco de algum filme pornô. Oferecemos injeções de taladafil e um ótimo cachê. Não percam esta oportunidade.”

O Buraco ao lado da sua cabine um pouco acima de onde fica o papel higiênico tinha o diâmetro que permitia a passagem de um pênis. Deduziu que alguns casais de homossexuais o deveriam têm feito com o intuito de não serem pegos facilmente enquanto se divertia. O problema era quando Robson fazia ronda. Quase toda vez ele pegava um casal no flagra, tanto que alguns vigilantes passaram a chamá-lo de código

24. Robson não tinha dó, além de dar um esculacho, batia nos rapazes, as vezes os fotografava e os obrigavam a lavar o banheiro. Certa vez, um dos rapazes tentou fugir correndo e Robson gritou: -- É MELHOR CORRER EM ZIGUEZAGUE, PORQUE EU VOU ATIRAR! – O rapaz, com medo acabou voltando e recebeu uns murros antes de ser liberado.

Ricardo limpou-se, descartou o papel higiênico e deu descarga e nada da merda descer. Deu mais uma e também outra e nada. Num súbito de fúria chutou o vaso e xingou alguns nomes. Decidiu que era melhor deixar as coisas como estão e posteriormente o pessoal da limpeza viria desentupi-lo. Lavou as mãos e ficou se encarando no espelho. Esfregou a ponta do indicador em um ponto da testa depois começou a espremê-lo até sair uma massa viscosa e meio amarelada. Abriu a torneira novamente, encheu as mãos d'água e mergulhou o rosto. Olhou no espelho e parecia ter uma menininha de uns quinze anos, loira encarando-o. Ela usava uma camiseta e calça escolar. Pressionou as duas mãos contra os seios como uma stripper ao se insinuar e depois passou a ponta da língua contra os lábios e abriu um sorriso que foi dissipado quando Lucas entrou no banheiro.

-- Nossa, cara que cheiro é esse? – perguntou Lucas. – Parece que tem alguma coisa apodrecendo aqui.

-- Ah, é só o banheiro do meio que está entupido, daqui há pouco vou chamar no rádio o pessoal da limpeza para vir desentupir. – Disse Ricardo. – Ou cê viu a gar...

-- O quê?

-- Nada, nada. Deve ter sido coisa da minha cabeça.

-- Não deixa o Alfa ficar sabendo que você andou bebendo, se não ele fará a você a mesma coisa que fez ao Alberto.

-- Não, nem bebi. Só pensei que tinha uma garota aqui, mas vai ver foi coisa da minha cabeça.

-- Tá birutão? Deve ter sido esse cheiro de merda que te deixou louco. Acho que você deveria comer uma boceta e parar de se masturbar.

-- Cê nem sabe de nada, cuzão. Hoje eu chupei tanta boceta que acordei com azia. Cê tem um Engov aí? – Gabou-se Ricardo contando vantagem sobre a foda que não conseguiu concluir mais cedo. -- Vou fazer um dez aqui e daqui há pouco vou para o três meia.

-- Ah, você falou de garota, teve um vigilante que trabalhou só um dia aqui, depois abandonou o posto que jurava por tudo que fosse mais sagrado que tinha visto uma mulher loira no estacionamento S2. – Disse Lucas. -- Só que ninguém nunca deu muito

crédito para ele. Sabe como são essas pessoas religiosas que falam que tudo é coisa do demônio e tal. E outra, tem o lance de ser um prédio comercial, tenho certeza que o dono não interditaria o ambiente por causa de casos sobrenaturais. Ele perderia muito dinheiro com isso e levaria no mínimo uns dez anos para que os curiosos viessem dar crédito e criarem lendas para poder chamar atenção deste lugar.

-- Obrigado pelas informações, Lucas. Nunca ouvi tanta bobagem em minha vida quanto agora. Isso não quer dizer que estou julgando o que você me disse. Entende? São essas lendas urbanas, puta, bagulho nada a ver. Sabe?

-- Foi só o que me disseram, vai de você acreditar ou não.

Ricardo foi para o refeitório, no caminho o rádio fazia um ruído ou outro com palavras que eram quase indecifráveis, abafadas pelos seus passos corridos, como se toda a comida do mundo estivesse prestes a acabar. Ele tirou o colete e deixou em seu armário. Direcionou-se a cantiga e fez seu prato acrescentando restos da feijoada de tarde com purê, maionese e asa de frango. Sentou-se, encheu o garfo e começou a desmembrar o enorme prato que acabara de esculpir. Ernani aproximou-se e lhe deu uns tapinhas nas costas depois disse:

-- Você é tão sem modos para comer, que julgo eu, a tênia que existe em sua barriga deve ter mais educação.

-- Vá se ferrar, caralho, deixa eu comer em paz. Ninguém te incomoda quando você fala igual uma bicha! – Respondeu Ricardo com a boca cheia.

Ernani o ignorou e saiu para evitar qualquer tipo de atrito.

Subway Surf era como matava o resto do tempo, quando não tinha internet para flertar com as garotas do whatsapp. Mesmo com 180 quilos e seus 1,72 de altura e com um rosto que parece uma pedra rachada, Ricardo não tinha problemas de auto estima. Salvo uma vez ou outra, quando saiu com Raquel e no dia seguinte ela ficou postando memes que falavam de pênis pequeno em seu facebook. Ele a bloqueou em seguida e o problema parcialmente fora resolvido. Ou seja, tinha evitado ser indiretamente exposto ao ridículo.

Uma hora passa tão rápido que não se diz: cruz. É o mesmo processo, colocar colete, verificar se não faltam balas no tambor do .38 e voltar para o posto. Depois pedir para fazer uma ronda básica e tentar acreditar que o relógio será generoso fazendo o tempo passar mais rápido. Pois, ficar apoiado na coluna é tão entediante quanto ensaiar a própria morte.

-- QAP, alfa! – Ricardo chamou no rádio!

-- QRV, Ricardo, fala aí!

-- Alfa, vou pedir autorização pra fazer uma ronda no S2, aqui no P8 está tudo tranquilo.

-- Permissão concedida.

Ricardo tropeçou, deu uns passos em falso e depois recuperou o equilíbrio. Olhou para os lados e ao contatar que não havia ninguém próximo riu de si mesmo e pôde ficar mais tranquilo, porque mais tarde ninguém tocaria no assunto, tampouco o tornaria motivo de chacota. Sentiu um calafrio ao lembrar de quando fazia ronda em uma biblioteca e neste dia chovia muito, já era por volta das três da madrugada e ele estava no ponto cego da câmera, portanto, havia decidido tirar um cochilo. Só que as 3:26, foi despertado pelo barulho de algo caindo. Poderia ser um livro, talvez. E na sequencia outro e mais um outro. Depois o barulho de algo grande despencando como se fosse uma prateleira. Apalpou o coldre em sua cintura. Estava lá seu melhor amigo. Foi se esgueirando atrás das prateleiras até se aproximar de onde vinha o barulho e... Nada. Tudo estava em seu devido lugar.

-- Fantasmas... bobagem! – Disse a si mesmo.

Teve aquela vez nas Casas Bahia, onde tentaram invadir a loja com uma caminhonete de ré e ele saiu mandando bala pra cima de todos. Os ladrões ao perceberem que não seria fácil, acabaram dando no pé. No dia seguinte, o gerente ficou falando merda pra caralho por conta do estado que a porta havia ficado, em vez de agradecê-lo. Gratidão é quase utopia, pensou e continuou descendo a rampa que dava acesso aos estacionamentos. A freqüência no rádio começava a ficar meio distorcida por alguns instantes, ele pegou o aparelho deu uns tapinhas e a mesma cessou. Até que uma voz feminina similar ao barulho de metais sendo arrastados irrompeu o ar:

-- QAP, Ricardo!

Era Laura a fiscal de monitoramento. No mínimo deveria ter ocorrido algum problema e eles estavam precisando de sua ajuda.

-- Segue!

-- Ricardo, identifica para mim por favor quem é a pessoa que está fazendo ronda com você.

-- Pessoa? Que pessoa? Tô sozinho! Cê está louca? – Ricardo respondeu perguntando cheio de ceticismo.

-- Tem uma pessoa ao seu lado, estou vendo aqui do monitor. É que a imagem está com um pouco de estática, meio estranho isso. – O monitor foi apagado repentinamente.

-- Laura? Laura?

-- Não tem ninguém aqui, Laura. – Houve um silêncio e então a resposta. Ele parou, observou ao redor inquieto. Tentou chamar no rádio mas não obteve êxito.

-- Laura? QAP, Laura!

Laura já havia tentado de tudo um pouco para que a imagem do monitor voltasse, inclusive trocado sua fiação. Houve então um ruído e um grito gutural em seu rádio:

-- NÃÃÃÃÃOOOOO!

Esta foi a ultima vez em que Ricardo foi visto.

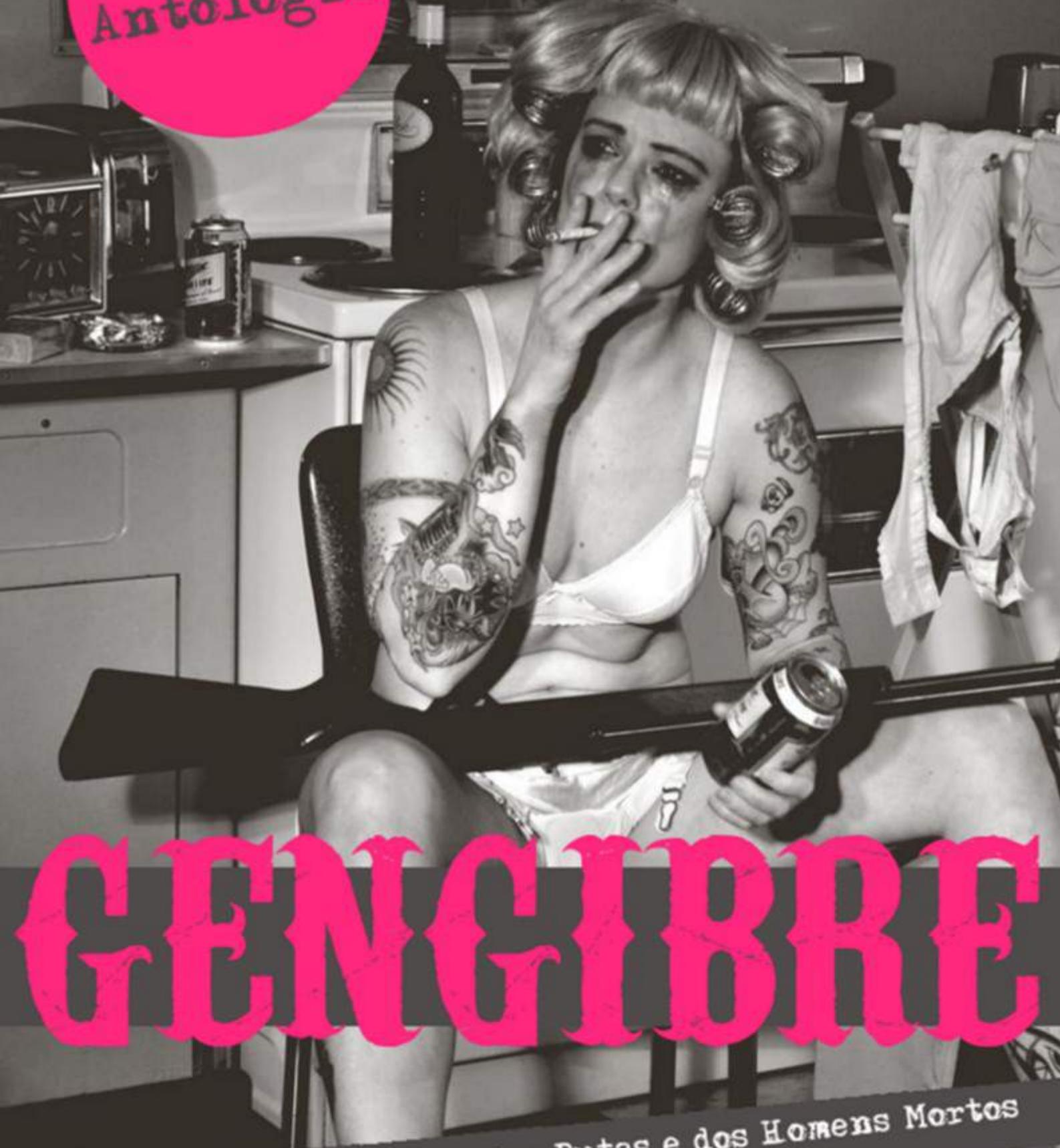
PLEASE PAY

Drink A BITE TO EAT...

Dr Pepper

MP-782

Uma
Antologia



GENGIBRE

Diálogos para o Coração das Putas e dos Homens Mortos

A Alcatéia



Diego Moraes é um escritor Manauara. Autor dos livros: “A fotografia do meu antigo amor dançando tango” (2012) e “A solidão é um deus bêbado dando ré num trator” (2013), publicados pela Bartlebee; “Um bar fecha dentro da gente”, pela editora portuguesa Douda Correria; e “Eu já fui aquele cara que comprava vinte fichas e falava ‘eu te amo’ no orelhão”, pela Corsário-satã e o recém-lançado “Meu coração é um bar vazio tocando Belchior.” (Penalux).



Márcia Barbieri é paulista, formada em Letras e mestre em Filosofia. Tem textos publicados em várias antologias e nas principais revistas literárias brasileiras. É uma das idealizadoras do Coletivo Púcaro e do canal Pílulas contemporâneas. Publicou os livros de contos Anéis de Saturno e As mãos mirradas de Deus, os romances Mosaico de rancores (no Brasil pela Terracota e na Alemanha pela Clandestino Publikationen), e A Puta. O romance O enterro do lobo branco está no prelo.



Natália Agra nasceu em Maceió (AL) em 1987. É poeta. Seu primeiro livro de poemas, De repente a chuva, será lançado ainda esse ano.



Ingrid Carrafa tem 27 anos de idade e vive em Vitória/ES. Uma artista movida pela crise e pela revolta provocada pela postura de falso moralismo em relação à vida, ainda presente nos dias de hoje. Flerta com o perigo e com os instintos primitivos. Autora dos livros “Entre Rosas e Abismos” pela editora Penalux – 2015 e “Não joguem pedras na Geni” publicação independente – 2016.



Ubirathan Do Brasil é licenciado em Filosofia e bacharel em Psicologia. Atua como compositor, editor e colunista do Jornal Literário Elefante de Menta e publica novos autores pelo selo Editora Carrancas. Publicou Haicai na Marginal Arthur Nonato, 2012, pela BAR EDITORA e Onde foram parar meus guarda-chuvas, 2015, pela Bartlebee livros, seguido de um audiobook "para deficientes visuais e leitores preguiçosos". Tem textos publicados em mallarmargens revista de poesia & arte contemporânea, Subversa revista literária especializada no eixo Brasil-Portugal , jornal RelevO de Curitiba, Revista Flanzine de Portugal, participou da programação do FLIV (Festival Literário de Votuporanga) e foi um dos escritores selecionados para o a revista BREU do Sesc Rio Preto. Participou do projeto "Trovadores do Miocárdio" ao lado de Xico Sá, Mario Bortolotto, Tavinho Paes, Julio Barreto, Felipe Leprevost e Fausto Fawcett. O autor está trabalhando seu terceiro livro de poema domingo é um Deus de cadeira de rodas bebendo caipirinha em volta de colibris.



Fabiano Calixto nasceu em Garanhuns (PE), em 1973. Vive em São Paulo. É poeta e professor universitário. Cursa doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, USP. Publicou os seguintes livros de poesia: Algum (edição do autor, 1998), Fábrica (Alpharrabio Edições, 2000), Um mundo só para cada par (Alpharrabio Edições, 2001), Música possível (CosacNaify/7Letras, 2006), Sangüínea (Editora 34, 2007) – este finalista do prêmio Jabuti, A canção do vendedor de pipocas (7Letras, 2013), Equatorial (Tinta-da-China, 2014) – antologia lançada em Portugal, e Nominata morfina (Córrego/Corsári-Satã/Pitomba, 2014). Prepara seu novo livro de poemas, Fliperama.



Roberto Menezes é paraibano. Nasceu em 1978. É professor da Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba. Tem quatro livros publicados "Pirilampos Cegos" (romance), "O Gosto Amargo de Qualquer Coisa" (romance), "Despoemas" (contos) e "Palavras que devoram lágrimas" (romance) e "Julho é um bom mês pra morrer" (romance). Foi vencedor do Prêmio José Lins do Rego (2011). É um dos criadores da FLIPOBRE.



Kleber Felix é escritor e dramaturgo. Publicou 12 livros pelo seu selo independente BAR editora, dentre outros de tipos da sua laia.



Robisson Albuquerque (Robisson Sete) vive em Uberlândia, Minas Gerais. Lançou em 2009 seu primeiro livro, 13 poemas ácidos no bolso da calça e foi publicado em coletâneas, zines, sites, revistas e nalguns muros da cidade. Integra o coletivo editorial Agência & Editora Subsolo www.editorasubsolo.com.br, é um dos produtores dos projetos Noites Literárias e Sarau Subsolo, e prepara para esse ano o lançamento de seu novo livro, Um Postal do Fim do Mundo, um híbrido contendo poemas e pequenos contos. Desde 2015 é pai do Benjamin.



Ray Cruz sobrevive na periferia da periferia de Brasília: Cidade Ocidental. Em 2017 participou da antologia Seres da Noite (editora INDE). Filho adotivo da Iluzine posta seus poemas em sua page no facebook: Deus Cadela e em seu blog pessoal: Exu do Absurdo. Amante de amendoim japonês, dias nublados e Paratudo ou café com qualquer coisa.



Simone Teodoro é autora dos livros de poemas Distraídas astronautas (Patuá, 2014) e Movimento em falso (Patuá, 2016). É ciclista, sapatão e leitora compulsiva de poesia.



Matheus Peleteiro, Nascido em Salvador – BA em 1995, escritor, poeta e contista, publicou em 2015 o seu primeiro romance, Mundo Cão, pela editora Novo Século. Em 2016, lançou a novela intitulada "Notas de um Megalomaníaco Minimalista", pela editora Giostri, o livro de poemas "Tudo Que Arde Em Minha Garganta Sem Voz" e teve também um conto selecionado para a coletânea "Artistas Liberais", publicada pela editora Dalle Piage.



André Rocha, 28 anos amante de mulheres bonitas e de drogas boas. Famoso por encher a cara em bares de S.J do Rio Preto e região. Vulgarmente conhecido como Cascola nas biqueiras que frequenta. Já foi ladrão de carros e namorou três prostitutas. Quando tinha 22 anos tentou o suicídio depois de tentar matar um homem por

motivo banal, se enforcou numa manhã de sexta. Apesar de ter sobrevivido André Rocha teve sequelas na fala e coordenação motora por conta da falta de oxigenação no cérebro. Atualmente é adepto da farra e da putaria desgovernada. Vadio, circula pelos sambas e puteiros e conta com orgulho de quando fugia da polícia e dos assaltos. André Rocha é autor do livro de poemas Suzana Sem Calcinha Na Calçada De Paralelepípedos, pela Editora Carrancas. Ele nunca se regenerou.



Mariana Teixeira é poeta e autora dos livros ‘Inversos Paralelos’ (JAC Editora, 2013) e ‘O que tirei da mala’ (Editora Patuá, 2015). Escreve em seu blog ‘Correndo com os dedos’ (www.correndocomosdedos.blogspot.com.br) e tem textos publicados nos dois volumes da antologia ‘Hiperconexões: realidade expandida’ (Editora Terracota, 2013 e Editora Patuá, 2014), a primeira antologia de poemas sobre o pós-humano da literatura brasileira, organizada pelo escritor Luiz Brás. Em 2014, participou do Festipoa – Festival Literário de Porto Alegre, declamando poemas de seu primeiro livro. Em 2015, teve poemas selecionados para a exposição “Poesia Agora”, realizada no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Ainda em 2015, participou da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco e foi a poeta homenageada na 39ª edição da Revista e Sarau Gente de Palavra. Em fevereiro de 2016, coordenou e organizou junto com a galeria PontoArt, em São Paulo, o sarau “A Poesia Contemporânea e o Legado Literário de 22”, parte integrante da exposição comemorativa dos 94 anos da Semana de Arte Moderna de 1922.



Yasmin Nigri, carioca, 25 anos, é graduada em filosofia pela Universidade Federal Fluminense, onde atualmente cursa o mestrado na linha de estética e filosofia da arte. Feminista, cofundadora e integrante do coletivo Disk Musa, trabalha com produção de conteúdo áudio visual e performance buscando aliar arte a uma atitude política transformadora. O coletivo prepara sua primeira revista de arte e poesia feita só por mulheres para o segundo semestre de 2016. Colabora também com a Oficina Experimental de Poesia, que acontece toda quarta-feira no Méier. Tem poemas publicados nas revistas Mallarmargens, Escamandro, Germina e Jornal RelevO.



Marcus Groza é palavrero e devoto do céu violado.



Felippe Regazio vive em São Paulo e escreve. Publicou Oceana, em 2013, pela editora Ponto da Cultura, Atentado Contra a Vida das Coisas Belas, em 2015, numa edição artesanal. Em 2016, foi menção honrosa pela USP com os poemas do livro Sonata em Mi Menor Para Porcos e Outros Quadrúpedes. Também organiza antologias alternativas e tem diversos trabalhos publicados em revistas, como Mallarmargens, SubVersa, Labirinto Literário, Revista Saúva, Libertinagem, O Emplastro, Revista Gueto, além de alguns jornais locais.



Mike Sullivan é psicólogo e escritor. Em 2015 publicou o romance Corpo Sepulcro pela Editora Confraria do Vento. O livro recebeu Menção Honrosa do Prêmio Literário Cidade de Belo Horizonte 2013.



Odair de Moraes é poeta, escritor e professor da rede pública de ensino. Nasceu em Cuiabá, em 1982. Formado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, onde atualmente cursa jornalismo. Tem textos publicados em diversos periódicos cuiabanos, como RDM, Folha do Estado, Diário de Cuiabá, Cidadão Cultura, editado pelo multimídia Eduardo Ferreira, e Tyrannus Melancholicus, do jornalista e escritor Lorenzo Falcão.

Trabalhou como revisor no jornal A Gazeta. Participou da antologia de contos e poesias “Beatniks, Malditos e Marginais em Cuiabá”, organizada pelo escritor Wuldsom Marcelo. Contos Comprimidos é o seu primeiro livro.



Sara Timóteo publicou Deixai-me cantar a floresta e Chama fria ou lucidez em 2011 pela Papiro Editora. Publicou em 2012 Refúgio Misterioso; em 2014, Os Passos de Sólon, Elixir Vitae e Os quatro ventos da Alma, todos através da Lua de Marfim. Em 2015, publicou O Telejornal (Cadernos de Santa Maria). Em 2016, publicou O Corolário das Palavras (e-book) e Refracções Zero (Orquídea Edições).



Gabriel De Jesus é fruto de Cidade Ocidental-GO. Pai do Francisco. 23 anos. Nunca concluiu um curso superior, mas ainda bate cabeça cursando Filosofia. Músico vagabundo na entidade: O COIOTE. Proxeneta da língua portuguesa em: ILUZINE. Pessimista crônico. Apaixonado compulsivo. Editor na quimera: ARROBOROS PRODUÇÕES UNDERGROUND.



Karoline Andrade, nascida em 94, mesmo ano que Kurt Cobain morreu, meio baiana meio brasiliense, se aventura nas letras pra se perder devagar. Consome música como quem dar-se ao carrasco, como quem se joga aos sonhos mais lindos e como quem ama e carrega na alma as cartas de Maiakovski para Lili. Adora Legião Urbana, Cazuza, mas não esquece as poucas frases do Rauzito que sabe. "Viva a sociedade alternativa!" é o que deve estar escrito em seu coração...



Jovino Machado nasceu em Formiga (MG). Foi criado em Montes Claros e vive em Belo Horizonte. Publicou 15 livros de poemas: Só poesia (2001), Em cantos e versos (1983), Uma mordida para cada língua (1985), Deselegância discreta (1993), Trint'anos proust'anos (1995), Disco (1998), Samba (1999), Balacobaco (2002), Fratura exposta (2005), Meu bar meu lar (2009), Cor de cadáver (2009), Amar é abanar o rabo (2009), Cantigas de amor & maldizer (2013), Meu jeito bêbado de ser (2015) e Sobras completas (2015).



Gabriel Tarragô nasceu em viamão (rs) em 1966 e passou infância e adolescência em joinville (sc). psicólogo e professor universitário há mais de 25 anos. publicou "o desafio das probabilidades" (poemas, ed. patuá, 2014). atualmente mora em mogi das cruzes (sp).



Aldo Jr. é poeta e contista, autor dos livros “O que silencia” (Editora Alternativa Books, 2014) e “A moça com olhos de sessão da tarde” (Editora Penalux, 2016).



Norma de Souza Lopes nasceu ano de 1971, na periferia de Belo Horizonte onde vive até hoje. Filha de mãe gari e pai pedreiro, foi doméstica até que um milagre atribuído a bons professores levou a tornar-se professora e escritora. Publica em <http://normadaeducacao.blogspot.com.br/> desde 2008. Em 2014 lançou seu primeiro livro de poesia chamado "Borda" pela editora Patuá. É escritora Efetiva da Revista Escritoras Suicidas. Participou das antologias "Versos da Violência" da Editora Patuá, "Entre lagartas e Borboletas" da Editora Tubac Book (e-book) e Scenarium Livros Artesanais (versão impressa), Senhora Obscenas da Editora Benfazeja e de diversas publicações virtuais (Germina, Escritoras Suicidas, Mallarmagens, InComunidades, Vida Secreta (artigo "Clarice e o outro em si em dois contos").



Carlos Aloysio é isso: acredita em quase tudo e desconfia demasiadamente do que é certo. É de Órion, uma terra distante. Por enquanto, faz de MG seu refúgio. Não é difícil encontrá-lo.



Leonom Cunha é areia-branquense, nasceu na beira mar do erre-ene. É advogado e poeta. Autor de Gênesis (2012), Dissonante (2014) e Condutor de tempestades (2016). Mora em Natown e adora Manoel de Barros.



Mary Prieto, 24: acredita que a luz dos verbos soprados ressuscita homens mortos e desperta sonâmbulos em diferentes níveis de consciência.

Já tendo publicado "Essência", comprova que a poesia vem para romper a estagnação e impulsionar reação.

Para ela, não basta que a palavra se faça carne. É preciso que seja à flor da pele, com essência de orquídea para respirar.

Em breve lança o "Dicionário Cardiopoético - notas sobre o pulsar dos dias - na tentativa de pelas veias, vozes e vícios humanos, remapear o território perdido da emoção.



Cauê Drumond, 20 anos, ator, músico, estudante de história, arrisca no desenho, colagem artesanal, poeta de blog e adora chá de capim-cidreira.



Bruna Mitrano é escritora, desenhista e articuladora cultural. Publicou o livro ‘Não’ (Ed. Patuá, 2016).



Nil Kremer é gaúcha nascida em 80 e formada em Letras pela UCS. Nas artes já transitou por várias linguagens (como teatro, cinema e circo). Tem por profissão a arte educação. Participou de algumas coletâneas de poemas e tem poemas publicados no livro da Tribo, em fanzines e revistas (digitais e impressas). Lançou recentemente o livro independente e artesanal “Kamikaze”.



Natasha Felix tem 19 anos. Nascida em Santos, se naturalizando em São Paulo há dois anos. Produziu o zine “Anemonímia” em 2016. Bota seus poemas & outros testículos no facebook e no blog anemoniavulcanica.tumblr.com.



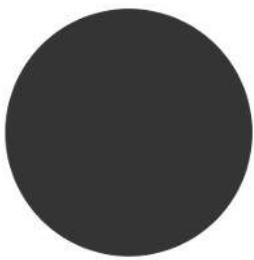
Google is an American multinational technology company specializing in Internet-related services and products that include online advertising technologies, search, cloud computing, software, and hardware.



Jackeline Valentim – Três Lagoas – MS, nascida em São Paulo e professora graduada em Letras pela UFMS, atuante no ensino de jovens e adultos. Leitora apaixonada e aspirante à escritora. Trabalhos publicados anteriormente na antologia poética Nós da Poesia Vol. 2, organizado pelo instituto Imersão Latina; Rima Rara 2013; Sarau Brasil 2015, Revista Plural – RJ; Revista Gente de Palavra nº 49. Outros textos em zumbiliterario.blogspot.com.br.



André Mellagi: psicólogo, teve coletânea de contos pré-selecionada ao Prêmio Sesc de Literatura em 2016 e recebeu Menção Honrosa no Programa Nascente da USP em 2014 na categoria Texto. Já colaborou em blogs dedicados à literatura e participou da primeira edição da revista Pulp Fiction do site Homo Literatus.



João Gabriel (ou Juan Molotov, Gabiru Molotov) estudante de psicologia, e fãboy de Chuck Palahniuk. Fã de cinema mas tem preferência ao italiano.



Gabriel Felipe Jacomel é autor da Deflora (Patuá, 2016). Escreve também em faziafagiaebulimia.com



Rojefferson Moraes é professor, poeta e contista. Autor de três livros de poemas publicados de forma independente em Manaus pelo Selo Coleção de Rua. Acaba de assinar contrato com a Editora Penalux por onde irá lançar “O dia em que Carla Assassinou o meu gato e outras crises de amor” (poemas), ainda este ano.



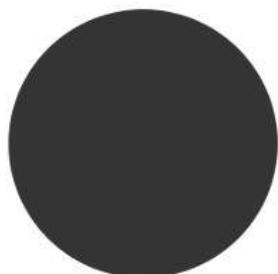
Dimitri Brandi, 39 anos, vive em São Paulo. É escritor, compositor, músico, guitarrista e vocalista da banda de death metal Psychotic Eyes. Advogado nas horas vagas.



Roge Weslen é estudante e escritor. Vive em Belém, sempre tomando cuidado para nenhuma manga cair na sua cabeça, tropeçando nas ruas e se esquivando dos odores fétidos da cidade. Mora na periferia e dela extrai o material viscoso de seus escritos, que talvez não valham nada, que talvez sejam grandiosos. Mas ele não sabe disso. Ele escreve apenas, se esquivando das balas perdidas e da total indigência do local.



Rodrigo Melo vive em Ilhéus, no sul da Bahia, e tem três livros publicados.



Ayra Nieretev é habitante de uma dimensão invisível e afina e desafina conforme a inspiração.

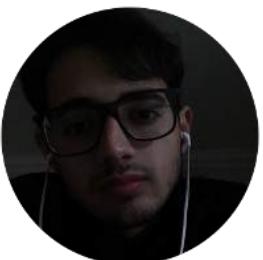


Rafael Vieira - Desde que enfiou na cabeça que queria ser escritor - ganhou um divórcio, um retorno à casa dos pais na periferia de São Paulo, uma justa causa e uma dívida astronômica no Banco do Brasil. Ganhou três faculdades nunca terminadas, algumas crises de ansiedade e ressacas monstruosas às terças-feiras.

e contos sobre o cotidiano. A única coisa que ele perdeu foi a sanidade rotineira de uma vida sem poesia. Pode-se dizer que ele não perdeu nada. Rafael tem 31 anos e mora no extremo leste de São Paulo sem se arrepender de nada.



João Diogo Cristóvão Ricardo, nasceu no dia 17 de Maio de 1993 em Lisboa, Portugal. O que começou como uma paixão pelo desenho e arquitetura transformou-se lentamente numa ligação com as artes, literatura, filosofia e música. Composer e escritor freelance, com um pequeno livro de poesia editado, Um Ladrão de Fogo, e algumas peças musicais espalhadas pela internet sob o nome de Blind Adagio. Muito longe de ser uma sensação online, é mais como um vagabundo cibernetico, visto mais regularmente pelos cafés com um computador e um cigarro.



Igor Mososki, escritor hipopotomonstroesquipedaliofóbico; pseudo-intelectual em busca de pseudoverdades; nasceu em Curitiba, mas naturalizou-se em Tchilambuco; É uma empreitada no espaço; Se diz caíçara, mesmo sendo piá de prédio - dono de uma varanda com vista para o implícito; asmático, míope é poeta nas horas de sensações vagas.



André Nogueira é jornalista, poeta e saudosista. Possui uma lista de livros para colocar em dia, não leu tudo que precisava e nem tudo que gostaria. Amante de São Paulo, de seu caos e poesia. Boêmio moderno, romântico clássico e pai de menina.



Rennan Sama. 19 Anos. Poeta. Escreve pra duas páginas maravilhosas: 'Derivantes Delirantes' & 'Que tal, Cultura?' Um livro de poemas publicado porém nada conhecido: 'Ancorado', pela editora carioca 'Autografia'. Começou a escrever aos onze anos observando formigas e suas vidas tristes e sem razão.



Marcella Reis nasceu em 1984, em Goiânia (Goiás), Brasil, e reside em Portugal há 18 anos, na zona de Sintra. Tem três obras editadas: «Era Uma Vez a Poesia...» (Chiado Editora, 2012) e «O Dia Em Que Pari Minha Mãe» (Edições Vieira da Silva, 2013) e Lágrima Artificial (AlmaLusa, 2016). Foi classificada em 3º Lugar no Concurso Internacional de Contos de Araçatuba, venceu o concurso Peças de Um Minuto com a peça «Beijo de Línguas» e

obteve Menções Honrosas no Concurso Literário de Goiás e no Concurso Nacional de Poesia da CICDR. Fez parte dos 4º e 5º Festival Internacional de Poesia «Grito de Mulher» (CEMD – Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora), é membro académico da ALAF (Academia de Letras e Artes de Fortaleza), participou em várias antologias poéticas e obras colectivas e é uma presença regular nas Antologias Sui Generis. É ainda Agente Literária e acaba de classificar-se em primeiro lugar no 1º concurso de prosa erótica da Silkskin Editora.



Adri Aleixo é poeta e professora mineira que vive na linda Belo Horizonte. Participa das antologias Escriptonita, 30 anos do Psiu Poético e Sobre Lagartas e Borboletas. Possui textos publicados em sites e revistas como Suplemento Literário de Minas Gerais, Caderno Pensar EM, Germina, Mallarmargens e outros. Publicou dois livros de poesia pela editora Patuá: Des.caminhos(2014) e Pés(2016).



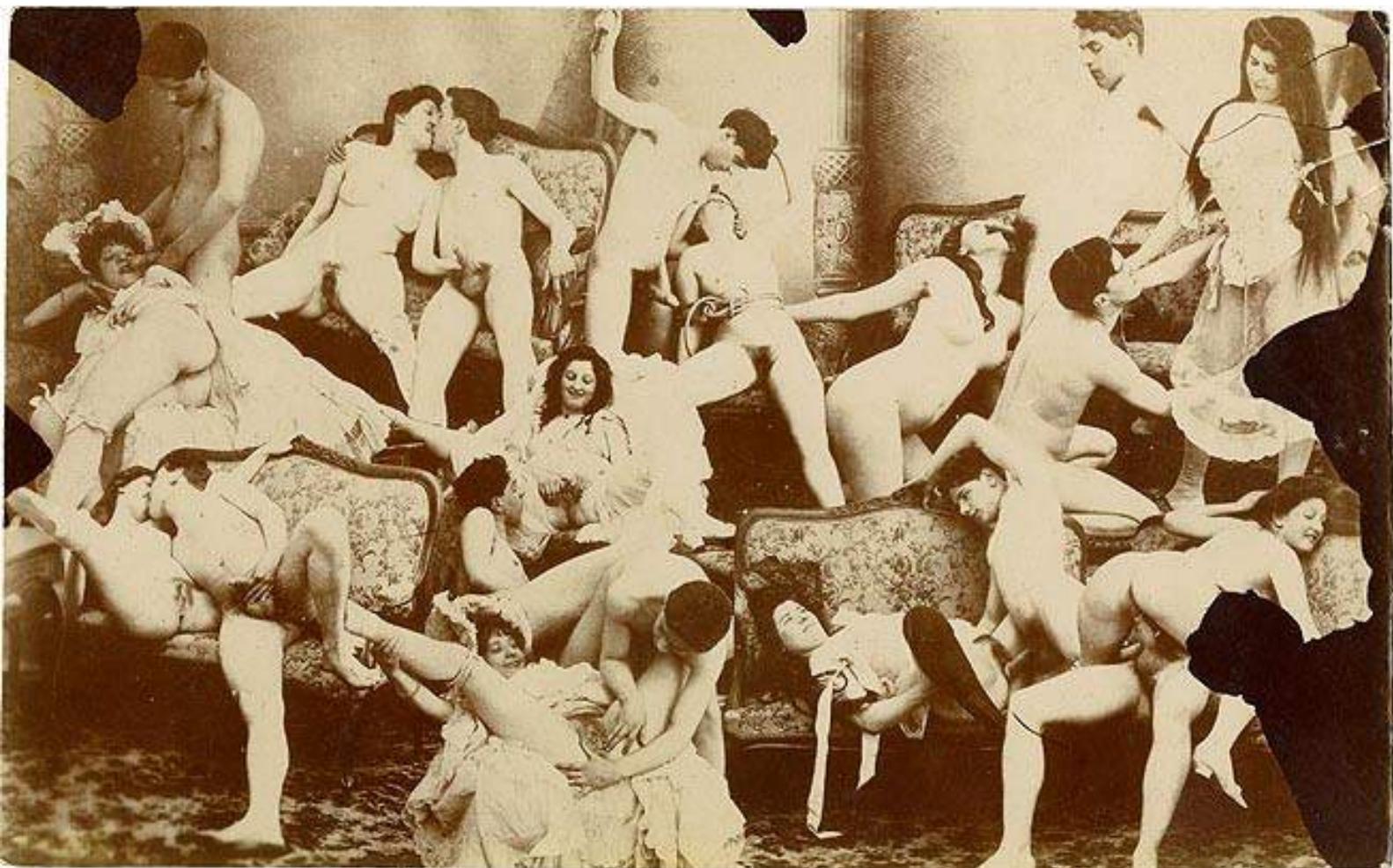
Vítor Oliva foi parido e criado no escaldante sertão norte-mineiro. Quando criança, haviam mais vacas e mulas nas ruas do que gente. Agora, adulto, lamenta que não seja mais assim. Tentou buscar na literatura uma forma de amenizar a loucura que, quando veio, não foi em sentido figurado. Até hoje não sabe se encontrou um esteio ou se piorou o quadro. De qualquer forma, acredita que tudo que não vira poesia, vira pó. Portanto, escreve pra se salvar.



Andri Carvão nasceu em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em 1978, auge do movimento punk. Artista plástico frustrado, poeta fracassado e crítico literário iletrado, segue tentando graduar-se em Letras, com habilitação em espanhol, pela Universidade de São Paulo. Publica poemas regularmente na revista online Labirinto Literário, é colunista do site Educa2 e autor da trilogia poética “Um Sol Para Cada Montanha”, livro inédito e impublishável.



Bruno Sanctus é o pseudônimo de Yulia Martins, uma garota de 16 anos que mora em Jaboticabal e deseja cursar psicologia. É fã de rap e mitologia grega, sem contar que é totalmente dionisíaca. Acredita que deus é uma mistura de Quentin Tarantino com Lars Von Trier e Gaspar Noé. Ama amendoim japonês, cerveja, marlboro vermelho, tragédias gregas e a Mel, sua cadelinha vira-lata.



O Copyright de cada texto aqui presente é de responsabilidade individual dos autores que, gentilmente, cederam seus textos e os direitos de uso para esta publicação. O editor não recebe nenhum ônus e não possui controle editorial sobre a exposição desse conjunto. É terminantemente proibida a desassociação de informação do conjunto dessa obra ou veiculação parcial da mesma sem os devidos créditos, comprometendo-se ao máximo em informar e certificar-se do consentimento dos autores responsáveis, ou autor, a depender. Os textos aqui presentes foram publicados integralmente da forma que foram cedidos pelos autores, mantendo a estética e a linguagem, estando assim fora da responsabilidade da edição quaisquer eventuais ~~erros~~ erros ou uso indevido de informação. As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as do editor ou dos colegas presentes na mesma antologia.



GENGIBRE

Diálogos para o Coração das
Putas e dos Homens Mortos